

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 2
1992



Instituto Nacional de Investigação Científica

TÍTULO

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 2 1992

ISSN: 0871-682X

DIRECTOR

Maria Leonor Machado de Sousa

SECRETÁRIO

Isabel Maria da Cruz Lousada

COMISSÃO REDACTORIAL

Maria Leonor Machado de Sousa

Maria Laura Bettencourt Pires

Filipe Furtado

DIRECÇÃO E REDACÇÃO

Centro de Estudos Comparados de Línguas
e Literaturas Modernas — Linha de Acção N.º 1 —
da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade
de Ciências Sociais e Humanas
Avenida de Berna N.º 24, 1000 Lisboa

EDIÇÃO

Tiragem: 1000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Arranjo gráfico de Mário Vaz, a partir de selo existente
na Ratificação do Tratado de Ricardo II, Rei de Inglaterra
com D. João I — 1386 — Arq. Nacional Torre do Tombo

FOTOCOMPOSIÇÃO: Neograf — Artes Gráficas, Lda.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Minigráfica — Coop. de Artes Gráficas, CRL

Rua da Alegria, 30 — 1200 Lisboa — Telef. 346 47 20

DISTRIBUIÇÃO

Imprensa Nacional - Casa da Moeda

R. Marquês de Sá da Bandeira, 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 60435/92

Revista de Estudos Anglo-Portugueses

Número 2



Instituto Nacional de Investigação Científica
Centro de Estudos Comparados
de Línguas e Literaturas Modernas

Lisboa
1992

S U M Á R I O

1. Projecto *Dicionário Bibliográfico Português*
de Inocêncio Francisco da Silva
 - 1.1 — Apresentação 7
Maria Leonor Machado de Sousa
 - 1.2 — Obras traduzidas do Inglês 9

2. ESTUDOS
 - John Norton: Um (Outro) Olhar Sobre Novos Tempos e Problemas*
Paulo Oliveira Ramos 67
Assistente na Universidade Aberta

 - O Relato de Viagem de Costigan sobre Portugal*
Maria Zulmira Bandarra de Sousa 79
Assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

 - Hassan, O Talba — O Mouro de Portugal de Anna Eliza Bray*
Maria Luísa Fernandez Alves 105
Assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

3. RECENSÃO CRÍTICA
 - John Pemble, The Mediterranean Passion.
Victorians And Edwardians In The South*
Maria Teresa Pinto Coelho 117
Assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

PROJECTO

DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS DE INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA

As actividades do núcleo, mais tarde linha de acção, de Estudos Anglo-Portugueses iniciaram-se com um projecto de investigação centrado no Dicionário. Obra de difícil abordagem por qualquer critério que não seja o do nome de autor, contém, todavia, informação abundante e de grande importância para o esclarecimento do que foi em Portugal a evolução do livro e das áreas de interesse que iam justificando o trabalho de autores e a actividade dos editores.

A Biblioteca Lusitana de Barbosa Machado surgira antes da vulgarização das actividades editoriais e de publicação, daí que o Dicionário, cerca de 150 anos depois, tenha o valor de uma primeira tentativa de organização bibliográfica do panorama português. Representa um esforço gigantesco de pesquisa por parte do responsável, mas não pode esquecer-se a contribuição por ele recebida de todo o país. Pelo material ainda guardado no espólio de Inocêncio, podemos verificar como das povoações mais distantes e talvez inesperadas lhe foram enviadas notícias de obras por vezes esquecidas mas que foram enriquecer a listagem e os pormenores contidos nos 15 volumes de que o trabalho organizado por Inocêncio e completado por Brito Aranha se compõe.

No domínio dos estudos anglo-portugueses, interessa saber o que foi escrito sobre assuntos britânicos e o que foi traduzido ou imitado de obras em língua inglesa. Trata-se de uma primeira abordagem da forma como a cultura britânica penetrou em Portugal e das áreas privilegiadas nesse percurso. Igualmente, embora essa não seja uma linha de grande importância no Dicionário, alguma coisa poderá ser detectada no que se refere aos temas portugueses divulgados em Inglaterra, incluindo o contexto cultural e político das épocas em que foram tratados.

Uma vez feito o levantamento sistemático do material recolhido no Dicionário, cujos resultados agora começamos a apresentar, fica demonstrado que, em termos gerais, os primeiros contactos de Portugal com a cultura britânica se fizeram no século XVIII, a nível científico, sobretudo no âmbito das Ciências Naturais e da Medicina. Para o fim do século começou a acentuar-se uma influência literária, que não mais se perdeu.

Será também importante analisar a literatura política de períodos ou circunstâncias que tiveram especial significado no âmbito português e de

cooperação luso-britânica, como as invasões napoleónicas, a instauração do liberalismo e a questão da legitimidade das posições de D. Pedro IV e de D. Miguel.

Dada a envergadura da tarefa proposta, o Dicionário tem lacunas, sobretudo a nível das traduções de romances publicados em colecções populares e também, evidentemente, no que se refere a textos integrados em publicações periódicas, sobretudo no âmbito da poesia traduzida, mas o material que nele é possível reunir em qualquer área é um bom ponto de partida para trabalhos especializados. As listagens já organizadas, e que poderão ainda ser cruzadas de várias maneiras, pretendem facilitar o trabalho dos investigadores e dar sugestões para estudos variados no domínio das relações culturais anglo-portuguesas.

Ao fim de mais de cem anos de consulta do Dicionário, e de recurso a outras fontes, não se espera ter encontrado estrondosas novidades, mas recolheram-se, sem dúvida, elementos importantes e conseguiu-se sobretudo uma visão global da área em que temos centrado os nossos estudos.

Este trabalho, que, devido ao seu próprio carácter e à escassez de meios humanos, levou alguns anos a realizar, pôde concluir-se graças ao empenho e dedicação de um grupo de investigadores do Centro que têm direito a ter os seus nomes aqui registados:

Iolanda Freitas Ramos
Isabel Cruz Lousada
Isabel Oliveira Martins
Maria da Conceição Castel-Branco
Maria João da Rocha Afonso
Maria Luísa Fernandez Alves
Maria do Rosário Sousa Leitão
Maria Zulmira de Sousa

Maria Leonor Machado de Sousa

Nota: Cada entrada reproduz a descrição do *Dicionário*, com as indicações de tomo, alínea e página.

As iniciais S.D.P. referem-se a *Subsídios para um Dicionário de Pseudonyms, Iniciais e Obras Anonymas...* Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

A. OBRAS TRADUZIDAS DO INGLÊS

1. ABBADE, seguimento do "Mosteiro". Romance de Sir Walter Scott. [Trad. por] José Maria Salles Ribeiro. Lisboa, 1844, 8.º, 3 tomos. (XIII, 9823), pág. 105.) [Scott, Walter, *The Abbot*, Edinburgh, 1820.]
2. ACTAS DA SOCIEDADE LINNEANA de Londres. Trad. por Felix de Avellar Brotero (?), 2.ª série, t. III, Lisboa, 1842. (II, 52), pág. 263.) [O original poderá ser uma das seguintes obras: *Transactions of the Linnean Society*, 1791-1875; *Proceedings of the Linnean Society of London from November 1838 to June 1848* (from November 1848 to June 1855), London, 1849.]
3. AFONSO E ISOLINA. Traduzido livremente do inglês, de Lewis. Trad. por Alexandre Herculano, in *Repositorio Literario*, n.º 13, 15.4.1835, pág. 103. (XXI, pág. 184 e pág. 364.) [Lewis, Matthew Gregory, "Alonzo the Brave and the Fair Imogine", balada in *The Monk*, London, 1795.]
Uma nova versão foi publicada, com a assinatura «Alexandre Herculano de Carvalho» no *Correio das Damas*, t. I, n.º 14, 15.7.1836 e em *O Passatempo*, vol. III, n.º 4, 31.8.1838. Ambas as revistas são de Lisboa.
4. AGULHA DE MAREARRECTIFICADA; que contem taboas para conhecer a verdadeira hora do dia, Andre Wabley. Traduzido do inglez. Trad. por António Vieira. Londres, 1862, 4.º, de 16-323-4 páginas. (XXII, 2715), pág. 374.) [Wakeley, Andrew, *The mariner's compass rectified. Containing tables shewing the true hour of the day [...] and tables of amplitude. All which tables are calculated [...] to 63 deg. of latitude. Hereunto is added an appendix, containing the description and use of those Instruments most in use in the art of navigation [...] corrected [...] enlarged [...] by J. Atkinson*, London, 1694.]
Há uma outra edição de Londres, 1750, 8.º e outra em 1755: *The Mariner's Compass rectified [...] Enlarged with many useful additions, by J. Atkinson. The whole revised, and carefully corrected [...] by William Mountaine*, London, 1755.
5. ALGUNS DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTÓRIA DAS RECLAMAÇÕES FEITAS PELOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA A PORTUGAL. Trad. por Jorge César de Figanière, in *A Esperança*, jornal, n.ºs 145, 147, 150 e 157. S/1, 1853. (XII, 7719), pág. 176.)

6. AMANDA E OSCAR, ou Historia da família do Dunreath: traduzida em portuguez. Trad. por António Vicente de Carvalho e Sousa. Lisboa, 1827, 8.º, 6 tomos. (I, 1599), pág. 286.) [Roche, Regina Maria, *The Children of the Abbey, A Tale*, London, 1796.]
7. AMOSTRAS DE TRADUÇÃO DOS CONTOS E POESIAS DE EDGAR PÖE, feita no original inglez (Trad. por João Augusto da Graça Barreto. Obra no prelo. (X, 5477), pág. 167.) [Poe, Edgar Alan, *Tales of mystery and imagination*, Halifax, Milner and Sowerby, 1855.]
8. ANALYSE CHIMICA DA AGUA DAS CALDAS DA RAINHA. Trad. por Guilherme Withering. Lisboa, 1795. (III, 214), pág. 172.) [Withering, William (The Elder), *A Chemical Analysis of the Water at Caldas da Rainha*, Lisboa, 1795.]
9. ANNA DE GEIRSTEIN, ou a Donzella do Nevoeiro, de Walter Scott. Trad. por André Joaquim Ramalho e Sousa. Lisboa, 1842-1843, 8.º, 4 tomos. (I, 312), pág. 63.) Scott, Walter, [*Anne of Geierstein; or, the maiden of the Mist*. By the author of "Waverley", Edinburgh, 1824.]
10. APONTAMENTOS PARA A BIOGRAPHIA DO CIDADÃO JOSÉ DA SILVA PASSOS, por Alg. Sidney. Trad. por Manuel Joaquim Pereira da Silva. Porto, 1848, 8.º. (VI, 810), pág. 20.)
11. APOSTROPHE Á HUMANIDADE, extrahida do poema inglez de Mr. Pratt, intitulado "Sympathia". Trad. por Francisco Manuel de Oliveira. Lisboa, 1793, meia folha de papel. (II, 1363), pp. 457-458.) [Pratt, Samuel Jackson, *Sympathy a poem*, London, 1871 [2nd. ed.].]
12. AVISOS INTERESSANTES Á HUMANIDADE, ou collecção de alguns artigos concernentes á restauração da vida dos affogados, e outros casos de morte aparente, ou animação suspensa. Extrahidos de escriptos publicados em Inglaterra por ordem da Sociedade Humana... Trad. por Francisco Manuel de Oliveira. Lisboa, 1788, 8.º. (IX, 2578), pág. 336.) [Royal Human Society, *Plan and Reports of the Society instituted at London in the year 1774, for the recovery of persons apparently drowned, (with an Appendix)*. London, 1755.]
13. BIBLIA DA NATUREZA, ou a religião catholica demonstrada pela natureza e razão, por Joaquim Maximo Virginiano Gomes, traduzido do inglez por seu sobrinho José João Gomes Junior. Porto, 1864, 8.º, 175 páginas. (XIII, 9131), pág. 18.) [Gomes, Joaquim Máximo Virginiano, *The Bible of Nature or the catholic religion demonstrated by nature and reason*, Dublin, 1837.]
14. BOSQUEJO HISTORICO DE GOA, escripto em inglez pelo reverendo Diniz L. Cottineau de Kloguen, vertido em portuguez, e accrescentado com algumas notas e rectificações. Trad. por Miguel Vicente de Abreu. Nova Goa, 1858, 8.º. (VI, 1825), pág. 251./ XVIII, pág. 358.) [Kloguen, Denis Louis Cottineau de, *An Historical Sketch of Goa... with an account of the present state of that celebrated city, and of the surrounding territories under its immediate jurisdiction, etc.*, Madras, 1831.]

15. BREVE TRATADO DO JOGO DO WHIST, que contém as leis gerais do jogo, e algumas regras pelas quaes se pôde conseguir o jogar-se bem. Traduzido da língua ingleza. Trad. por Luís de Vasconcellos Botelho. Lisboa, 1768 (2.^a ed.), 8.^o de 150 páginas. (V, 803), pág. 334.) [Hoyle, Edmond, *The Polite Gamester: containing short treatises on the games of Whist, Quadrille, Back-gammon, Piquet and Chess...*, Dublin, 1745.]
16. BREVES CONSIDERAÇÕES Á CERCA DA NAVEGAÇÃO POR VAPOR, em relação á força das machinas, economia do combustível e extensão das viagens. Extrahidas do inglez. Trad. por Carlos Testa. Lisboa, 1860. 8.^o gr., 16 páginas. (IX, 764), pág. 45.)
17. O CABAZINHO DE FLORES, traduzido do inglez. Trad. por António Joaquim Nery. Lisboa, 1847, 8.^o (VIII, 2644), pág. 187./ S.D.P., 2.^a parte, 18), pág. 98.)
18. CAPITAL, CIRCULAÇÃO E BANCOS, ou serie de artigos publicados no "Economista" em 1845 sobre os principios da lei bancaria em 1844, e em 1847 sobre a crise monetaria e commercial d'este ultimo anno, seguida de um plano de circulação segura economica, por James Wilson... traduzida pelo Dr. Luis Joaquim de Oliveira e Castro. Paris, 1859, 8.^o gr. de XXXII-369 páginas. (V, 610), pág. 298.) [Wilson, James, *Capital Currency and Banking...*, London, 1847.]
19. O CARACTER, por Samuel Smiles (destinado às escolas primárias e populares). Trad. por Alberto Telles. (XX, 7), pág. 118.) [Smiles, Samuel, *Character, etc.*, London, 1871.]
20. CARTA DE HENRIQUE GALLY KNIGHT, dirigida a Lord Aberdeen. Trad. por Luis Francisco Midosi. (V, 561), pág. 290.) [Knight, Henry Gally, *A Letter to the Earl of Aberdeen...*, London, 2nd. ed., 1829.]
21. CARTA DIRIGIDA AO CAVALHEIRO JOSÉ HUME, membro do parlamento, sobre o ultimo debate havido na camara dos commons a respeito dos negocios de Portugal, por um Anglo-Lusitano. Vertida em portuguez e annotada. Trad. por António Pereira dos Reis. Lisboa, 1847, 8.^o gr. de VII-223 páginas. (II, 197), pág. 39/VIII, pág. 282./XV, 1908-328.^a), pág. 326./S.D.P., 3.^a parte, 151), pág. 178.) [*A letter to Joseph Hume, Esq., M. P., upon the late debate on Portugal. By an Anglo-Lusitanian*, London, 1847.]
22. CARTA DO CONDE DE SHREWBURY ao illustre Ambrosio Lisle Philips, traduzida do alemão para o inglez e d'este para o portuguez. Trad. por Alexandre José da Silva de Almeida Garret. Porto, 1842, 8.^o gr. (I, 204), pág. 37.)
23. CARTA DO DOUTOR ALEX. THOMPSON a um seu amigo sobre a natureza, causas e methodo de curar as doenças nervosas. Traduzido do inglez, da terceira edição que o auctor publicou em 1782. Trad. por Felix de Avellar Brotero. Manuscrito, 8.^o, com 2 cadernos e 16 folhas. (II, 62), pág. 263.)

24. CARTA PARA MEUS FILHOS. Trad. por José Valerio Capella. (XIII, pág. 380.)
O autor do *Dicionário* transcreve uma carta do Sr. J. A. Ismael Gracias, onde obteve esta informação: "N'aquella cidade vivia de lições que dava, e publicou um folheto traduzido do inglez, sob a epigraphe *Carta para meus filhos...*."
25. CARTAS ESCOLHIDAS. Traduzidas do original inglez para vulgar. Trad. por P. José Gonçalves da Cruz Viva. Lisboa, 1860, 8.º de 157 páginas. [1.ª ed. 1849 ou 1850.] (XII, 8672), pág. 350.)
26. CARTAS QUE ESCREVERAM O CONDE DE GYLLENBERG, OS BARÕES DE GORTZ E SPARR, ministros de Suecia, nas quaes se contem o designio da premeditada rebellião nos estados d'El Rei da Gran-Bretanha, etc. Traduzidas no idioma portuguez por J.F.M.M.. Trad. por José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Lisboa, 1717, 4.º de 44 páginas. (IV, 3342), pág. 346./S.D.P., 233), pág. 130.) [Gyllenborg, Carl, *Letters which passed between Count Gyllenborg, the barons Gortz, Sparre, and others, relating to the design of raising a rebellion in his majesty's dominions, to be supported by a force from Sweden*, London, 1717.]
27. CARTAS SOBRE O ULTIMO, E PRESENTE ESTADO DO REYNO DE PORTUGAL. Vertidas do original inglez. Com o compendio historico e analitico que dellas fez... Marquez de Pombal... [Trad. por] (?). (XIX, 138), pág. 35.) [Trata-se de uma das versões da obra atribuída geralmente a Philadelphia Stephens: *Letters from Portugal on the late and present state of that kingdom*, London, 1777.]
28. A CASA DOS MÊDOS, conto fantástico, traduzido do original inglês, etc... Trad. por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana in jornal *O Dia* de 17.12.1901 a 10.1.1902. (XXII, 925), pág. 114.) [Lytton, Lord Bulwer, *The Haunted and the Haunters; or, the House and the brain.*]
29. CASO DE ELEPHANTIASIS dos arabes, pelo Dr. Bentley, cirurgião em Singapura. Trad. por Pedro Severiano de Magalhães, in *Progresso médico*, ano II, pág. 494. (XVII, 11026), pág. 230.)
30. CATALOGO DOS RETRATOS DOS DISTINTOS COMMANDANTES DOS NAVIOS DA ARMADA NAVAL BRITÂNICA, e representação dos seus actos heroicos, conforme se acha em exposição na galeria do hospital de Greenwich: revisto e illustrado por Joseph Allen, Esq. traduzido livremente do original inglez. Trad. por Joaquim José Ignacio. Duvenport, 1847, 8.º gr. de 46 páginas. (XII, 7152), pág. 84.) [Allen, Joseph, *The New Navy List, and General Record of the Services of Officers of the Royal Navy and Royal Marines*. Conducted by J. Allen. 1832.]
31. CATÃO de Addison. Trad. por José Maria da Costa e Silva. (V, pág. 28.) [Addison, Joseph, *Cato*, London, 1713.]

32. CATHECISMO DE CHYMICA E GEOLOGIA AGRÍCOLA do Professor Johnston, traduzido do inglez. Trad. por João Allen. Porto, 1857, 8.º (III, 254), pág. 283.) [Johnston, Jacob Finby Weir, *Cathecism of Agricultural Chemistry and Geology*, Edinburgh, 1844.]
33. O CEMITERIO D'ALDÊA. Tradução em prosa. Publicado juntamente com as *Meditações...* de Hervey. Trad. por José Freire da Ponte. Lisboa, 1805, 8.º (IV, 3448), pág. 353.) [Gray, Thomas, *An Elegy Wrote in a Country Church Yard. With an "advertisement" by Horace Walpole*, London, 1751, e Hervey, James, *Meditations among the Tombs*, London, 1746.]
34. O CEMITERIO DA ALDEIA, de Thomaz Gray. In *Algumas poesias de Henrique Ernesto d'Almeida Coutinho*. [Trad. por Henrique Ernesto de Almeida Coutinho. Porto, 1836, 8.º (III, 23), pág. 183./X, pág. 8.) [Gray, Thomas, *An Elegy Wrote in a Country Church Yard. With an "Advertisement" by Horace Walpole*, London, 1751.]
35. O CEMITERIO D'ALDÊA. In *O Instituto*, Coimbra, 1853, 2.º vol. páginas 70-71. [Trad. por] Francisco de Castro Freire. (IV, pág. 354.) [Gray, Thomas, *An Elegy Wrote in a Country Church Yard. With an "advertisement" by Horace Walpole*, London, 1751.]
36. O CEMITERIO D'ALDÊA, elegia, imitada de Gray, in *Obras poeticas de D. Leonor de Almeida etc. Conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de "Alcipe"*, tomo IV, Lisboa, 1844. (8.º, 6 vols.) [Trad. por] D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre. (V, 53), pág. 177.) [Gray, Thomas, *An Elegy Wrote in a Country Church Yard. With an "advertisement" by Horace Walpole*, London, 1751.]
37. O CERCO DE CORINTHO: poema de Lord Byron traduzido em verso solto portuguez. Trad. por Henrique Ernesto de Almeida Coutinho. Porto, 1839, 8.º gr. (III, 24), pág. 183.) [Byron, George Gordon, *The Siege of Corinth. A poem. Parisina. A poem*. London, 1816.]
38. CHARLES ABBOT, Tractado das Leis relativas a navios mercantes e marinheiros. Trad. por António Julião da Costa, Liverpool, 1819, 8.º gr. (I, 949), pág. 182.)
39. CHAVE DA PRATICA MEDICO-BROWNIANA, ou conhecimento do estado esthenico e asthenico predominante nas enfermidades; pelo Dr. Weikard; em hespanhol com um compendio da theoria Browniana pelo Dr. Vicente Mitjaville e Fisonel; e em linguagem com algumas notas. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Lisboa, 1800-1807, 8.º, 4 tomos. (VI, 779), pág. 16.)
40. CHOLERA-MORBUS. O artigo Cholera da *Cyclopaedia Britannica*, traduzido do inglez. Trad. por João Felix Pereira. Lisboa, 1848, 8.º de 133 páginas. (II, 25), 232.) [Poderá ser a mais recente edição da *Encyclopaedia Britannica*, 1842.]

41. AS CINCOENTA RAZÕES DO DUQUE DE BRUNSWICK para abjurar o protestantismo e abraçar a religião catholica romana. Traduzido do inglez. Trad. por João José de Amaral. Ponta Delgada, 1844, 4.º de 64 páginas. (III, 881), pág. 390.)
42. COLLECÇÃO DE MEMORIAS INGLEZAS SOBRE A CULTURA E COMMERCIO DO LINHO CANAMO tiradas de diversos auctores, que devem entrar no tomo V do *Fazendeiro do Brasil*: traduzidas e publicadas por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1799, 8.º (V, 4267), pág. 56.) [Esta obra contém traduções de memórias e ensaios publicados em *Musem Rusticum et Commerciale: or selected papers, commerce, arts and manufactures ...* ("Letters to publishers"), London, 1764-1766; *Annals of Agriculture, and other useful arts*, vols. 8-12, 1787-1789, London, 1784-1815; *The Reportory of Arts and manufactures; consisting of original communications, specifications of patent inventions, and selections of useful practical papers (...)* vol. 5., 1796, London, 1794-1802.]
43. COLLECÇÃO DE VIAGENS E JORNADAS ÀS QUATRO PARTES DO MUNDO, traduzidas do inglez. Trad. por José Vicente Rodrigues. Porto, 1790, 8.º, 4 tomos. (V, 4983), pág. 154.) [Moore, John Hamilton, (ed.) *A New and Complete Collection of Voyages and Travels [...]*, London, 1780.]
44. COMBATE DOS ANJOS E DOS DEMÓNIOS, extrahido de Milton. in *Várias Traduções Poeticas*. Trad. por Manuel Rodrigues da Silva Abreu. (VI, 1258), pág. 97.) [Milton, John, *Paradise Lost*, 1667. A descrição do combate encontra-se no livro VI.]
45. O COMMERCIO ORIENTAL. Descrição mercantil de todos os portos que jazem desde o Cabo da Boa-Esperança até ao Japão; dos pesos, medidas e moedas que n'elles se usam, etc. Extrahida em parte, e em parte ampliada da obra de Milburn. Trad. por José Silvestre Rebello, Rio de Janeiro, 1820, 4.º. (V, 4849), pág. 134.) [Milburn, William, *Oriental Commerce; containing a geographical description of the principal places in the East Indies, China and Japan, with their produce manufactures and trade...*, London, 1813.]
46. COMPENDIO DA OBRA "Da riqueza das nações" de Adão Smith, traduzido do inglez. Trad. por Bento da Silva Lisboa, Rio de Janeiro, 1812 (?), 8.º gr., 3 tomos. (I, 185), pág. 354.) [Smith, Adam, *An Enquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*, London, 1766.]
47. COMPENDIO DE AGRICULTURA, resumido de várias memorias offercidas à Sociedade de Bath, traduzidas do inglez, etc. Trad. por Ignacio Paulino de Moraes, Lisboa, 1801, 4.º, 5 tomos. (III, 73), pág. 213.)
48. COMPENDIO ELEMENTAR DE GEOGRAPHIA para uso da mocidade que frequenta as escolas, traduzido do inglez. Trad. por I. F. de Gouveia. Bombaim, 1866, 8.º gr. de 80 pág. e mais 4 de índice. (X, 172, pág. 48.)

49. COMPENDIO DE REFLEXÕES de Sanches, Pringle, Monro, Van-Swieten e outros, acerca das causas, prevenções, e remedios das doenças dos exercitos. Trad. por Alexandre António das Neves Portugal, Lisboa, 1797, 12.º de XIV. 84 páginas. (I, 154), pág. 28.) [Foram identificados os seguintes originais: Monro, Donald, *An Account of the Diseases which were most frequent on the British Military Hospitals, in Germany from 1761 to 1763*, London, 1764; Monro, Donald, *Observations on the Means of preserving the Health of Soldiers*, London, 1762; Pringle, John, *Observations on the Diseases of the army in camp and garnison*, London, 1752.]
50. CONHECIMENTO PRATICO DOS MEDICAMENTOS, ou nova Pharmacopea, por Mr. Lewis: tradução correcta e augmentada de notas. Trad. por Caetano José de Carvalho. Lisboa, 1815, 4.º, 3 volumes. (II, 29), pág. 10.) [Lewis, William, *The New Dispensatory: containing I. The Theory and practice of Pharmacy... II. A Distribution of Medical Samples... III. A Full Translation of the London and Edinburgh Pharmacopeias... .* London, 1753.]
51. CONNEMARA, ou uma eleição na Irlanda. Romance por Mr. Crowe, traduzido em Portuguez. Trad. por Camillo Aureliano da Silva e Sousa. Porto, 1843, 18.º. (II, 77), pág. 15.) [Crowe, Eyre Evans, *Today in Ireland*, London, 1825.]
52. CONSIDERAÇÕES CANDIDAS E IMPARCIAIS sobre a natureza do commercio do assucar. Traduzido do inglez. Trad. por António Carlos Ribeiro Machado de Andrade e Silva. Lisboa, 1804, 4.º com estampas. (I, 507), pág. 104.)
53. CONSIDERAÇÕES E CONJECTURAS sobre as funções e sobre as enfermidades dos nervos. Traduzidas do Dr. Musgrave. Trad. por António José Martins da Lomba. Lisboa, 1787. (VIII, 2726), pág. 205.) [Musgrave, Samuel, *Speculations and Conjectures on the Qualities of the Nerves*, London, 1776.] Esta obra inclui também as *Observações da Gangrena dos Pés*, etc., de Percival Pott. [Pott, Percival, *The Chirurgical Works of Percival Pott*, London, 1775.]
54. CONSPIRAÇÃO EM MINAS GERAES no anno de 1788. Trad. por José de Rezende Costa, in *Revista Trimensal*, II serie, 1846, pág. 297. (XIII, 10275), pág. 180.) [Southey, Robert, *The History of Brazil*, London, 1810-19. "Conspiração em Minas Geraes" é um artigo traduzido desta obra de Southey.]
55. CONSTRUCÇÃO E ANALYSE DAS PROPOSIÇÕES GEOMETRICAS e experiencias praticas, que servem de fundamento á architectura naval: traduzido do inglez. Trad. por António Pires da Silva Pontes. Lisboa, 1798, fol. com 4 estampas. (I, 1306), pág. 239.) [Atwood, George, *Construction and analysis of geometrical propositions, determining the positions assumed by homogeneous bodies which float freely and rest on a fluid surface also determining the stability of ships, and of other floating bodies*, [Royal Society of London?] 1796.]

56. CORRESPONDENCIA do Marechal de Campo João Campbell com o historiador da guerra peninsular coronel Guilherme Napier, respeito a umas acções em que entraram os regimentos n.ºs 3 e 4 de cavallaria portugueza. Lisboa, 1840, 8.º gr. de 15 páginas. (IX, 972), pág. 95.)
57. A CORTE DA RAINHA D. MARIA I — versão das «Cartas» sobre Portugal de William Beckford. Trad. por Zacharias de Aça. 8.º. (XX, 5), pág. 53. [Beckford, William, *Italy; with Sketches of Spain and Portugal*. London, 1834.]
58. CULTURA AMERICANA, que contém uma relação dos terrenos, clima, producção e agricultura das colonias britannicas no norte da America, e nas Índias Occidentais; traduzida do inglez por José Feliciano Fernandes Pinheiro, e Antonio Carlos Ribeiro de Andrade. Lisboa, 1799, 4.º, 2 tomos. (IV, 3190), pág. 321.) [*American Husbandry*. (Containing an account of the soil, climate, production and agriculture of the British colonies in North America and West Indies... By an American), New York, 1839.]

Incluída em: *Columbia University Studies in the History of American Agriculture*. Não se encontrou a data da 1.ª edição.

59. CURSO COMPLETO DE CIRURGIA THEORICA E PRATICA, por Benjamim Bell, traduzido em vulgar, e adornado de estampas. Trad. por Francisco Solano Constâncio. Lisboa, 1804, 4.º, 6 tomos. (IX, 2730), pág. 379.) [Bell, Benjamim, *A System of Surgery*, Edinburgh, 1783.]

Francisco Solano Constâncio só traduziu o 3.º tomo. A tradução do 1.º é de Francisco José de Paula e Manuel Alves da Costa Barreto. Os outros não indicam o tradutor. V. n.º 284.

60. DA LIBERDADE À ESCRAVIDÃO de Herbert Spencer. Tradução. [Trad. por] Julio Xavier de Mattos. (XXV, pág. 264.) [Spencer, Herbert, *From Freedom To Bondage. A Plea for Liberty, etc*, s/1, 1891.]
61. D'AQUI A CEM ANOS. Traduzido do inglez de E. Bellami. Trad. por Manuel Pinheiro Chagas. 1891, 1 volume. (XVI, 2680), pág. 295.) [Bellamy, Edward, *Looking Backward 2000-1887*, Boston, 1888.]
62. DARTHULA. Traduzido de Ossian. Trad. por D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, in *Obras poeticas de D. Leonor de Almeida etc. Conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de "Alcipe"*, tomo III, Lisboa, 1844, 8.º, 6 volumes. (V, 53), pág. 177.) [Ossian, *The Poems of Ossian in the original gaelic, with a literal translation into Latin* [...], London, 1807 inclui: Dar-Thula: a poem [...] translated into English verse, London, 1820.]
63. DECLARAÇÃO DE GUERRA feita pelo serenissimo principe Jorge II, rei da Gran-Bretanha, contra Filippe V rei de Hespanha. Traduzida da lingua ingleza por J.F.M.M. Trad. por José Freire de Montarroyo Mascarenhas. Lisboa, 1739, 4.º, 7 páginas. (IV, 3401), pág. 350./S.D.P., 233), pág. 131.) [*His Majesty's Declaration of War against the King of Spain*, London, 19 Oct. 1739]

64. DECLARAÇÕES DE GUERRA de Luis XV contra el-rei de Inglaterra, e de Jorge II con-tra o rei francez. Traduzidas, etc. [Trad. por] José Freire de Montarroyo Mascarenhas. Lisboa, 1744, 4.º, 8 páginas. (S.D.P., 233), pág. 132.) [*His Majesty's Declaration of War against the French King*, London, 29 March, 1744.]

Deste tradutor e sobre o mesmo assunto existe ainda:

65. DECLARAÇÃO FEITA POR ELREI CATHOLICO, dos motivos que tem... para mandar fazer represalia nos navios, bens e efeitos d'Elrei da Gran-Bretanha, e dos seus subditos. Traduzida em portuguez. Trad. por José Freire de Montarroyo Mascarenhas. Lisboa, 1793, 4.º, 8 páginas. (IV, 3402), pág. 350.)

66. DESCOBRIMENTO DA AUSTRALIA pelos portuguezes em 1601, cinco annos antes do mais antigo até hoje conhecido: e argumentos tendentes a mostrar que esta nação já conhecia aquelle continente na primeira parte do século XVI. Memoria do Sr. Ricardo Henrique Major, etc. Versão do inglez. Trad. por José Gomes Goes. Lisboa, 1863, 8.º (XII, 8664), pág. 347.) [Major, Richard Henry, *Early Voyages To Terra Australis... A Collection of documents, and extracts from early manuscript maps, illustrative of the history of discovery on the coasts of that... island, from the beginning of the sixteenth century to the time of Captain Cook. Entitled, with an introduction, by R.H.M., London, 1859. On the Discovery of Australia by the Portuguese in 1601, By R. H. Major, Esq., F.S.A. Being a supplement to the volume of "Early Voyages To Terra Australis", London, 1861.*]

67. OS DESPOSADOS, por Walter Scott. Primeira novella tirada da história das Cruzadas. Trad. por André Joaquim Ramalho e Sousa. Lisboa, 1837, 8.º, 3 tomos. (VIII, 2093), pág. 63./S.D.P., 307), pág. 193.) [Scott, Walter, "The Betrothed", in *Tales of the Crusades*, London, 1825.]

68. O DEVER, por Samuel Smiles. Trad. por Alberto Telles. (XX, 6), pág. 118.) [Smiles, Samuel, *Duty, with illustrations of courage, patience and endurance*, London, 1880.]

69. DEVERES PARA COM OS ANIMAIS, por Mr. Bray. Trad. por Alberto Telles. (XX, 3), pág 118.) [Bray, Caroline, *Our Duty to Animals* [With illustrations], London, [1871].]

70. DICCIONARIO CLASSICO HISTORICO-GEOGRAPHICO-MYTHOLOGICO, que contém tudo o que é essencial para a intelligencia dos auctores classicos; os nomes e resumo historico de todos os heroes e homens celebres da antiguidade; os nomes de todas as cidades do mundo conhecido; a explicação de todos os termos da mythologia, nomes de deuses, semi-deuses e heroes fabulosos, etc. Traduzido do inglez. Trad. por Francisco de Paula Jacou. Lisboa, 1816, folio. (III, 1593), pág. 24.) [Prowne, Thomas, *A Classical Dictionary, for use of schools.*]

Segundo informação do frontispício, o original fora publicado recentemente em Inglaterra.

71. DISCURSO. Trad. por Fr. Pedro José Pires, in *Academia celebrada pelos religiosos da Ordem Terceira de S. Francisco do Convento de N. S. de Jesus de Lisboa no dia da inauguração da estatua equestre d'elrei D. José I Nosso Senhor*, Lisboa, 1775, fol. — 176 páginas. (VI, 347), pág. 425.)

Inocência refere: “É um *Discurso* em língua ingleza, com versão na portugueza, recitado no dia da inauguração da estátua d'el-rei D. José I. — Este discurso anda com outras peças analogas no livro *Academia*”. A propósito desta obra diz que é uma colecção de várias composições, tanto em prosa como em verso, algumas das quais em língua inglesa com as competentes versões em língua materna.

72. DISSERTAÇÃO SOBRE O MELHOR METHODO DE EVITAR E PROVIDENCIAR A POBREZA, fundamentada nas Memórias que á Sociedade de Bath offereceram Ricardo Pew, o senador Gilbert, e João Mc. Forlan; augmentada com uns novos estatutos, e appropriada ao reino de Portugal. Trad. por Ignacio Paulino de Moraes. Lisboa, 1802, 8.º (III, 74), 213.) [Pew, Richard, *Twenty Minutes Observations on a better mode of providing for the Poor, etc.*, London, 1783.]
73. DIVISÃO DAS ENFERMIDADES feita segundo os principios do systema de Brown, ou Nosologia Browniana, pelo dr. Valeriano Luís Brera, trasladada em hespanhol com um discurso preliminar sobre as Nosologias pelo dr. Vicente e Mitjaville e Fisonel; e em portuguez com algumas notas. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1800, 8.º (VI, 781), pág. 16.) [Brown, John, *Elementa Medicinæ*, Edinburgh, 1780.]
74. DOCUMENTOS RELATIVOS Á MOLESTIA CHAMADA CHOLERA ESPASMÓDICA DA ÍNDIA, que reina agora na Europa, impressos por ordem do conselho privado de S. M. Britannica; traduzidos em castelhano, e augmentados com notas, e um apêndice pelo Doutor Seoane, e trasladados em portuguez. Trad. por José Romão Rodrigues Nilo. Lisboa, 1832, 4.º, de 47 páginas. (V, 4681), pág. 118./II, 88), pág. 231.) [William IV, King of England, *At the Council Chamber, Whitehall, 20th Oct. 1831. Order of the Privy Council, for the adoption of certain rules and regulations, proposed by the Bard of Health, for... preventing the introduction and spreading of the Cholera-Morbus*, London, fol.]
75. DOENÇAS INFECCIOSAS e a maneira de as evitar. Pelo dr. André Wilson. Trad. por Alberto Telles. (XX, 10), pág. 118.) Wilson, Andrew, [*Infectious Diseases and how to prevent them, etc.*, London, 1899.]
76. O DOMINGO: tratado historico e moral, resumido do que escreveu Albano Butler, e posto em linguagem. Trad. por D. Fr. Fortunato de S. Boaventura. (II, 326), pág. 310.) [Butler, Alban, *Meditations and Discourses*, London, 1791-93, é o original mais provável.]
77. DOUTRINA DAS ENFERMIDADES VENEREAS do dr. José Jacob Plenck, traduzida do latim em portuguez, illustrada e accrescentada com notas,

e a relação dos principaes methodos de tratar as doenças venereas, recopilado das observações feitas e publicadas por ordem do Ministerio de França, ácerca dos varios methodos de administrar o mercurio, por mr. de Horne, e com as cautelas que se devem usar na administração do mercurio, pelo dr. Duncan, traduzidas do francez e do inglez. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1786 (Ibid., 1805), 8.º (VI, 762), pág. 15.) [O único original identificado foi o seguinte: Duncan, Andrew, (The Elder), *Observations on the operation and use of Mercury in the venereal disease*, Edinburgh, 1772.]

78. ECLOGA, de Pope. Publicada anonyma no «Jornal de Coimbra». [Segundo o texto, trata-se da écloga de Pope "Autumn or Hylas, and Aegon. The third Pope's Pastoral. To Mr. Wycherley" — "O Outono ou Hylas, e Egon. Terceira Ecloga de Pope. A Mr. Wycherley [sic]. Vertida em Portuguez por ****. "In *Jornal de Coimbra*, Vol. VII, Num. XXXVI, Parte II, pp. 255-263.] Trad. por José Pedro Quintela. (V, pág. 91.) [Pope, Alexander, *Autumn. The third Pastoral, or Hylas and Aegon, to Mr. Wycherley*, 1704.]
79. ECONOMIA DOMESTICA, por A. Newsholme e M. L. Scott. [Destinado ás escolas primárias e populares.] Trad. por Alberto Telles. (XX, 4), pág. 118.) [Newsholme, Arthur e Scott, Margaret Eleanor, *Domestic Economy*, etc., London, 1902.]
80. EDGAR POE. A Entrevista. Versão de Anthero de Quental. [Trad. por] Antero de Quental. Coimbra, 1900, opúsculo de 35 páginas, separata de *O Seculo XIX*. (XXII, 1250), pág. 161.) [Poe, Edgar Allen, "The Assigination" in *Godey's Magazine and Lady's Book*, 1834.]
81. EDUCAÇÃO PHYSICA, por Frederico Treves. Destinado ás escolas primárias e populares. Trad. por Alberto Telles. (XX, 13), pág. 119.) [Treves, Sir Frederick, *Physical Education...* Reprinted from "A Treatise on Hygiene" ..., London, 1892.]
82. ELEMENTOS DE AGRICULTURA por H. Tanner. Trad. da 3.ª edição. Trad. por Julio Augusto Henriques. Porto, s/d, 16.º (XIII, 11075), pág. 383.) [Tanner, H., o original poderá ser: *First Principles of Agriculture*, London, 1878.]
83. ELEMENTOS DE BOTANICA pelo dr. J. D. Hooker... Trad. da 3.ª edição ingleza com permissão do auctor... primeira edição portugueza com 69 gravuras intercaladas no texto. Trad. por Julio Augusto Henriques. Porto, 1877, 8.º de IX-190 páginas. (XIII, 10758), pág. 250.)
- [Será uma das muitas obras de Sir Joseph Dalton Hooker, não tendo sido possível identificá-la exactamente.]
84. ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA, por William Ellis. Traduzido do inglez. Trad. por João Felix Pereira. Lisboa, 1881, 8.º de 135 páginas. (X, 5873), 244.) [Ellis, William, *Outlines of Social Economy*, London, 1846.]

85. ELEMENTOS DE MEDICINA PRÁTICA DE CULLEN, traduzidos da quarta edição inglesa com notas de Bosquillon. Trad. por José Manuel Chaves. Lisboa, 1970 a 1974, 8.º, 7 tomos. (V, 3987), pág. 7.) [Cullen, William, *Eléments de médecine-pratique... traduits de l'anglais sur la quatrième... édition, avec des notes, dans lesquelles on a retouvé la Nosologie du même auteur, décrit les différentes espèces de maladies, & ajouté un grand nombre d'observations qui peuvent donner une idée des progrès que la médecine a faits de nous jours*; par M. Bosquillon. [Com "Manière d'étudier la Médecine-pratique", traduzido por E. F. M. Bosquillon from an unpublished lecture by W. Cullen, Paris, 1785, 87.]
86. ELEMENTOS DE MORAL, por Mr. Bray. Destinado às escolas primárias e populares. Trad. por Alberto Telles. (XX, 1), pág. 118.) [Bray, Caroline, *Elements of Morality in easy lesson*, etc., London, 1882.]
87. ELEMENTOS DE PHYSIOLOGIA de Guilherme Cullen, traduzidos em português. Trad. por Francisco José de Paula. Lisboa, 1790, 8.º (II, 1004), pág. 412.) [Cullen, William, *Institutions of Medicine-Part I-Physiology. For the use of students in the University of Edinburgh...*, Edinburgh, 1777. (2.ª ed.)]
88. ELEMENTOS, OU PRIMEIRAS LIÇÕES DE GEOGRAPHIA E ASTRONOMIA de J. A. Commings, traduzidas e aumentadas. Trad. por João José de Amaral. Lisboa, 1828, 4.º (III, 882), pág. 390.) [Cummings, Jacob Abbot, *First Lessons in Geography and Astronomy, With seven plain maps, and a view of the solar system, for use of young children, as preparatory to ancient and modern geography*, Boston, 1823.]
89. ENSAIO DE TACTICA NAVAL, por João Clerk; traduzido livremente do inglês da ordem de S.A.R. o Príncipe Regente. Trad. por Manuel do Espírito Sancto Limpo. Lisboa, 1801, fol. 2 tomos. (V, 477), pág. 412.) [Clerk, John, *An Essay on Naval Tactics, systematical and historical...*, London, 1790.]
90. ENSAIO SOBRE A CRÍTICA de Pope in *Obras poeticas de D. Leonor de Almeida etc. Conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de "Alcipe"*. Vol. 5. Trad. por D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre. Lisboa, 1844, 8.º, 6 volumes. (V, 53), pág. 177./II, 118, pág. 274.) [Pope, Alexander, *An Essay on Criticism*, 1709, publ. 1711.]
91. ENSAIO SOBRE A CRÍTICA, por Alexandre Pope, traduzido em português. Trad. por D. Fernando José de Portugal. Rio de Janeiro, 1810, 8.º gr. (II, 118), pág. 274.) [Pope, Alexander, *An Essay On Criticism*, 1709, publ. 1711.]
92. ENSAIO SOBRE AVARIAS (Stevens) e outras matérias connectas com o contracto dos Seguros Marítimos. Trad. por António Julião da Costa. Liverpool, 1824, 8.º gr. (I, 950), pág. 182.) [Stevens, Robert, *An Essay on Average with the contract of Marine Insurance*, London, 1817.]

93. ENSAIO SOBRE A VERDADEIRA ORIGEM, extensão e fim do governo civil, por J. Locke. Trad. por João Oliveira de Carvalho. Lisboa, 1834 (?). (III, 1080), pág. 430.) [Locke, John, *Essay concerning the True Original, Extent, and End of the Civil Government*, London, 1690.]
94. ENSAIO SOBRE O HOMEM, de Alexandre Pope, traduzido verso por verso: dado à luz por uma Sociedade Litteraria da Gran Bretanha. Trad. por Francisco Bento Maria Targini. Londres, s/d, 4.º gr., 3 tomos, com XXIV-380 páginas, 232 páginas, e 331 páginas. (II, 597), pág. 352.) [Pope, Alexander, *An Essay on Man. Address'd to a Friend*, London 1732-34.]
95. ENSAIO SOBRE O HOMEM: Poema philosophico de Alexandre Pope. Traduzido em verso solto. [Trad. por] Antonio Teixeira. Lisboa, 1769, 12.º (I, 1559), pág. 279.) [Pope, Alexander, *An Essay on Man. Address'd to a Friend*, London, 1732-34.]
96. ENSAIO SOBRE OS PRAZERES DA IMAGINAÇÃO: obra do grande Addison, vertida para a língua portugueza. [Trad. por] José Maria Frederico de Sousa Pinto. Rio de Janeiro, 1827, 8.º gr., de IX-59 páginas, e mais 3 que contêm o índice dos onze capítulos em que se divide a obra. (V, 4169), pág. 35.) [Addison, Joseph, *On The Pleasures of Imagination*, Glasgow, 1864.]
97. ENSAIOS MORAES de Alexandre Pope, em quatro epistolas a diversas pessoas, traduzidos em portuguez, com as notas de José Warton e do traductor. Trad. por D. Fernando José de Portugal. Rio de Janeiro, 1812 (?), 8.º gr. (II, 119), pág. 274.) [Pope, Alexander, *Moral Essays, in four epistles to several persons*, s/1, 1731-1735.]
98. ENSAIOS POLITICOS, ECONOMICOS E PHILOSOPHICOS de Benjamim, Conde de Rumford, traduzidos em vulgar. Trad. por Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Lisboa, 1801, 4.º, 2 tomos. (III, 111), pág. 199.) [Thomson, Sir Benjamim, Count of Rumford, *Essays Political, Economical and Philosophical*, London, 1796.]
99. EPÍSTOLA DE HELOISA A ABAILARD, composta no idioma inglez por Pope, e trasladada em versos portuguezes por***. Trad. por José Nicolau de Massuelos Pinto. Londres, 1801, 4.º de IV, 42 páginas. (V, 4453), pág. 82.) [Pope, Alexander, "Eloisa to Abelard" in *The Works of Mr. Alexander Pope*, Dublin, 1717.]
100. EPÍSTOLA DE HELOISA A ABAILARD, composta por A. Pope, e traduzida em verso portuguez. Trad. por Henrique Ernesto de Almeida Coutinho. Porto, 1835, 8.º (III, 22), pág. 183.) [Pope, Alexander, "Eloisa to Abelard" in *The Works of Mr. Alexander Pope*, Dublin, 1717.]
101. EPITOME DA DESCRIÇÃO de ventos, tempos, vagas, apparencias luminosas, e temperatura do mar, correntes, marés, magnetismo, variação

- da agulha, etc. Traduzido do mais moderno Directorio da India, do capitão James Horsburgh, com addições e notas. Trad. por Braz Joaquim Botelho. Macau, 1833, 4.º de VIII-87 páginas. (VIII, 560), pág. 410.) [Horsburgh, James, *A Compendium or Epitome of Winds, Weather, Waves, Luminous apperance, and Temperature of the Sea*, London, 1817.]
102. OEREMITA, ballada de Goldsmith in *Varias Traducções Poeticas*. Trad. por Manuel Rodrigues da Silva Abreu. (VI, 1258), pág. 97.) [Goldsmith, Oliver, "The Hermit" in *The Miscellaneous Works of Oliver Goldsmith*, Perth, 1792.]
103. OEREMITA, ballada imitada de Goldsmith, in *Obras Poeticas de D. Leonor de Almeida etc. conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de "Alcipe."* Tomo IV. Trad. por D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e L encastre. Lisboa, 1844, 8.º, 6 volumes. (V, 53), pág. 177.) [Goldsmith, Oliver, "The Hermit", in *The Miscellaneous Works of Oliver Goldsmith*, Perth, 1792.]
104. A ESCHOLA DO ESCANDALO: comédia de Sheridan, traduzido do inglez. Trad. por José Anselmo Correia Henriques. Lisboa, 1795. (IV, 2578), pág. 235. / XVII, 196), pág. 92.) [Sheridan, Richard Brinsley, *The School for Scandal*, Drury Lane Theatre, 1777.]
105. ESCOLA DO ESCANDALO. Trad. por Nicolau Luiz. Lisboa, 1795. (XVII, 196), pág. 92.) [Sheridan, Richard Brinsley, *The School for Scandal*, Drury Lane Theatre, 1777.]
106. ESCOLHA DAS POESIAS ORIENTAIS, que o insigne cavalheiro inglez Guilherme Jones traduziu d'aquelles idiomas em verso rimado inglez, e ornadas agora em portuguez, seguidas de outras varias rimas. Trad. por Francisco Manuel de Oliveira. Lisboa, 1793, 8.º (II, 1360), pág. 457.) [Jones, William, *Poems, consisting chiefly of translations from the Asiatic Languages. To which are added two essays. I. On the Poetry of the Eastern nations. II. On the Arts commonly called Imitative*, Oxford, 1772.]

Jones publicou ainda antes da data da edição portuguesa: *Kālidāsa. Sacontalá....*, s/l, 1789. E, *The Moullakát, or seven Arabian Poems which were suspended on the Temple of Meca....*, s/l, 1782.

107. ESTUPRO DE LUCRECIA. Trad. por D. Luiz I. (XIII, 1110), pág. 330.) [Shakespeare, William, *The Rape of Lucrece*, 1594.]

Esta tradução, embora pronta para a impressão ficou inédita, segundo o autor do Dicionário.

108. ETHNOGRAFIA DE ANGOLA, traduzida do original inglês, etc... Trad. por Aniceto dos Reis Gonçalves Viana. Lisboa, 1889. (XXII, 941), pág. 116.) [Chatelain, Heli, *Folk Tales of Angola. Fifty tales, with Ki-Mbundu text, literal English translation, introduction, and notes. Collected and ed. by Heli Chatelain*, Boston, New-York, 1894.]

109. EVANGELINA. Poema americano escrito em inglez por H. W. Longfellow. Traduzido em versos soltos por Franklin Americo de Menezes Doria. (IX, 2873), pág. 451.) [Longfellow, Henry Wadsworth, *Evangeline: a tale of Acadie*, Boston, 1847.]
110. EVANGELINA, tradução de Miguel Street de Arriaga, com introdução sobre a literatura americana por Xavier da Cunha. Lisboa, 1879, 8.º (XX, 45), pág. 34.) [Longfellow, Henry Wadsworth, *Evangeline: a tale of Acadie*, Boston, 1847.]
111. EVANGELINA. Uma noite nos desertos do novo mundo. Amor e morte; As tres irmãs do poeta. Traduções do inglez, do francez e do italiano. Trad. por José de Goes e Siqueira (2.º). (XII, 8659), pág. 346.) [Longfellow, Henry Wadsworth, *Evangeline: a tale of Acadie*, Boston, 1847.]
112. EXAME CRITICO E HISTORICO do livro dos Martyres de Fox, em que se mostram os erros, falsidades e exaggerações daquella obra fraudulenta. Traduzido do inglez de Guilherme Eusebio Andrews. Trad. por Estevam José Rodrigues da Silva. Lisboa, 1828, 4.º de 527 páginas. (II, 136), pág. 240.) [Andrews, William Eusebius, *A Critical and Historical Review of Fox's Book of Martyrs, shewing the inaccuracies, falsehoods, and misrepresentations in that work of deception*, London, 1824.]
113. A EXPEDIÇÃO DE D. PEDRO, ou a neutralidade em disfarce. Por Guilherme Walton. Traduzido do inglez. Lisboa, 1832, 4.º de 31 páginas. (VI, 1660), pág. 215.) [Walton, William; o original poderá ser uma das seguintes obras: *Scraps and Stubborn Facts, refuting the calumny lately propagated by the enemies of Don Miguel...* By Hum amigo da verdade, 1830; *A Reply to two pamphlets, entitled "Illustrations of the Portuguese Question" ... and "the last days of the Portuguese Constitution" ...* By an English Civilien, 1830; *Particulars and corresponding documents relating to the French aggression on Portugal*, 1831.]
- A atribuição a William Walton não está absolutamente comprovada.
114. A EXPEDIÇÃO DE D. PEDRO, ou a neutralidade fingida. Traduzida do inglez. Trad. por Joaquim José Pedro Lopes. Lisboa, 1832, 4.º (IV, 1755), pág. 109.) [V. original do número anterior.]
115. EXPLORAÇÕES ao interior da Africa pelo Revd.º Dr. David Livingstone, LL. D. (premiado com a medalha de ouro) com mappas. Lidas diante da Sociedade Real Geographica de Londres em 8 de Janeiro e 12 de Novembro de 1855. Lisboa, 1856, 8.º gr. (II, 166), pág. 251.) [Livingstone, David, *Missionary Travels and Researches in South Africa; including a sketch of sixteen years' residence in the interior of Africa, and a Journey from the Cape of Good Hope to Loanda, on the West coast: thence across the Continent, down the river Zambesi, to the Eastern Ocean...* With portrait, maps by Arrowsmith, and numerous illustrations, London, 1857.]

116. EXPOSIÇÃO ANATOMICA DO UTERO humano gravido, e dos seus conteúdos, pelo Doutor Hunter, vertido do inglez. [Trad. por] Antonio Lopes d' Abreu. Lisboa, 1813, 4.º (I, 981), pág. 186.] [Hunter, William, M.D., F.R.S., *Anatomia Uteri humani gravidi tabulis illustrata... the Anatomy of the Human Gravid Uterus exhibited in figures*, Birmingham, 1774, fol. A tradução deve ter sido feita sobre a versão inglesa: *An Anatomical description of the human gravid uterus, and its contents*, London, 1794.]
117. EXTRACTO DOS ARTIGOS DA TRIPLE ALLIANÇA concluída entre as corôas de França e Gran-Bretanha, e os Estados geraes das provincias unidas, etc. Fielmente traduzidos da lingua ingleza por J.F.M.M. Trad. por José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Lisboa, 1717, 4.º, 7 páginas. (IV, 3340), pág. 346. /S.D.P., 233). pág. 130.) [Não se encontra o original inglês, mas apenas um título francês: *Traité d'alliance défensive entre la France, l'Angleterre et la Hollande, conclu à la Haye le 4^{ème} Janvier 1717*, Paris, 1717.]
118. EXTRACTOS DAS OBRAS [Políticas e Económicas] de Edmundo Burke, traduzidos do inglez. Trad. por José da Silva Lisboa. Rio de Janeiro, 1812, 4.º, 2 tomos. (V, 4740), pág. 126.) [José da Silva Lisboa divide a sua tradução em quatro partes:
- 1 — Reflexões sobre a revolução de França.
 - 2 — Observações sobre a necessidade da guerra.
 - 3 — Pensamentos sobre a proposta de Paz.
 - 4 — Apologia de Edmund Burke sobre si mesmo.
- As partes 1 e 2 referem-se à obra *Reflections on the Revolution in France and on the proceedings in certain societies in London relative to that event*, London, 1790.
- A parte 3 refere-se à obra *Thoughts on the Prospect of a Regicide Peace, in a series of letters*, London, 1796.
- A parte 4 refere-se à obra *A Letter from the Right Honourable Edmund Burke to a Noble Lord, on the attacks made upon him and his pension, in the House of Lords...*, London, 1796.
- Os originais de tradução identificados são da autoria de Edmund Burke.]
119. THE FAIRY PENITENT de Dowe. [sic] Trad. por José Maria da Costa e Silva. (V, pág. 28.) [Rowe, Nicholas, *The Fair Penitent. A tragedy*. [in five acts and in verse], London, 1703.]
120. O FILHO DO BANQUEIRO, de Caroline Lee Hentz. Traz. por João Luiz Rodrigues Trigueiros. 1858, 2 tomos. (X, 6254), pág. 296.)
121. FRAGMENTOS DAS SCENAS 1.ª e 2.ª do drama "Hamlet" de Shakespeare. Sahiu no "Mosaico", tomo III, pág. 130. [Trad. por] José da Silva Mendes Leal Junior. (V, 4797), pág. 130.) [Shakespeare. William, *The Tragicall Historie of Hamlet, Prince of Danemarke*, London, 1603.]
122. GEOGRAPHIA PHYSICA para uso da juventude e de todas as classes da sociedade. Escripita em lingua ingleza pelo Tenente Maury, e vertida no

- idioma patrio. Trad. por L. A. da Costa de Aguiar. Paris, 1873, 8.º, 200 páginas. (XIII, 859), pág. 275.) [Maury, Mathew Fontaine, *The Physical Geography of the Sea*, London, 1855.]
123. GINX'S BABY (versão portuguesa). Trad. por José Duarte Ramalho Ortigão. Lisboa, 1874, 8.º, 2 tomos. (XII, 8398), pág. 303.) [Jenkins, J. E., *Ginx's Baby: his birth and other misfortunes*, London, 1870.]
124. GUERRA DA SUCESSÃO em Portugal, pelo almirante Carlos Napier, conde do Cabo de S. Vicente. Londres: 1836. Traduzida em português. Trad. por Manuel Joaquim Pedro Codina. Lisboa, 1841, 8.º, 2 tomos. (VI, 808), pág. 20.) [Napier, Charles, *The War in Portugal between Pedro and Miguel*, London, 1836.]
125. A GUERRA PENINSULAR (Península War). Traduzido do professor inglês Robinson. Trad. por José Mathias Nunes. Lisboa, 1884, 8.º (XIII, 10041), pág. 137.) [São possíveis duas obras: Robinson, Charles Walker, *Lectures upon the British Campaigns in the Peninsula, 1804-14; introduction to the study of military history*. By C. W. Robinson..., London, 1871; ou Robinson, Charles Walker, *Lectures upon the War in the Peninsula, adressed to the gentlemen cadets...*, Yorktown, Surrey, 1869.]
126. GUY MANNERING, ou o astrologo; romance de W. Scott, vertido da tradução franceza. Trad. por Miguel António da Silva. Lisboa, 1842, 16.º, 5 tomos. (VI, 1694), pág. 224.) [Scott, Walter, *Guy Mannering; or, the Astrologer*. By the author of "Waverley", Edinburgh, 1815.]
127. HAMLET. (De William Shakespeare). Drama em cinco actos. Tradução portuguesa. Trad. por D. Luiz I. Lisboa, 1877, 8.º gr., 149 páginas — 1.ª edição sem o nome do traductor. 2.ª edição, 1880, 8.º gr., 149 páginas. (XIII, 1105), pág. 330.) [Shakespeare, William, *The Tragicall Historie of Hamlet, Prince of Danemarke*, London, 1603.]
128. HARRY, o Diabo. Trad. por José Joaquim Vieira Souto. (IV, 3900), pág. 416.)
129. HERO E LEANDRO: poema em cartas (no gosto das de "Echo e Narciso"). Trad. por Antonio Feliciano de Castilho. Manuscrito. (VIII, 2434), pág. 138.) [Marlowe, Christopher, *Hero and Leander: begun by C.M.; and finished by George Chapman*, London, 1598.]
130. HISTORIA ABREVIADA das campanhas de Lord Wellington em Portugal e Hespanha. Obra traduzida do inglês em vulgar por N.... [Trad. por] José Maria das Neves Costa. Lisboa, 1814, 8.º de 57 páginas. (XIII, 9770), pág. 100./X, 221), pág. 24./S.D.P., 487), pág. 213./S.D.P., 349), pág. 147.)
131. HISTORIA BREVE e authentica do Banco de Inglaterra, com dissertações e notas, moedas de cambio e letras, etc. Traduzida em português. Trad. por Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Lisboa, 1801, 4.º (III, 109), pág. 199.) [Fortune, E.F. Thomas, *The History of the Bank of England; from the establishment of that institution...*, London, 1798.]

132. HISTORIA DA GRECIA pelo Dr. Oliver Goldsmith. Traduzida em portuguez. Trad. por D. Maria Balbina Gaspar Martins. Lisboa, 1865, 8.º de 444 páginas e 2 erratas. (XVI, 2899), pág. 351.) [Goldsmith, Oliver, *The Grecian History, from the earliest state to the death of Alexander the Great*, London, 1774.]
133. HISTORIA DA REFORMA protestante em Inglaterra e Irlanda, fazendo ver que este acontecimento abateu e empobreceu a maior parte dos habitantes d'estes paizes, etc, por Guilherme Abott. Nova edição ornada com gravuras em cobre, dedicada a todos os portuguezes. Trad. por José de Sousa Amado. Lisboa, 1846, 8.º gr., 387 páginas. (XIII, 10596), pág. 222.) [Cobbett, William, *A History of the Protestant "Reformation", in England and Ireland; showing how that event has impoverished and degraded the main body of the people in those countries. In a series of letters, etc.*, London, 1824 [1824-26].]
134. HISTORIA DA REFORMA protestante em Inglaterra e Irlanda, traduzida do inglez de Guilherme Cobbett. Trad. por Estevam José Rodrigues da Silva. Lisboa, 1827, 4.º de 355 páginas. (II, 135), pág. 240.) [Cobbett, William, *A History of the Protestant "Reformation", in England and Ireland; showing how that event has impoverished and degraded the main body of the people in those countries. In a series of letters, etc.*, London, 1824 [1824-26].]

«Sobre esta obra publicou José Agostinho de Macedo: *Censuras ou Informações acerca da obra "Historia da reforma protestante de Inglaterra e Irlanda" por G. Cobbett, traduzida do inglez*, Lisboa, 1827, 4.º (IV; 2399), pág. 207.). São tres estas Censuras, insertas no proprio livro, a 1.ª a página 3; a 2.ª a página 127 e a 3.ª a página 201. — A primeira sahi tambem impressa a página 33 do 2.º folheto da *Colecção de varios e interessantes escriptos do Padre José Agostinho de Macedo.*»

135. HISTORIA DE CARLOS V, por Robertson. Traducção do 1.º volume, e outras versões igualmente incompletas, em razão de não existirem na torre os volumes todos, de que as obras se compunham, etc. Trad. por João Baptista da Silva Lopes. (III, 475), pág. 317.) [Robertson, William, *The History of the Reign of the Emperor Charles V*, Philadelphia, 1769.]
136. HISTORIA DE INGLATERRA por Goldsmith, traduzida e augmentada até 1838. Trad. por João Baptista da Silva Lopes. 2 tomos. (III, 472), pág. 317.) [Goldsmith, Oliver, *The History of England, from the earliest times to the death of George II*, London, 1771.]

Esta obra teve várias continuações. A última que se conseguiu localizar é francesa, publicada em 1837 (v. n.º 137).

137. HISTORIA DE INGLATERRA, por Olivier Goldsmith, continuada até 1815 por Ch. Coote, e até aos nossos dias por M. Alexandrine Aragon, com varias notas de M. M. Thierry, de Barante, de Norvins e Thiers, vertida em portuguez. Trad. por Miguel Joaquim Marques Torres. Lisboa, 1842-44, 8.º (VI, 1759), pág. 236.) [Goldsmith, Oliver, *The History of England*, London, 1771. V. n.º 136.]

138. HISTORIA DE PORTUGAL, composta em inglez por uma Sociedade de Litteratos, trasladada em vulgar com as addicções da versão franceza, e notas do traductor portuguez. Trad. por Antonio de Moraes Silva. Lisboa, 1788, 8.º, 3 tomos, com XXXII, 339 páginas, 371 e 419 páginas. (I, 1145), pág. 210.)

Não se localizou o original.

139. HISTORIA DE PORTUGAL, composta por uma sociedade de litteratos inglezes, etc. Traduzida por Antonio de Moraes Silva, e agora novamente accrescentada com varias notas, e com o resumo do reinado da Rainha N. S. até o anno de 1800. Tomo IV. Lisboa, 1802, 8.º (IV, 2417), pág. 208.)

Segundo o autor do *Dicionário*, nesta obra pertence a P. José Agostinho de Macedo o que vem da página 74 até 150. O original não se localizou.

140. HISTORIA DE PORTUGAL, composta em inglez por uma sociedade de litteratos, trasladada em vulgar com as notas da versão franceza, e do traductor portuguez António Moraes Silva, e continuada até aos nossos dias. Nova edição. Trad. por Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. (?) Londres, 1809, 8.º, 3 tomos. (III, 114), pág. 199.)

Não se localizou o original.

141. HISTORIA RECENTE, estado actual e relações exteriores de Portugal, in *Revista de Edimburgo* n.º CVIII. Londres, 1832, 8.º gr. de 62 páginas. (X, 230), 28.)

142. HISTORIA SECRETA da corte e gabinete de S. Cloud [ou de Bonaparte], em vinte e cinco cartas escriptas de Paris para Londres, etc. Traduzidas em portuguez [Escriptas por um sujeito residente em Paris a hum nobre de Londres.] Trad. por Joaquim José Pedro Lopes. Lisboa, 1811, 4.º, 2 tomos. (IV, 1747), pág. 109.) [Goldsmith, Lewis, *The Secret history of the Cabinet of Bonaparte; including his private life, character, domestic administration, and his conduct to foreign powers... With two appendices consisting of State papers, and of biographical sketches of the persons composing the court of St. Cloud*, London, 1810.]

143. HISTORIA SECRETA do gabinete de Napoleão Bonaparte, por Lewis Goldsmith, traduzida em portuguez por *** Trad. por Bernardo José de Abrantes e Castro. Londres, 1811, 8.º gr. (I, 292), pág. 380. / VIII, 502), pág. 394. / S.D.P., 499), pág. 214.). [Goldsmith, Lewis, *The Secret history of the Cabinet of Bonaparte; including his private life, character, domestic administration, and his conduct to foreign powers... With two appendices consisting of State papers, and of biographical sketches of persons composing the court of St. Cloud*, London, 1810.]

Segundo o autor do *Dicionário*, esta é diferente de outra versão que da mesma obra de Goldsmith fez e imprimiu em Lisboa Joaquim José Pedro Lopes.

144. HISTORIAS PROVEITOSAS e instructivas sobre objectos moraes; traduzidas do inglez. Trad. por José Vicente Rodrigues. Porto, 1786, 8.º, 2 tomos. (V, 4980), pág. 154.)
145. HYMNO à Adversidade. Trad. por Antonio de Araujo de Azevedo. s/l, s/d, 4.º gr., 60 páginas. (I, 418), pág. 88.) [Gray, Thomas, *A Hymn to Adversity*, s/l, 1753.]
146. A HYPOTHESE de Prout, in *Panorama*, Vol. XVII, a pag, 2, 23, 38, 89 e 98. Trad. por Alberto Osorio de Vasconcellos. (VIII, 1911), pág. 26.) [Prout, William, *Prout's Hypothesis. Papers by W. Prout... J. S. Stas... and C. Marignac*, Edinburgh, 1932, 8.º, pp. 58]
147. IMPERIO DO EQUADOR na terra de Santa Cruz. Voto philantropico de Roberto Sothey, escriptor da *Historia do Brazil*. Trad. por José da Silva. Lisboa, Rio de Janeiro, 1822, 4.º (publicação periódica até 1823). (XIII, 10458), pág. 204.)
 Pode tratar-se da adaptação de *The History of Brazil*. Londres, 3 vols., 1810-1819.
148. INDAGAÇÃO SOBRE AS CAUSAS E EFEITOS das bexigas de vacca, molestia descoberta em alguns dos condados occidentais da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vacina. Por Eduardo Jenner, M.D.F.R.S. etc. Segunda edição publicada em Londres em 1800. Traduzida do inglez por ordem de sua alteza real o principe regente, etc., por J.A.M. Trad. por João António Monteiro. Lisboa, 1803, 4.º gr. de 137 páginas. (X, 5420), pág. 158.) Jenner, Edward, M.D., F.R.S., *An inquiry into the causes and effects to the vaccinae, a disease discovered in some parts of the Western Counties of England... known by the name of the Cow-pox*, London, 1798.]
149. AS INOCULAÇÕES syphiliticas e vaccino-syphiliticas, sua prevenção, diagnostico e tratamento, por Henrique Lee... traduzido da segunda edição. Trad. por José Antonio Marques. Lisboa, 1863, I e II partes - 8.º (XII, 7962), pág. 231.) [Lee, Henry, *Lectures on Syphilitic and Vaccino-Syphilitic Inoculation... Second edition*, London, 1863.]
150. INSTITUTO DOS POBRES de Hamburgo: traducção do inglez para o alemão, e agora d'este para o portuguez. Trad. por Ildefonso Leopoldo Bayard. Lisboa, 1801, 4.º (III, 92), pág. 216.)
151. INSTRUCÇÕES PARA A INSPECÇÃO ou revista de um batalhão ou regimento de infantaria, conforme ao que se usa nos exércitos de Sua Majestade Britannica, e seguido por todos os corpos do exército nacional e constitucional de Portugal, Brasil a Algarves. Traduzido do inglês, e augmentado com a explicação das principaes evoluções ou dezenove manobras de infantaria etc. Trad. por Domingos de Mello. Lisboa, 1821, 8.º de 80 páginas com uma estampa. (IX, 531), pág. 147.) [Possivelmente: *Rules and Regulation for the Formations Field-Exercise and Movements of His Majesty's Forces*, London, 1792, e, *General Orders and observations on the Movements and Field Exercise of the Infantry*, London, 1804.]

152. INSTRUÇÕES RELATIVAS À CHOLERA, mandadas publicar pelos conselhos de saúde pública de Dublin e de Inglaterra. Trad. por José Pereira Reis. Porto, 1848, 8.º, 21 páginas. (IX, 311), 60 pág. 180./XIII, 10228), pág. 169.)
153. INVENTARIO DOS ROUBOS feitos pelos francezes em os paizes invadidos pelos seus exercitos. Traduzido de um papel inglez intitulado "Cartas de Alfredo." Trad. por Felisberto Ignacio Januario Cordeiro. Lisboa, 1808. 4.º de 16 páginas. (IX, 2084), pág. 210.) [Deve tratar-se de mais uma publicação de: Alfred, pseud. [i.e. Sir James Bland Burges.], *Alfred's Letters; or. a Review of the political state of Europe, to the end of the summer 1792.* [As originally published in *The Sun*. pp. 218. London, 1793.]
154. O INVERNO, ou Daphne, quarta écloga de Pope, traduzida em versos portuguezes. Sahu no *Jornal de Coimbra*, vol. VII, parte 2.ª a pag 211. Trad. por José Maria Osório Cabral. (V, 4226), pág. 46.) [Pope, Alexander, *Winter, the Fourth Pastoral, or Daphne (to the memory of Mrs. Tempest)*, 1704.]
155. IVANHOE: drama em cinco actos, extrahido do romance de W. Scott. Trad. por Alfredo Possolo Hogan. Lisboa, 1849, 8.º (VIII, 2011), pág. 44.) [Scott, Walter, *Ivanhoe; a romance*, Edinburgh, 1820.]
156. IVANHOE, ou a Cruzada Britanica. Novella de Walter Scott, traduzida em portuguez. Trad. por André Joaquim Ramalho e Sousa. Lisboa, [1823], 8.º, 4 tomos. (I, 308), pág. 63./VIII, 2093), pág. 63.) [Scott, Walter, *Ivanhoe; a romance*, Edinburgh, 1820.]
157. JAKOB DIKSON FASCICULUS PLANTARUM cryptogamiarum Britanniae Lusitanorum Botanicorum, in usum celsissimi ac potentissimi Lusitaniae Principis Regentis: Curante Fr. Josepho Marianno Velloso. Trad. por Fr. José Marianno da Conceição Velloso, UliSSIPONE, 1800, 4.º com 13 estampas. (V, 4263), pág. 56.) [Dickson, James, *Jacobi Dickson Fasciculus* [fasc. 1 e 2] *plantarum cryptoganicarum Britanniae. Prostant venales apud auctorem*, London, 1785.]
158. O JARDIM BOTANICO de Darwin, ou a economia da vegetação: poema, com notas philosophicas, traduzido do inglez. Trad. por Vicente Pedro Nolasco da Cunha. Lisboa, 1803, 8.º (VII, 147), pág. 435.) [Darwin, Erasmus, *The Botanic Garden; a poem; in two parts. Part I containing the Economy of Vegetation. Part II. The Loves of the Plants. With philosophical notes.* [By E. Darwin. With plates. The title page of pt. 2 dated 1789]. 2 pt., London, 1791.]
159. JEANNE GRAY. Trad. por José Joaquim Vieira de Souto. (IV, 3900), pág. 416.).

Segundo o autor do *Dicionário* esta obra está inédita.

160. O JEJUM DA QUARESMA: tractado historico e moral, extrahido das obras de Albano Butler. Trad. por D. Fr. Fortunato de S. Boaventura. Coimbra, 1822, 4.ª de 31 páginas. (IX, 2189), pág. 236.) [Butler, Alban, *Moveable feasts and fasts*, London, 1774.]
161. JULIETA E ROMEO. Trad. por D. Luiz I. (XIII, 1109), pág. 330.) [Shakespeare, William, *An excellent conceited tragedy of Romeo and Juliet, etc...*, s/1, 1597.]
- Esta tradução, embora pronta a impressão, ficou inédita, segundo o autor do *Dicionário*.
162. KENILWORTH. Novela traduzida de Walter Scott. Trad. por André Joaquim Ramalho e Sousa. Lisboa, 1842, 8.ª, 4 tomos. (I, 311), pág. 63.) [Scott, Walter, *Kenilworth; a romance. By the author of Waverley*, Edinburgh, 1821.]
163. LADAINHADAPAIXÃO de nosso bemdito Salvador, traduzida litteralmente de um cathecismo inglez intitulado *Chave do Paraiso*, im-presso em Londres em 1732, etc. etc. [e comprehendida nas paginas 147, e seguintes E Ladainha Dos Mystérios de Nossa Senhora]. Trad. por P. José Agostinho de Macedo. Lisboa, 1821, 12.ª, 32 páginas. (IV, 2425), pág. 209.) [*The Key of Heaven; or, a Manual of Prayer...*, London, 1732.]
164. LADY ISABEL por Mr. Wood. Romance traduzido. Trad. por D. Maria José de Bettencourt Lapa de Brito. Macau, 1882-1883, tomo I - de 324-2 pag.-1882, tomo II - de 300-2 pag.-1883. (XVI, 2925), pág. 356.) [Poderá tratar-se de uma obra não identificada de Ellen Wood (1814-1887), por vezes referida como "Mrs. Henry Wood, the novelist".]
165. LÁGRIMAS E SORRISOS de Smith. Trad. por João Luiz Rodrigues Trigueiros. [Lisboa, 1861 e 1865.] (X, 6259), pág. 297.) [Smith, John Frederick, *Smiles and Tears, a Tale of Our Own Time*, s/1, 1857-58.]
166. LEITURA INSTRUCTIVA E RECREATIVA, ou idéas sentimentaes sobre a faculdade do entendimento chamado gosto, etc., Extrahido livremente do inglez. Trad. por Manuel de Freitas. Liverpool, 1813, 8.ª de 81 páginas. (V, 639), pág. 439.)
167. UMA LENDA DE MONTROSE; romance de W. Scott, vertido da tradução franceza. Trad. por Miguel António da Silva. Lisboa, 1842, 16.ª, 3 tomos. (VI, 1693), pág. 224.) [Scott, Walter, "The Legend of Montrose", in *Tales of My Landlord*, Edinburgh, 1819.]
168. LIÇÕES DE FISILOGIA Elementar de Huxley (tradução). Trad. por António de Sousa Silva Costa Lobo. (XXII, 2629), pág. 361.) [Huxley, Thomas Henry, *Lessons in Elementary Physiology*, London, 1866.]
169. LIÇÕES ELEMENTARES de geographia botanica por J. G. Baker. Tradução. Trad. por Julio Augusto Henriques. Coimbra, 1879, 8.ª (XIII, 11073), pág. 383.) [Baker, John Gilbert, *Elementary Lessons in Botanical Geography*, London, 1875.]

170. (?) LIGAS METALICAS e Amalgamas, pelo engenheiro I. Gherzi. Tradução. Trad. por Adalberto Veiga. Lisboa, 8.º. (XX, 3464), pág. 80.)
171. LINDAS MARCAS da nova contradança franceza, por miss Mary Hawrey. Trad. por José Mariano Holbeche Leal de Gusmão. Lisboa, 1849, 8.º, 15 páginas. (XIII, 9973), pág. 127.)
172. O LIVRO AZUL, ou correspondencia relativa aos negocios de Portugal. Traduzido do inglez. Trad. por Eduardo de Faria. Lisboa, 1847, fol. de XII-368 páginas - 8.º gr. . (II, 9), pág. 221.)
173. MACBETH, de Shakespeare. Tradução inedita. Trad. por José Fernandes Costa Junior. (XII, pág. 319.) [Shakespeare, William, *Macbeth: a tragedy*. London, 1605.]
174. MACBETH. [Versão de Ducis] Trad. por José Maria da Costa e Silva. (V, 4119), pág. 28.) [Ducis, *Macbeth*, Ms. 1784, imp. 1790.]

O autor do *Dicionário* refere a tradução. Sousa Bastos, *Diccionario do Theatro Portuguez*, Lisboa, 1908, diz ainda que foi representado.

175. MÃES E FILHOS: I. advertencias ás mulheres casadas. Por P.H. Chavasse. II. advertencias ás mães. Traduzidas do inglez. Trad. por Alberto Telles. (XX, 3824), pág. 118.) [Chavasse, Pye Henry, *The Young Wife's and Mother's Book. Advice to Mothers on the Management of their offspring... Advice to young wives on the Management of themselves during the periods of pregnancy and lactation...*, second edition, London, Birmingham, 1842.

A segunda edição corresponde a um desenvolvimento da primeira: *Advice to Mothers on the Management of their offspring*, London, Birmingham, 1839.

176. MANEIRA DE TER UMA CASA SAUDAVEL, pelo dr. André Wilson. (destinado às escolas primárias e populares) Trad. por Alberto Telles. (XX,11), pág. 118.) [Wilson, Andrew, *A Healthy Home and how to attain it, etc*, London, 1898.]
177. O MANFREDO - O Giaour, por Lord Byron. Tradução. Trad. por Augusto Carlos Xavier. Coimbra, 1893, 8º de 119-3 páginas. (XXV, pág. 74.) [Byron, George Gordon, *Manfred*, London, 1817; Byron, George Gordon, *The Giaour, a fragment of a Turkish tale*, London, 1813.]
178. MANIFESTO DE HESPANHA circulado confidencialmente em Madrid sobre negocios do sul da America (extracto ou tradução do jornal inglez "Evening Mail" de 28 de Julho de 1822), separata do *Roteiro brasileiro ou collecção de princípios e documentos de direito politico em série de numeros*. Trad. por José da Silva Lisboa. Rio de Janeiro, 1822, 4º. (XIII, 10459), pág. 205.) *Evening Mail*, 22 de Julho de 1822.]

179. MANUAL ELECTRO-CHIMICO. Traduzido e adaptado da 6.^a edição ingleza; illustrada com 39 gravuras. Encyclopediã das artes industriaes, I. Trad. por Adalberto Veiga. Lisboa, 1905, 8°. (XX, 3459), pág. 80.)
180. MEDICINA DOMESTICA, ou tratado completo dos meios de conservar a saude, e de curar e precaver as enfermidades, por via do regimen e remedios simples. Pelo doutor Guilherme Buchan, Médico do R. Collegio de Edimburgo, transladada em vulgar, com os additamentos e notas do traductor francez, o doutor Duplanil. Trad. por Francisco Pujol de Padrell. Lisboa, 1788-1803, 8°, 10 vols. . (III, 1732), pág. 39.) [Buchan, Dr. William, *Domestic Medicine*, s/1, 1769.]
181. MEDICINA DOMESTICA, ou tratado de prevenir e curar as enfermidades, com o regimen e medicamentos simples: escripto em inglez pelo dr. Guilherme Buchan, traduzido em portuguez com varias notas e observações concernentes ao clima de Portugal e do Brasil, com o receituário correspondente, e um appendice sobre os hospitaes naveas, etc. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1788, 8°, 4 tomos. (VI, 763), pág. 15.) [Buchan, William, *Domestic Medicine*, s/1, 1769.]

Segundo o autor do *Dicionário*, existem ainda a terceira e quarta edições, sendo a segunda de 1802 e a quarta de 1841.

182. MEDITAÇÕES DO DOUTOR JAMES HERVEY sobre as sepulturas, e sobre varios objectos. Compostas na lingua ingleza, e traduzidas na portugueza. Trad. por José Freire da Ponte. Lisboa, 1805, 8°. (IV, 3448), pág. 353.)
[Hervey, James, *Meditations among the Tombs*, 1746.]
183. MEMORIA SOBRE A BRONCHOCELE ou papo da America Septentrional, por Benjamim Smith Berthou, traduzida em portuguez. Trad. por Hypolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça. Lisboa, 1801, 8°. (III, 108), pág. 199.)
184. MEMORIA SOBRE A LITTERATURA PORTUGUEZA, traduzida do inglez com notas illustradoras do texto, por J.G.C.M. Trad. por João Guilherme Christiano Muller. (I, pág. XLVIII. / III, 837), pág. 383. / S.D.P., 236), pág. 133.) [Southey, Robert, "On Portuguese Literature", in *Quarterly Review*, vol. 2, London, 1809.]

No *Dicionário*, é dada notícia de várias edições desta obra: 8° de IV-103 páginas, s/1, s/d; 8° de 104 páginas, Hamburgo, 1809. Segundo o autor este opúsculo é tradução de um ensaio, que «o bem conhecido historiador e poeta inglez Robert Southey» publicara em Londres no *Quarterly Review* de Maio de 1809.

185. MEMORIA sobre a propagação de cultura das cinchonas medicinaes, ou arvores de quina do Perú por William Graham Mc. Ivor, superintendente

das plantações de cinchona, do governo, no Neilgherries, impressa e publicada por ordem do governo de Madrasta no anno de 1863, e agora vertida do inglez. Trad. por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Nova Goa, 1864, 4º de 35 páginas. (XII, 7071), pág. 67.) [Mac Ivor, William Graham, *Notes on the Propagation and Cultivation of the Medicinal Cinchonas, or Peruvian Bark Trees*, Madras, 1863.]

186. MEMORIAS do Marquez de Pombal, contendo extractos dos seus escriptos e da correspondencia diplomatica inedita existente em diferentes Secretarias de Estado. Trad. por J. M. da Fonseca e Castro. Lisboa, 1872, com retrato. (XIX, 126), pág. 31. / VII, 8), pág. 214.) [Smith, John, *Memoirs of the Marquis of Pombal; with extracts from his writings, and from despatches in the state papers office, never before published*, London, 1843.]
187. O MERCADOR DE VENEZA. (De William Shakespeare). Drama em cinco actos. Tradução livre. Trad. por D. Luiz I. Lisboa, 1879, 8º gr., 113 páginas (XIII, 1106), pág. 330.) [Shakespeare, William, *The most excellent history of the merchant of Venice*, etc... ,s/1, 1600.]
188. METHODO actual de inocular as bexigas, com experiencias que provam a utilidade da sua applicação ao tratamento das bexigas, etc, por Th. Dimsdale, medico inglez; traduzido em portuguez. Trad. por Manuel Joaquim de Sousa Ferraz. Porto, 179...(?), 8º. (VI, 825), pág. 23.) [Dimsdale, Thomas, *The Present Method of Inoculating for the Small-Pox...*, London, 1766.]
189. METHODO de restituir a vida ás pessoas aparentemente mortas, por affogamento ou suffocação: recommendado pela Sociedade Humana de Londres; e descripção e figura do respirador de Mudge, com a maneira de usar d'elle: e um summario dos seus effeitos nas tosses catarraes recentes, e n'outros achaques do bofe, etc. Por equivocação, ao que parece, se indicou este opusculo como original no catalogo do Sr. Gusmão, sendo verdadeiramente mera traducção como declara o próprio Paiva. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1790, 8º, 31 páginas. (VI, 764), pág. 15.)
- Não é possível identificar a primeira parte da obra traduzida; quanto à segunda parte: Mudge, John, *A Radical and expeditious cure for a recent catarrhus cough: preceded by some observations on respiration, ... to which is added, a chapter on the vis vital, etc.*, London, 1778.
190. METHODO para aprender inglez, segundo F. Alm, accommodado para o ensino nos lyceus portuguezes. Trad. por Joaquim Simões da Silva Ferraz. Lisboa, 1866, 8º gr. de 86 páginas. (XII, 7582), pág. 153.)
191. O MISANTHROPO, ou o Anão das Pedras Negras, por Walter Scott: vertido em portuguez. Trad. por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1838, 12º. (II, 51), pág. 12 [Scott, Walter, "The Black Dwarf", in *Tales of My Landlord*, Edinburgh, 1816.]

192. MODO POR QUE FOI RECEBIDA SUA MAJESTADE Fidelissima a Senhora D. Maria II por Sua Majestade El-Rei da Gran-Bretanha, no seu palácio de Windsor no dia 22 de Dezembro de 1828. Traduzido do Courrier publicado no dia 23 do mesmo mez e anno. s/1, s/d, 4° de 3 páginas. (XVII pags. 74-75.)
193. MOSTEIRO. Romance histórico de Sir Walter Scott. Trad. por José Maria de Salles Ribeiro. Lisboa, 1842, 8°, de 3 tomos. (XIII, 9822), pág. 105.) [Scott, Walter, *The Monastery, A Romance*, Edinburgh, 1820.]
194. MULHER E MARIDO, escrava e senhor, de Smith. Trad. por João Luiz Rodrigues Trigueiros. Lisboa, 1864, 4 tomos. (X, 6267), pág. 297. [Smith, John Frederick, *Woman and her Master*, London, 1853-4.]
195. NARRATIVA DA PASSAGEM DO PACIFICO ao Atlantico atravez dos Andes, nas provincias do norte do Perú, e descendo pelo rio Amazonas até ao Pará. Por Henrique Lister Maw. Trad. por Antonio Julião da Costa. Liverpool, 1831, 8° gr., com mappas. (I, 952), pág. 183. / S.D.P., 665), pág. 235.) Maw, Henry Lister, [*Journal of a passage from the Pacific to the Atlantic crossing the Andes in the Northern Provinces of Peru, and descending the River Marañon, or Amazon*, London, 1829.]
196. NOÇÕES ASTRONÓMICAS, extrahidas dos escriptos de J. A. Comings, Fontenelle, Almeida, etc. Trad. por Manuel Borges Carneiro. Lisboa, 1829, 4°. (V, 228), pág. 380.) [Cummings, Jacob Abbot, *First lessons in Geography and Astronomy, with seven plain maps, and a view of the solar system, for the use of young children, as preparatory to ancient and modern geography*, Boston, 1823.]
197. NOÇÕES NECESSARIAS para o estudo pratico das machinas a vapor. Traduzido do inglez. Trad. por João Northon Junior. Lisboa, 1855, 4° de 23 páginas. (X, 6543), pág. 322.)
198. NOÇÕES SOBRE A CHOLERA-MORBUS INDIANA, extrahidas principalmente da obra de James Kennedy, e outros; coordenadas pelo dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto. Trad. por Agostinho Albano da Silveira Pinto. Lisboa, 1832, 8° de XII-113 páginas. (II, 88), pág. 231. / I, 60), pág. 13.) [Kennedy, James, *A Lecture on Asiatic Cholera*, 1822, ou *The history of the contagious cholera; with facts explanatory of its origin and laws, and a rational method of cure*, London, 1831.]
199. NOITES DE YOUNG a que se ajuntam muitas notas importantes, e vários opusculos do mesmo Young. Traduzidas em portuguez. Trad. por Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa, 1785, 8°, 2 tomos. (VII, 68), pág. 421.) [Young, Edward, *The Complaint or Night Thoughts on Life, Death and Immortality*, London, 1742-5.]
200. NOITES SELECTAS de Young, traduzidas em portuguez, etc. [Trad. por] José Manuel Ribeiro Pereira. Lisboa, 1781, (nova edição, 1787.) 8°. (V, 3997), pág. 10.) [Young, Edward, *The Complaint or Night Thoughts on Life, Death and Immortality*, London, 1742-5.]

201. A NOIVA DE LUCTO: tragedia de Congreve, traduzida em versos portugueses. Trad. por José Antonio Cardoso de Castro. Lisboa, 1783, 8.º. (IV, 2597) pág. 238.) [Congreve, William, *The Mourning Bride*, Lincoln's Inn Fields, 1697.]

Há outra edição feita em Lisboa, 1817, 8º, 119 páginas.

202. A NOIVA DO SEPULCRO - Xacara. Tradução de Alexandre Herculano, publicada anónima in *O Panorama*, vol. II, 1838 (30/6), página 203; também in *O Jardim Litterario*, tomo VIII, nº 47, 19.11.1852. Na edição das Poesias Herculano acrescentou a indicação: "Imitada do inglez". (XXI, pág. 392) [Lewis, Matthew Gregory, "Osric the Lion" in *Tales of Wonder*, London, 1805.]

Segundo o autor do *Dicionário*, "Spencer, acaso, o poeta inglês que, a testemunho de M^{me} de Staël, melhor imitou as poesias alemãs do genero, porque melhor do que nenhum conhecia o espirito das linguas teutonicas, foi, ou Lewis, que Herculano tambem já traduzira, o autor da poesia d' este titulo, cuja imitação foi impressa no volume II do *Panorama*, 1838, pag. 203, correspondendo ao dia 30 de Junho."

Na realidade, trata-se de uma adaptação muito livre da segunda parte da balada de Lewis.

203. NOTICIA DE SERVIÇOS no libertar-se o Brasil da dominação portugueza, prestados pelo Almirante Conde de Dundonald, Marquez do Maranhão, etc. Trad. por Antonio Ribeiro Saraiva. Londres, 1859, 8º gr., de XV-322 páginas. (VIII, 3120), pág. 297.) [Cochrane, Thomas, 10 th Earl of Dundonald, *Narrative of Services in the Liberation of Chili, Peru, and Brazil, from Spanish and Portuguese domination*, London, 1859 [1858].]
204. A NOUTE DO CASTELO E OS CIUMES DO BARDO: seguidos da Confissão de Amelia, traduzida de Mlle Delphina Gay. Trad. por Antonio Feliciano de Castilho Lisboa, 1836, 12º gr, XXII-202 páginas. (I, 638), pág. 131.) [Gay, Mlle Delphina, *Amelia, or, the distress'd wife: a history founded on real circumstances. By a private gentlewoman*, London, 1751.]
205. NOVA TRAGEDIA intitulada a "Vingança" do dr. Young. Trad. por Vicente Carlos de Oliveira. Lisboa, 1788, 8º de 307 páginas. (VII, 69), pág. 422. [Young, Edward, *The Revenge*, London, 1721.]
206. NOVO DICCIONARIO inglez-portuguez, composto sobre os dictionarios de Johnson, Webster, Grant, Richardson. Trad. por Jacob Bensabath. Lisboa, 1880, 8º gr de XVII (2 não numeradas). (X, 5212), pág. 111.) [Johnson, Samuel, *A Dictionary of the English Language*, London, 1755; Webster, Noah, *A Compendious Dictionary of the English Language*, Hartford, New Haven (Conn.), 1806; (?) Grant, John, A.M., of Crouch End., *A Grammar of the English Language*, etc., London, 1813; Richardson, Charles, *A New Dictionary of the English Language*, London, 1836, 37.]

207. (?)NOVO TESTAMENTO DE JESUS CHRISTO, traduzido em portuguez, segundo a Vulgata, pelo P. Antonio Pereira de Figueiredo. Edição feita pela Sociedade Bíblica de Inglaterra. Londres, 1821, 8º gr. de 251 páginas. (I, 1253), pág. 230.)
208. OBRAS PHILOSOPHICAS de Francisco Bacon... com notas para a explicação do que é escuro. Trad. por Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1731, 4º, 3 tomos. (III, 71/72), pág. 249.) [Bacon, Francis, "Philosophical Works", 1.ª ed. em inglês, 1730.]
209. OBSERVAÇÕES practicas sobre a phtysica pulmonar, escriptas em inglez pelo doutor Samuel Foart Simons, traduzidas em latim pelo doutor Van-Zandiche, e accrescentadas de notas em portuguez pelo doutor Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Trad. por Francisco José de Paula. Lisboa, 1789, 8º. (II, 1003), pág. 412.) [Simmons, Samuel Foart, *Practical observations on the treatment of Consumptions*, London, 1780.]
210. OBSERVAÇÕES practicas sobre a tysica pulmonar: escriptas em inglez pelo dr. Samuel Foart Simmons, traduzidas em latim pelo dr. F.A. Van Zandiche, e em portuguez por Francisco José de Paula; accrescentadas com algumas notas e observações. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1789, 8º. (VI, 790), pág. 17.) [Simmons, (ed.), Samuel Foart, *The London Medical Journal*, London, 1781-90.]
211. OBSERVAÇÕES sobre a cura da gonorrhoea virulenta, traduzida do inglez de Simons. Trad. por José Bento Lopes. Porto, 1794, 8º. (IV, 2839), pág. 272.) [Simmons, Samuel Foart, *Gonorrhoea*, London, 1780.]
212. OBSERVAÇÕES sobre a efficacia da mostarda branca nas affecções do figado órgãos internos, systema nervoso, e geral tractamento para a conservação da saude e da vida. Por Charles Turner Coock, traduzidas da sexta edição original pela ill.ma e ex.ma sra. D. Mathilde Laura Coelho Pestana e publicadas por Francisco José da Costa Amaral. Lisboa, 1862, 8º gr de 54 páginas. (IX, 2499), pág. 312.) [Cooke, Charles Turner, *Observations on the Efficacy of White Mustard Seed; With a particular view to its recommendation as a means of augmenting the beneficial use of the Cheltenham Waters*, Gloucester, 1826.]
213. OBSERVAÇÕES sobre a primeira formação das linguas, do diferente genio das originaes e compostas. Traduzidas do inglez de Adão Smith, e annotadas. Trad. por Francisco Xavier Ribeiro de S. Paio. Lisboa, 1816, 8º. (III, 2031), pág. 95.) [Smith, Adam, *The Theory of Moral Sentiments; or an essay towards an analysis of the principles by which men naturally judge concerning the conduct and character, first of their neighbours, and afterwards of themselves; to Which is added, a Dissertation on the origin of languages*, 2 nd. edition, London, 1761. (A 1.ª ed. é de 1759 e não inclui "Origin of languages".)]
214. OBSERVAÇÕES sobre as doenças, feridas, e outras imperfeições das arvores fructiferas e silvestres de toda a especie; com um methodo particular de as curar, descoberto e praticado por Guilherme Forsyth,

jardineiro de Sua Majestade Britannica, etc. Traduzido do inglês. Trad. por Felix de Avellar Brotero. Coimbra, 1802, 8° de 62 páginas. (II, 42), pág. 261. / S.D.P., 734), pág. 241.) [Forsyth, William, *Observations on the diseases defects, and injuries in all kinds of fruit and forest trees: with an account of a particular method of cure invented and practised by W.F.*, London, 1791.]

215. ODE À FUNESTA SEPARAÇÃO de uma dama, no momento em que o seu amante se apartava da sua presença etc. Trad. por P. José Agostinho de Macedo. Lisboa, 1792, 4°, 8 páginas. (IV, 2176), pág. 189.).

No *Dicionário*, é mencionado que "A ode foi tirada do jornal inglês *The European Magazine*. A edição do 4° saíu anónima a do 8° declara o nome do tradutor."

216. ODE DE DRYDEN para o dia de Sancta Cecilia, traduzida em português. Trad. por Antonio de Araujo de Azevedo. s/l, s/d, 4° gr., 60 páginas. (I, 418), Pág. 88.) [Dryden, John, *Alexander's Feast; or the Power of Musique. An ode in honour of St. Cecilia's Day*, London, 1697.]

Segundo o autor do *Dicionário*, a tradução da Ode de Dryden apareceu passados anos reproduzida na "Mnemósine Lusitana", tomo II, 1817, pág. 214, com uma 'Advertencia' preliminar do tradutor. O autor do *Dicionário* pensa que o folheto pode ter sido publicado em Hamburgo, 1799.

217. ORAÇÃO À MEMORIA de Pedro o grande, Imperador da Russia: traduzida da lingua russa para a ingleza, e d' esta para a portugueza. Trad. por Francisco Xavier de S. Paio. Lisboa, 1816, 8° de 74 páginas. (III, 2032), pág. 95.)

218. ORAÇÃO FUNEBRE de Marcus Antonius extrahida da tragedia de William Shakespeare *Júlio Cesar*, vertida do inglês, etc. Trad. por António Petronilo Lameirão. Lisboa, 1879, 4° de 16 páginas. (XXII, 2428), pág. 340.) [Shakespeare, William, *Julius Caesar*, a. III, c. 2.]

219. OTHELLO, o mouro de Veneza. (de William Shakespeare). Tragedia em cinco actos. Tradução de D. Luiz de Bragança. Porto, 1885, 8-° gr, 198 páginas. (XIII, 1108), pág. 330.) [Shakespeare, William, *The Tragedy of Othello, the Moore of Venice*, London, 1622.]

Existe ainda a referência a um estudo crítico de Camilo Castelo Branco sobre esta obra. (XXV, pág. 91.). Porto, 1886.

220. OTHELO, ou o mouro de Veneza: tragédia em cinco actos, imitação de Shakespeare. Trad. por Luís Augusto Rebello da Silva. Lisboa, 1856, 8°. (V, 388), pág. 230.) [Shakespeare, William, *The Tragedy of Othello, the Moore of Venice*, London, 1622.]

221. OTHELLO (versão do inglês, com um prefacio ácerca do theatro shakerperiano). Trad. por José Antonio de Freitas (2-°). Lisboa, 1882, 8°

de XL-232 páginas. (XII, 7929), pág. 226.) [Shakespeare, William, *The Tragedy of Othello, the Moore of Venice*, London, 1622.]

222. PAMELLA ANDREWS, ou a virtude recompensada. Novella de Richardson, traduzida em vulgar. Trad. por D. Felix Moreno de Monroy e Ros. Lisboa, 179...(?) 8-º, 2 tomos. (II, 88), pág. 267.) [Richardson, Samuel, *Pamela: or, Virtue Rewarded*, London, 1740-41.]

O autor do *Dicionário* refere outras edições da obra: além da citada, também as de 1818 e 1834-36.

223. OPARAISOPERDIDO: Epopéia de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez. Trad. por Antonio José de Lima Leitão. Lisboa, 1840, 8º gr, 2 tomos de XVI-534 páginas. (I, 889), pág. 171. / VIII, pág 204.) [Milton, John, *Paradise Lost: a poem written in ten books*, 1667. *Rev. as a poem in twelve books*, 1674.]

No volume XX, 83), pág. 35-36. é referida outra edição desta obra: «Milton, *O Paraíso Perdido*, poema épico em doze cantos com ilustrações de Gustavo Doré. Tradução em verso portuguez pelo dr. António José de Lima Leitão, revista prefaciada do poeta e analyse do poema por Xavier de Cunha. Lisboa, 1884, 4º.»

224. O PARAISO PERDIDO: Poema epico de J. Milton, traduzido em verso portuguez, com reflexões e notas. Trad. por Francisco Bento Maria Targini. Paris, 1823, 8º gr, 2 tomos. (II, 596), pág. 352.) [Milton, John, *Paradise Lost: a poem written in ten books*, 1667. *Rev. as a poem in twelve books*, 1674.]

225. PARAISO PERDIDO, poema heroico de João Milton, traduzido em vulgar, com o "Paraíso restaurado" poema do mesmo auctor, e notas historicas, mythologicas, etc. de Mr. Racine. Trad. por P. José Amaro da Silva. Lisboa, 1780, 8º, 2 tomos, 1.ª edição; Lisboa, 1830, 8º, 2 tomos, 2.ª edição. (IV, 2513), pág. 220.) [Milton, John, *Paradise Lost: a poem written in ten books*. 1667. *Rev. as a poem in twelve books*, 1674, London, 1667.]

A obra foi traduzida do francês.

226. PARAISORESTAURADO, de Milton. Trad. por João Cabral de Mello. (X, pág. 197.) [Milton, John, *Paradise Regained*, London, 1665, publ. 1671.]

O autor do *Dicionário* diz que a obra ficou inédita.

227. PARAIZO. Trad. por P. João Pedro Pessoa. (X, pág. 327.)

Deve tratar-se da tradução de um dos poemas de Milton: *Paradise Lost*, London, 1667, on *Paradise Regained*, London, 1665.

228. (?) O PASTOR DE PALAFOX... e caminho real do desengano. Traduzido em portuguez. Trad. por D. Anna Josepha de Bivar. Lisboa, 1798, 8-º. (VIII, 2108), pág. 67.)

229. A PEREGRINAÇÃO de Child Harold, de Lord Byron; tradução. [Trad. por] Alberto Telles de Utra Machado. (XXV, pág. 8.) [Byron, George Gordon, *Childe Harold's Pilgrimage. A romaunt, in four cantos*, London, 1812-19. 1819 é a data da primeira edição completa.]
230. PEREGRINAÇÃO DE UM CRISTÃO, ou viagem para a cidade celeste, escripta debaixo da alegoria de um sonho. Transladada em vulgar por F.R.I.L.E.L.. Trad. por Francisco Rolland. Lisboa, 1782, 8°. (III, 1773), pág. 50) [Bunyan, John, *The Pilgrim's Progress from this world to that which is to come: delivered under the similitude of a dream, etc.*, London, part one-1678, part two -1684.]
231. PHARMACOPÉA BATEANA, augmentada com os segredos goddardianos de Jonathan Goddardo, medico celeberrimo londrinense, com o appendice á mesma pharmacia, de Thomás Fuller, e acrescentada com um additamento de varias fórmas ou receitas e composições de João Junchero e Francisco Paulino Touquet e de outros. Obra utilíssima para o bem commum, escripta por ordem alphabetica, e dada á luz por um professor da mesma arte, etc. Pamplona, 1763, 8°. (XVII, 8), pág. 289.) [*Pharmacopoeia Bateana, in quaoctingenta circiter pharmaca, pleraq; omnia è praxi G. Batei... excerpta, ordine alphabetico concisè exhibentur... Accessit Orthotonia medicorum observata: annexa item est ... Tabula posologica dosibus pharmacorum... expeditius computandis accommodata... cura*, Londini, 1688; *Editio terti cum appendice, ex autographo eximii authoris nunc primum de sumpta*, [The preface to the appendix signed: Thomas Fuller], Londini, 1700.]
232. PHARMACOPÉA BATEANA, na qual se contém quasi oitocentos medicamentos tirados da pratica de Jorge Bateo, proto-medico de Carlos II, rei de Inglaterra, escripta pela ordem alphabetica, traduzida do latim em portuguez e offerecida ao rev.^{mo} padre D. Joseph de S. João, etc. Trad. por D. Caetano de Santo Antonio. Lisboa, 1713, 8° de 8 (innumeradas) — 310 páginas. (XVII, 3), pág. 289.) [*Pharmacopoeia bateana, in qua octingenta circiter pharmaca, plerac; omnia è praxi G. Batei... excerpta, ordine alphabetico concisè exhibentur... Accessit Orthotonia medicorum observata: annexa item est... Tabula posologica dosibus pharmacorum... expeditius computandis accommodata... cura*, Londini, 1688.]
233. PHARMACOPÉA MEDIANA, accomodada aos preceitos medicos do celebre auctor Ricardo Mead, traduzida do latim, acrescentada e emendada. Trad. por Antonio Rodrigues Portugal. Porto, 1768, 8° de 72 páginas. (XVII, 9), pág. 289.)
234. PHARMACOPÉA dos pharmacopeus nacionaes e estrangeiros, excepto a geral d'estes reinos, citadas nos regimentos dos pharmaceuticos portuguezes de 1831 e de 1833, ou collecção de todas as formulas e processos dos medicamentos preparados conforme as pharmacopéas Bateana, de Baume, de Chevalier de Dublin, de Edimburgo, franceza de Fuller, etc. Compilada pelo Bacharel B.J.O.T. Cabral. Lisboa, 1833, 4°. (XVII, 20), pág.290.)

235. PHARMACOPÉA PORTUENSE, em a qual se acham muitas composições que estão mais em uso e se não acham nas nossas pharmacopéas portuguezas tiradas das pharmacopéas de Londres, de Edimburgo, de Paris, de Fuller, de Medulla, e de outros vários auctores, que todos vão postos na ordem alfabética para o seu mais accomodado e prompto uso, etc. Trad. por Antonio Rodrigues Portugal. Porto, 1766, 8°. (XVII, 10), pág. 290. / I, 1448), pág. 261.)
236. PHYSIOLOGIA E HYGIENE, por Mr. Bray. (destinado às escolas primárias e populares) Trad. por Alberto Telles. (XX, 2), pág. 118.) [Bray, Caroline, *Physiology for Common Schools, in twenty-seven easy lessons*, London, 1860.]
237. PHYTOLOGIA, ou a philosophia da Agricultura e Horticultura, ou compendio de Phyturgia e Geurgia philosophicas, por Erasmo Darwin, doutor em Medicina, em 1800. Traduzida em portuguez. Trad. por Felix de Avellar Brotero. Manuscrito, 8°, 32 cadernos. (II, 59), pág. 263.) [Darwin, Erasmus, (the Elder), *Phytologia; or the Philosophy of Agriculture and Gardening...*, London, 1800.]
238. O PILOTO, novella maritima por F. Cooper: vertida em portuguez. Trad. por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1838, 12°, 4 vols. (II, 54), pág. 12.) [Cooper, James Fenimore, *The Pilot, a Tale of the sea*, New York, 1823.]
239. (?) PLANODE UMA OBRA PIA, realmente util ao reino de Portugal, por D. Bernardo Ward, traduzido em portuguez. Trad. por João Rosado de Villa-Lobos Vasconcellos. Lisboa, 1782, 8°. (IV, 1266), pág. 31.) [Bernardo Ward escreveu várias obras em inglês, mas o original desta parece ser: Ward, Bernardo, *Obra pia, y eficaz modo para remediar la miseria de la gente pobre de Espanã...*, Madrid, 1767.]
240. POEMA sobre o prosequimento da guerra com a França: composto em inglez por Mr. Gerningham, e traduzido em portuguez. Trad. por P. José Agostinho de Macedo. Lisboa, 1798, 8° de 22 páginas. (IV, 2171), pág. 187.)
241. POESIAS de Camões, traduzidas por Lord Strangford. Defesa do Poeta por Lord Byron e por um crítico da Escócia. Trad. por José Fernandes Costa Junior. Coimbra, 1920, 8° de 34 páginas. (XXV, pág. 234.) [Byron, George Gordon, *English Bards and Scotch Reviewers*, 1809 e artigo anónimo in *Edinburgh Review*, Apr.-Jul. 1805, págs. 43-50.]
242. O PRESO DE CHILLON, traduzido de Lord Byron em versos portuguezes. Trad. por Fernando Luis Mousinho de Albuquerque. Lisboa, 1833, 4° de 16 páginas. (II, 122), pág. 275. / IX, 122), pág. 217.) [Byron, George Gordon, *The Prisoner of Chillon and other poems*, London, 1816.]
243. A PRIMAVERA traduzida do poema das *Estações* de Thomson. Trad. por José Baptista Gastão, in *O Compilador, ou Miscellanea Universal*, Lisboa, 1821(?), 1822 (?), 8° gr., periódico com 96 páginas em cada volume. (IV, 2740), pág. 258.) [Thomson, James, *Spring: a poem*. Dublin, 1728.]

244. A PRIMAVERA, tradução livre do poema das "estações" de Thompson *In Obras Poeticas de D. Leonor de Almeida. etc. conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de "Alcipe"*. Trad. por D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre. Lisboa, 1844, tomo III, 8°, 6 volumes. (V, 53), pág. 177.) [Thomson, James, *The Seasons*, s/1, 1730.]
245. PRIMEIROS PASSOS para a Temperança por Alice Price. (destinado às escolas primárias e populares) Trad. por Alberto Telles. (XX, 8), pág. 118.) [Price, Alice, "*Only One!*" *A temperance story for christian workers*, London, 1878.]
246. PRINCIPIOS DE ECONOMIA POLITICA de Mac-Culloch, reduzidos a compendio para o uso dos estudantes do Instituto hispano-luso do dr. Silveira. Versão do inglez. Trad. por Rodrigo da Fonseca Magalhães. Londres, 1830(?), 8° de 108 páginas. (VII, 300), pág. 172. / S.D.P., 826), pp. 249-250.) [MacCullough, John Ramsay, *The principles of Political Economy: with a sketch of the science*. Edinburgh, 1825.]
247. A PRISÃO D'EDIMBURGO, por Walter Scott: traduzido em portuguez. Trad. por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1838 (?) 12°, 4 volumes. (II, 40), pág. 11.) [Scott, Walter, "*The Heart of Midlothian*" in *Tales of my Landlord*, 2nd series, Edinburgh, 1818.]
248. PROCLAMAÇÃO do sr. rei da Gran-Bretanha, mandada publicar pela resolução que Sua Majestade tomou no conselho que fez em 21 de Julho de 1739. Traduzida da lingua ingleza por J.F.M.M. Trad. por José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Lisboa, 1739, 4°, 8 páginas. (IV, 3400), pág. 350. / S.D.P., 233), pág. 131.)
249. PRODIGIOSOS EFEITOS do magnetismo animal. Sonho. Um delirio febril ou extasis, seguido da traducção do artigo que J.G. Millingen M.D.M.A. inseriu nas suas "curiosities of medical experience" producção ingleza de grande merito. Trad. por João Januario Vianna de Rezende. Lisboa, 1864, 8° gr. de 146 páginas e mais 4 innumeradas. (X, 6774), pág. 404.) [Millingen, John Gideon, *Curiosities of Medical Experience*, London, 1837.]
250. PROPOSTA para formar por subscrição na metropole do Imperio Britanico uma Instituição Publica para derramar e facilitar a geral introducção das uteis invenções, machinas e melhoramentos etc. Traduzida do inglez. Trad. por Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrade e Silva. Lisboa, 1799, 4°. (I, 505), pág. 104.)
251. OSPURITANOS D'ESCOCIA, por Walter-Scott: traduzido em portuguez. Trad. por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1837, 12°, 4 volumes. (II, 39), pág. 11. [Scott, Walter, "*Old Mortality*", in *Tales of my Landlord*, Edinburgh, 1816.]
252. QUEDA DO THRONO das barricadas, traduzido do inglez. Trad. por João Augusto do Amaral Frazão. (X, 5450), pág. 163.)

253. O QUE HA A FAZER EM CASO DE ACCIDENTE, pelo dr. André Wilson. (destinado às escolas primárias e populares) Trad. por Alberto Telles. (XX, 12), pág. 119.) [Wilson, Andrew, *What to do in Emergencies*, London, [1900].]
254. QUEIXAS DE HESPAÑA E INGLATERRA, e reciprocas justificações de ambas as corôas: representadas em varias cartas e memorias, traduzidas por J.F.M.M. Trad. por José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Lisboa, 1719, 4° de 26 páginas. (IV, 3349), pág. 346. / S.D.P., 233), pág. 130.)
255. QUESTÃO PORTUGUEZA, traduzida de um jornal inglez por um verdadeiro patriota. Lisboa, 1827, 4°. (XVII, 25), pág. 27.) "Portugal", in *Edinburgh Review*, n.º 89, p. 199.]
256. QUINTINO DURWARD. Novella de W. Scott traduzida em portuguez. Trad. por André Joaquim Ramalho e Sousa. Lisboa, 1838, 8°, 4 tomos. (I,309), pág. 63.) [Scott, Walter, *Quentin Durward. By the author of "Waverley", etc*, Edinburgh, 1823.]
257. QUINTINO DURWARD, ou o Escocez na corte de Luis XI, por Walter-Scott: traduzido em portuguez. [Trad. por] Caetano Lopes de Moura. Paris, 1838, 12°, 4 volumes. (II,42), pág. 11. / XXI, pág. 559.) [Scott, Walter, *Quentin Durward. By the author of "Waverley", etc*, Edinburgh, 1823.]
258. QUINTINO DURWARD, por Walter Scott. Trad. por Julio Cesar de Magalhães. Lisboa, 188...(?), 8°, 3 volumes. (XIII, 10807), pág. 225.) [Scott, Walter, *Quentin Durward. By the author of "Waverley", etc*, Edinburgh, 1823.]
259. RASÕES PELAS QUAES DEVE A RELIGIÃO CATHOLICA APOSTOLICA ROMANA ser preferida a todas as seitas existentes no christianismo e pelas quaes se resolveu a abjurar o lutheranismo S.A. Antonio Ulrich, duque de Brunswick, etc. Traduzido do inglez com notas e addições. Trad. por Pedro de Sant'Anna e Vasconcellos. Lisboa, 1855, 8° gr. (XVII, 1006), pág. 229. / XVIII, 221), pág. 161.)
260. REFLEXÕES sobre a conducta do principe regente de Portugal. (traduzidas do inglez) Revistas e corrigidas. Trad. por Francisco Soares Franco. Coimbra, 1808, 4° de 10 páginas. (III, 1825), pág. 63.)
261. REGULAMENTO para a instrucção do tiro. Traduzido do inglez, e com um appendice. Trad. por José Antonio Bentes. Lisboa, 1874, 8° de 152 páginas. (XII, 7911), pág. 223.)
262. REI LEAR. [Versão de Ducis.] Trad. por José Maria da Costa e Silva. (V, 4119), pág. 28.) [Shakespeare, William, *King Lear*, s/1, 1606; Ducis, *Le Roi Lear*, imp. 1783.]

O autor do *Dicionário* refere a tradução. Sousa Bastos, *Diccionario do Theatro Portuguez*, Lisboa, 1908, diz ainda que foi representada.

263. RELAÇÃO da conversão do Rev.^{do} sr. João Thayer, ha pouco ministro protestante em Boston, na America do norte, escripta por elle mesmo; a que vão annexos varios extractos, etc., Trad. por Manuel Ignacio de Sousa. Lisboa, 1788, 8º de 155 páginas. (VI, 711), pág. 7.) [Thayer, John, *An account of the conversion of the Reverend Mr. John Thayer, lately a Protestant minister, at Boston in North America, who embraced the Roman Catholic religion at Rome, on the 25th. May, 1783; Written by himself*, London, 1786 [?].]
264. RELAÇÃO de alguns experimentos e observações feitas sobre as medicinas de mad. Stephens, para dissolver a pedra, etc. Ajunta-se um compendio historico de todos os factos desde a origem d'este descobrimento, etc. Traduzido, illustrado e acrescentado por J. de C.S.. Trad. por Jacob de Castro Sarmento. Londres, 1742, 8º gr. de XVI-158 páginas e uma advertência final. (X, 5217), pág. 113.)
265. RELAÇÃO do grande e obsequioso funeral, com que foi enterrado em Inglaterra o celebre Lord Nelson. Traduzida das noticias que os mesmos inglezes publicaram a esse respeito. Trad. por António Estevam de Lima. Lisboa, 1806, 8º de 47 páginas. (VIII, 2393), pág. 131.)

O autor do *Dicionário* refere que foi publicado anónimo, mas pensa-se que seja deste autor.

266. RELAÇÃO do primeiro cerco de Saragoça desde 14 de Junho até 15 de Agosto de 1808. Escripta por Mr. Vaughan d'Oxford, à qual se ajunta a relação do segundo cerco, que principiou a 27 de Novembro de 1808, e se diz acabado a 21 de Fevereiro de 1809; traduzida e refutada, etc. Trad. por D. Fr. Fortunato de S. Boaventura. Coimbra, 1809, 4º de 36 páginas. (II, 316), pág. 310.) [Vaughan, Charles Richard, *Narrative of the Siege of Zaragoza*, London, 1809.]
267. RELAÇÃO dos factos praticados pela Comissão dos commerciantes de vinhos em Londres, correspondentes da Companhia geral da agricultura das vinhas do Alto-Douro no Porto, em consequencia da petição apresentada á Camara dos Communs etc. [por certas pessoas, que se intitulão Membros da Extincta Feitoria. Offerecida aos Senhores Neiva, e Sá, Agentes da Companhia em Londres. Com hum appendix, que contém Documentos, Explicações e illustrações. Audi alteram partem.] Com um Appendix. Traduzida do original inglez. Trad. por Joaquim José Pedro Lopes. Lisboa, 1813, 8º gr., 171 páginas. (IV, Correções e additamentos, pág. 447. / VI, 1635), pág. 195. / S.D.P., 250), pág. 134.)

Esta "Relação" está incluída numa colecção denominada *Memorias Pró e Contra a existencia da Companhia...*

268. RESUMO DO SYSTEMA de medicina, e traducção da MATERIA MEDICA do doutor Erasmo Darwin, com várias notas. Trad. por Henrique Xavier Baeta. Lisboa, 1806, 8º gr. . (III, 84), pág. 190.) [Darwin, Erasmus, *Zoonomia; or the Laws of organic life*, Dublin, 1794-6.]

269. RICARDO III. (de William Shakespeare). Drama historico em cinco actos. Trad. por D. Luiz I. Lisboa, 1880, 8º gr., 170 páginas. (XIII, 1107), pág. 330.) [Shakespeare, William, *The Tragedy of King Richard III*, s/1, 1597.]

Segundo o autor do *Dicionário*, a obra saiu sem o nome do tradutor.

270. ROMEU E JULIETA. Trad. por Jeronymo da Silva Maldonado de Eça. Acabou a tradução, posto que ainda a conserve inedita, do Romeu e Julieta, de Shakespeare. Conta, porém, dal-a brevemente ao prélo. (X, pág. 398.) [Shakespeare, William, *Romeo and Juliet*, s/1, 1594-95.]
271. REVISTA HISTORICA do proselytismo anti-catholico exercido na Ilha da Madeira pelo Dr. Roberto Reid Kalley desde 1838 até hoje. Trad. por Manuel de Sancta Anna e Vasconcellos. Funchal, 1845, 4º de IV-92 páginas. (V, 99), pág. 359.) [0 original será um dos seguintes: Kalley, Robert R [eid] M. D. *An Account of the recent persecutions in Madeira. In a letter to a friend*, London, 1844; *Persecutions in Madeira in the nineteenth century, being an exposition of facts*, By R. R. Kalley, translated from the Portuguese, by M. J. Gonsalves. New York: Amer. Protestant Soc., 1845.]
272. O ROUBO DA MADEIXA: poema heroi-comico de Alexandre Pope, traduzido em verso portuguez, in *Minerva Brasiliense*, tomo I de pag. 212 a 215. Trad. por Francisco José Pinheiro Guimarães. s/1, 1843. (II, 1006), pág. 412.) [Pope, Alexander, *The Rape of the Lock. An heroi-comic poem. In five canto's*, London, 1714.]
273. O ROUBO DO ANEL DE CABELLOS: Poema heroi-comico em cinco cantos, traduzido de Pope. Trad. por Antonio Luis Gentil, in *Ramalhete, Jornal de instrucção e recreio*, tomo I, pág. 22 e seguintes. (I, 1007), pág. 191.) [Pope, Alexander, *The Rape of the Lock. An heroi-comic poem. In five canto's*, London, 1714.]
274. RUDIMENTOS DE SCIÊNCIAS NATURAIS, de Huxley (traducção). Trad. por António de Sousa Silva Costa Lobo. (XXII, 2630), pág. 361.) [Huxley, Thomas Henry, *Science Primers. Introductory*, London, 1872.]
275. (?) SANCTA BIBLIA, contendo o Velho e Novo Testamento, traduzidos em portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres, 1821, 8º gr. de 926 páginas. (I, 1253), pág. 230.)

Segundo o autor do *Dicionário*, esta edição foi feita pela Sociedade Bíblica de Inglaterra. No tomo VIII, página 277 refere ainda: "As edições da *Sancta Biblia*, feitas à custa das sociedades protestantes de Inglaterra ... teêm continuado de então para cá, havendo por exemplo uma de Londres, 1860, 8º de 744 pagse ainda em 1865 se realisou outra em Lisboa, na Typ. Universal de Thomás Quintino Antunes."

276. A SCIENCIA DO BOM HOMEM RICARDO, OU MEIOS DE FAZER FORTUNA: por Benjamim Franklin, Trad. por Filippe Ferreira de Araújo

e Castro. Lisboa, 1840(?) 8°, de 16 páginas. (II, 198), pág. 296. / IX, pág. 226. / S.D.P., 998), pág. 267.) [Franklin, Benjamin, *The Way to Wealth or Poor Richard Improved*, Paris, 1795.]

277. SÊ POUPADO. Por Samuel Smiles. (destinado às escolas primárias e populares). Trad. por Alberto Telles. (XX, 5), pág. 118.) [Smiles, Samuel, *Self-Help; With illustrations of character and conduct*, London, 1859.]
278. SOBRE O PROGRESSO DA POESIA, de Gray. Trad. por Antonio de Araujo de Azevedo. s/l, s/d, 4° gr., 60 páginas. (I, 418), pág. 88.) [Gray, Thomas, "The Progress of Poesy", in *Odes*, Strawberry Hill, 1757.]

Segundo o autor do *Dicionário*, o folheto pode ter sido publicado em Hamburgo, 1799.

279. SOCIOLOGIA CHINEZA — Autoplastia, transformação do homem em animal, estiolamento e atrophia humana, casos de teratologia, pelo dr. Macgowan. Trad. por Demetrio Cinatti. Lisboa, 1892, 8°. (XVII, 7), pág. 29.) [Macgowan J., "Autoplastia. Transformação do homem em animal na China" (desconhece-se o título original em inglês), in *North China Daily News* transcrito depois no *Daily Press*, de Hong-Kong, 28 de Junho de 1892.]

Segundo o autor do *Dicionário*, trata-se de uma nota destinada à 10.ª sessão do congresso internacional de orientalistas.

280. SOCIOLOGIA CHINEZA- o homem como medicamento, superstições medicas e religiosas que victimam o homem, afinidade destas crenças com as crises anti-europeias em 1891, pelo dr. Macgowan. Trad. por Demetrio Cinatti. Lisboa, 1892, 8°. (XVII, 8), pág. 29.) [Macgowan, J., "Superstições medicas e incentivos aos tumultos anti-estrangeiros na China" (desconhece-se o título original inglês) in *North China Daily News* transcrito depois no *Daily Press*, Hong-Kong, 16 de Julho de 1892.]

Segundo o autor do *Dicionário*, trata-se de uma nota destinada à 10.ª sessão do congresso internacional dos orientalistas.

281. SUBALTERNO. Trad. por Antonio Julião da Costa(?). Liverpool, 1830, 12° gr. ou 8° de IV-288 páginas. (I, 951), pág. 182. / XIX, 571), pág. 237.) [Gleig, George Robert, *The Subaltern: A chronicle of the Peninsular War*, Edinburgh, 1825.]

Segundo o autor do *Dicionário*, trata-se de uma versão anónima de um livro traduzido do inglês, relativo aos sucessos dos últimos anos da guerra peninsular. Foi atribuída ao então cônsul de Portugal residente em Liverpool, António Julião da Costa.

Existe outra obra com título e assunto semelhantes: *The Subaltern Officer: A narrative by Cpt. George Wood, of the Line*, London, 1825.

282. SUMMULA ESTATISTICA das Universidades Allemãs. Trad. por José Joaquim da Silva Pereira Caldas, in *O Pirata*, tomo II, n° 16, Lisboa(?),Porto(?), 18...(?).(IV, 3763), pág. 401.)

Segundo o autor do *Dicionário, O Murmurio*, n° 20 (com emenda de algumas erratas no n° 23), Braga, 1858, traz um bosquejo sobre aquelas Universidades. O autor refere ainda que a *Revista Literaria*, no volume VIII, pp.232 - 265, Porto, 18...(?), traduziu um artigo mais extenso, do inglês, sobre aquelas Universidades, e do qual o *Murmurio* tirou o extracto que publicou.

283. SUPPLEMENTO à memoria sobre a cultura das cinchonas, ou extracto do relatório do anno de 1863-64, dirigido por Mr. Mc. Ivor ao governo de Madrastra. Vertido do inglez. Trad. por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara. Nova Goa, 1865, 4° de 8 páginas. (XII, 7072), pág. 67.) [Mac Ivor, William Graham, *Notes on the Propagation and Cultivation of the Medicinal Cinchonas, or Peruvian Bark Trees*, s/l, 1863.]

284. SYSTEMA de cirurgia de Benjamin Bell, traduzido para portuguez. Trad. por Francisco José de Paula. Lisboa, 1794, 4°. (II, 1005), pág.412.) [Bell, Benjamin, *A System of Surgery*, Edinburgh, 1783.] V. n.° 59.

285. SYSTEMA de lei sobre seguros maritimos (Allen Park), traduzido do inglez da septima edição. Trad. por Antonio Julião da Costa. Liverpool, 1822, 8° gr., 2 tomos. (I, 948), pág. 182.) [Park, Sir James Allan, *A System of the Law of Marine Insurances; with three chapters on bottomry, on insurances on lives, and on insurances against fire*, London. 1817.]

286. O TALISMAN, ou Ricardo na Palestina, por Walter-Scott: traduzido em portuguez. Trad. por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1837, 12°, 3 vols. (II, 41), pág. 11.) [Scott, Walter, "The Talisman", in *Tales of the Crusaders*, Edinburgh, 1825.]

287. O TEMPLO DA FAMA, de Pope. Trad. por Francisco Xavier Monteiro de Barros. (III, 2002), pág. 90.) [Pope, Alexander, *The Temple of Fame*. (imitated from Chaucer), London, 1715.]

Segundo o autor do *Dicionário*, Francisco Xavier Monteiro de Barros só traduziu excertos desta obra; traduziu ainda a versão completa do primeiro livro da *Iliada*; a de uma parte do livro segundo da *Eneida*; vários trechos da *Jerusalem Libertada*, de *Orlando O Furioso*, a epístola de Sapho a Phaon, por Colardeau, etc.

288. THEATRO de Manuel de Figueiredo. Trad. por Manuel de Figueiredo. Lisboa, 1804-1815, 8°, 14 tomos, sendo o primeiro ornado com o retrato do autor. (V, 601), pág. 433.) [Addison, Joseph, *Cato*, London, 1713.]

Segundo o autor do *Dicionário*, o tomo VIII inclui *Catão*, tragédia de Addison, traduzida do original inglês.

289. THEORICA verdadeira das marés, conforme a philosophia do incomparavel cavalheiro Isaac Newton. Trad. por Jacob de Castro

Sarmento. Londres, 1737, 4°. (III, 66), Pág. 248.) [Newton, Isaac, [Lunae Theoria] *A New and most Accurate Theory of the Moon's Motion; Whereby All her Irregularities may be solved ...*, London, 1702.]

290. A TORRE DE LONDRES. Trad. por José Joaquim Vieira Souto. (IV;3900), pág. 416.) [Ainsworth, William Harrison, *The Tower of London. A historical Romance... Illustrated by George Genikshark*, London, 1840.]

Segundo o autor do *Dicionário*, a obra está inédita.

291. TRACTADO DE ARTILHERIA por João Muller, traduzido do inglez para uso da Real Academia Militar. Trad. por Antonio Teixeira Rebello. Lisboa, 1792, 4°. (I, 1569), pág. 280.) [Muller, John, *A treatise of Artillery... to which is prefixed an introduction, with a theory of powder applied to firearms*, London, 1768.]

292. TRACTADO DAS LEIS RELATIVAS A NAVIOS mercantes e marinhos (Charles Abbot). Traduzido do inglez. Trad. por Antonio Julião da Costa. Liverpool, 1819, 8° gr. (I, 949), pág. 182.) [Abbott, Charles, *A Treatise of the law relative to merchant ships and seamen*, London, 1802.]

293. TRACTADO PRATICO DOS BANCOS, por James William Gilbert... traduzido pelo dr. Luis Joaquim, etc. Trad. por Luís Joaquim de Oliveira e Castro. Paris, 1859, 8° gr. , 3 tomos. (V, 611), pág. 298.) [Gilbart, James William, *A Pratical Treatise on Banking...*, London, 1827.]

294. TRACTADO DO MELHORAMENTO DA NAVEGAÇÃO POR CANAES, onde se mostram as numerosas vantagens que se podem tirar dos pequenos canaes e barcos de dous até cinco pés de longo. Escripto em inglez por R. Fulton, e traduzido em portuguez. Trad. por Antonio Carlos Ribeiro Machado de Andrade e Silva. Lisboa, 1800, fol. com 18 estampas. (I, 506), pág. 104.) [Fulton, Robert, *A Treatise on the improvement of canal Navigation; with... plates with thoughts on and designs for aqueducts and bridges*, London, 1796.]

295. TRACTADO SOBRE A CREOSOTA e suas applicações em medicina e cirurgia. Trad. por Antonio José de Sousa Pinto. Lisboa, 1838, 4° de 56 páginas. (I, 936), pág. 181.) [Cormack, J. Rose, *A Treatise of the chiminal, medicinal and physiological properties of Creosote... with some considerations on the embalment of the egyptians*, Edinburgh, 1836.]

O autor do *Dicionário*, no tomo VIII, página 215, explica que "com quanto seu auctor pareça dal-o por original, nada mais é... que uma traducção mutilada ou rapsodia extrahida do livro de J. Rose Cormack".

296. TRADUÇÃO da *Elegia de Gray*, composta no Cemiterio de uma igreja d'aldêa. Trad. por Antonio de Araujo de Azevedo. s/1, 1799(?), 4° gr.. (I, 419), pág. 89.) [Gray, Thomas, *An Elegy Wrote in a Country Church Yard. With an "Advertisement" by Horace Walpole*, London, 1751.]

No tomo IV, página 359, Inocêncio refere que fez inserir este poema, em 1841, no "Ramalhete, jornal de Instrucção e Recreio".

297. TRADUÇÃO de "An Elegy Wrote in A Country Church Yard". Versão inédita. Trad. por Manuel Rodrigues da Silva Abreu. (IV, pág. 354.) [Gray, Thomas, *An Elegy Wrote in a Country Church Yard. With an "Advertisement" by Horace Walpole*, London, 1751.]
298. TRADUÇÃO das obras politicas do sabio jurisconsulto Jeremias Bentham, vertidas do inglez na lingua portugueza, por mandado do soberano Congresso das Cortes geraes, extraordinarias e constituintes da mesma nação. Trad. por Diogo de Goes Lara de Andrade. Lisboa, 1822, 4º, 2 tomos. (IX, 465), pág. 125.) [Bentham, Jeremy, *The Rationale of Punishment*, London, 1830; Bentham, Jeremy, *The Rationale of Reward*, London, 1825.]

O autor do *Dicionário* refere: tomo 1: Theoria das penas legaes-344 páginas; tomo 2: Theoria dos Prémios-313 páginas.

299. TRADUÇÃO do opusculo de Daniel Sharpe sobre a geologia dos suburbios do Porto, in *Jornal da Sociedade Pharmaceutica*, tomo II da 2ª serie a pag. 143. Trad. por Francisco António Pereira da Costa. (II, 520), pág. 342. /III, 279), pág. 286.) [Sharpe, Daniel, "On the Geology of the neighbourhood of Oporto, including the Silurian Coal and Slates of Vallongo". By Daniel Sharpe, Esq., F.G.S., Nov. 29, 1848 in *Three Papers on the Secondary Rocks and Fossills of Portugal*. [By Daniel Sharpe, F.G.S.] *From the Quarterly Journal of the Geological Society of London* for November 1849, vol. V, and May 1850, vol. VI, pp. 142-153.]
300. TRADUÇÃO de um requerimento dirigido ao Governo de Sua Majestade Britannica por alguns negociantes inglezes da cidade do Porto, contra a Companhia Geral do Alto-Douro, e observações de um curioso sobre a materia. Porto, 1825, 8º de 39 páginas. (VI, 29), pág. 464. /XVII, 29), pág. 31.)
- Segundo o autor do *Dicionário*, esta obra encontra-se in *Memorias Pró e Contra a existencia da Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, etc.. v. tomo XVII, 3527), pág. 31.*
301. O TRANSVAAL e o dominio inglez. Memoria por George Pigot Moodie traduzida e lida na Sociedade de Geografia. [de Lisboa. Em sessão de 8 de Abril de 1881. [Trad. por Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha. Lisboa, 1881. (XXV, pág. 81.) [Moodie, George Pigot, *Annexation of the Transvaal. A Reply to Sir B. Frere's Letter to the "The Times"*, 25 Feb. 1881, reprinted from "The Times", 8 March, 1881. And a letter on the subject of alleged slavery in the Transvaal, reprinted from "The Daily News", 23 Feb. 1881, London, 1881.]
- Não há certeza de que seja este o original. No entanto, é a única obra sobre o mesmo tema. Encontra-se na B.N.
302. TRATADO das operações de cirurgia, com as figuras que n'ella se faz uso, e uma introdução sobre a natureza e methodo de tractar as feridas,

abcessos e chagas. Composto por Mr. Sharp, traduzido em portuguez, e seguido da Materia-Cirurgia. Trad. por Jacob de Castro Sarmiento. Londres, 1746, 8º gr.. (III, 67), pág. 248.) [Sharp, Samuel, *Treatise on the Operations of Surgery*, London, 1739.]

303. (?)TRATADO do Jogo de Bilhar. Trad. por João Henrique Ulrich Junior. (X, 6056), pág. 273.)
304. TRATADO dos Sofismas Politicos por Jeremias Bentham, traduzido em portuguez. Trad. por António José Falcão da Frota. Santa Catarina, 1838, 8º de 334 páginas. (VIII, 2702), pág. 199.) [Bentham, Jeremy, *The Book of Fallacies: from unfinished papers of J.B. By a friend*, London, 1924.]
305. TRATADO theorico e pratico das chagas, precedido de um ensaio sobre a direcção e cura cirurgica da inflamação, suppuração e gangrena; por Benjamin Bell, traduzido da quarta edição ingleza e augmentado com muitas notas e illustrações. Trad. por Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1802, 4º. (VI, 778), pág. 16.) [Bell, Benjamin, *A Treatise on Management of Ulcers*, Edinburgh, 1778.]
306. OS ULTIMOS DIAS DE POMPEIA, etc. Trad. por Maximiliano Saraiva da Costa Couraça. Lisboa, 1842, 8º, 2 tomos. (VI, 1602), pág. 174.) [Lytton, Edward George Bulwer, *The Last Days of Pompeii*, London, 1843.]
307. VENDO AO LONGE O COLLEGIO D'ETON, de Gray. Trad. por Antonio de Araujo de Azevedo. s/l, s/d, 4º gr., 60 páginas. (I, 418), pág. 88.) [Gray, Thomas, *An ode on a distant prospect of Eton College*, s/l, 1747.]
308. VENUS E ADONIS. Trad. por D. Luiz I. (XIII, 1111), pág. 330.) [Shakespeare, William, *Venus and Adonis*, s/l, 1593.]

Segundo o autor do *Dicionário*, esta tradução embora pronta para a impressão, ficou inédita.

309. UMA VIAGEM EM PORTUGAL. Trad. por José Joaquim Rodrigues de Freitas Junior. Porto, 1854, 8º. (IV, 3718), pág. 395.) [Withely, Edward, *Hints to Travellers in Portugal*, London.]

Segundo o autor do *Dicionário*, esta tradução ocupa de página 3 a 58 no Suplemento ao *Almanach commercial, fabril, judicial e administrativo do Porto* para 1855.

310. VIAGENS ao interior do Brasil, com uma exacta descripção das ilhas dos Açores, por João Mawe, inglez: auctorizadas pelo Rei fidelissimo D. João VI, nosso senhor, a beneficio da livraria do convento da cidade. Lisboa, 1819, 4º. (XIX, 430), pág. 328.)

Diz-se no *Dicionário* que “a impressão desta obra parou... a pag. 208 e ficou até o presente incompleta (...)”. Na *Biblioteca Açoreana*, do bibliófilo Ernesto do Canto, sob a indicação de John Mawe é referido o original inglês e também a tradução francesa; no mesmo volume, sob o nome de Nicolau Peres, é referido: *Viagens ao interior do Brasil*, etc, com a nota

“tradução incompleta da obra inglesa de John Mawe”. [Mawe, John, *Travels in the interior of Brazil, particularly in the gold diamond districts..., including a voyage to the Rio de la Plata, and an historical sketch of the revolution of Buenos Ayres*. Illustrated with engravings, London, 1812.]

311. VIAGENS DE GIBRALTAR A TANGERE, Salé, Mogador, Santa Cruz, Tarudante, Monte Atlas, e Marrocos. Compostas em inglês por Guilherme Lampriere, cirurgião: trasladadas em vulgar, e illustradas com addições e notas. Trad. por Manuel Henriques das Neves S. Paio. Lisboa, 1794, 8° de XII-461 páginas. (V, 676), pág. 446.) [Lempriere, William, *A Tour from Gibraltar to Tanger, Sallee, Mogadore, etc.*, London, 1791.]
312. VIDA de Arnaldo Zulig. Novella traduzida do inglês. Trad. por José Joaquim Gaspar do Nascimento. Lisboa, 1816, 8°. (XIII, 9185), pág. 28.)
313. VIDA de Lord Wellington, escripta em inglês por Clarke, e traduzida em portuguez. Trad. por Manuel Pereira da Cruz. Lisboa, 1819, 8°, 2 tomos. (VI, 1186), pág. 80./XVI, pág. 286. / Correções e Additamentos, tomo VI, pág. 457.) [Clarke, Francis L., *The Life of the most noble Arthur Marquis and Earl of Wellington*, London, 1812.]

Segundo o autor do *Dicionário*, «também de Lord Wellington, e principalmente baseada no original de Guilherme Eliot, existe em português uma biografia original, do Visconde de Cayru, publicada no Brasil (v. tomo V, n° 4743), do *Dicionário*), que não é dos livros mais vulgares saídos da Impressão Regia do Rio de Janeiro.»

314. A VIDA e as Viagens de Christovão Colombo, por Washington Irving. Resumo accommodado às escolas com notas gramaticais, críticas, etc. Trad. por Jacob Bensabath. Porto, 1883, 8° de X-266 páginas. (X, 6747), pág. 397.) [Irving, Washington, *A History of the Life and Voyages of Christopher Columbus*, London, 1828.]
315. VIDA e Aventuras admiraveis de Robinson Crusoe, que contém a sua tornada á sua ilha, as suas novas viagens, e as suas reflexões: traduzida do francez. Nova edição. Trad. por Henrique Leitão de Sousa Mascarenhas. Lisboa, 1817, 8°, 4 volumes. (III, 50), pág. 185.) [Defoe, Daniel, *The life and strange surprizing adventures of Robinson Crusoe, of York, Mariner. Written by himself*, London, 1719; Defoe, Daniel, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe; Being the second and last part of his life*, London, 1719.]

Não se sabe em que tradução francesa se baseou Henrique Mascarenhas para a sua tradução portuguesa, nem em qual dos dois originais citados se tinha baseado o tradutor francês.

316. VIDA e aventuras de Robinson Crusoe. Trad. por Agostinho de Sottomayor. Lisboa, 1913, 4°. (XX, 3615), pág. 99.) [Defoe, Daniel, *The life and Strange surprizing adventures of Robinson Crusoe, of York, Mariner. Written by himself*, London, 1719.]

317. VIDA publica de Mr. Jorge Canning, por Augusto Granville Stapleton, com anotação do Barão de Cayru. Traducção do capítulo XI. in *Revista do Instituto Histórico e Etnographico do Brasil*, tomo XXIII de 1860, pág. 241. Trad. por Miguel Maria Lisboa. (XVII, 3704), pág. 61.) [Stapleton, Augustus Granville, *The Political life of the Right Honourable George Canning from... Sept 1822 to his death...., etc*, London, 1831.]
318. O VIGÁRIO de Wakefield. Trad. por José Joaquim Vieira Souto. (IV, 3900), pág. 416.) [Goldsmith, Oliver, *The Vicar of Wakefield: a Tale. Supposed to be written by himself*, London, 1766.]
- Segundo o autor do *Dicionário*, esta obra ficou inédita.
319. WAVERLEY. Novella traduzida de Walter Scott. Trad. por André Joaquim Ramalho e Sousa. Lisboa, 1845, 8°, 4 tomos. (I, 310), pág. 63./VIII, 2093), pág. 63.) [Scott, Walter, *Waverley, or 'Tis Sixty Years Since*, Edinburgh, 1814.]
320. WAVERLEY, ou ha sessenta annos, por Walter Scott: vertido em portuguez. Trad. por Caetano Lopes de Moura. Paris, 1844, 12°, 4 volumes. (II, 55), pág. 12.) [Scott, Walter, *Waverley, or 'Tis Sixty Years Since*, Edinburgh, 1814.]
321. WOODSTOCK, ou o cavalleiro; romance de W. Scott, vertido da traducção franceza. Trad. por Miguel António da Silva. Lisboa, 1843, 16°, 6 tomos. (VI, 1695), pág. 224.) [Scott, Walter, *Woodstock; or, the Cavalier. A tale of the years sixteen hundred and fifty-one. By the Author of "Waverley", etc*, Edinburgh, 1826.]

*

Destacamos os textos seguintes, por terem sido simultaneamente escritos em inglês e português:

322. OS PORTUGUEZES na região do Nyassa — Publicado na *Scottish Geographical Magazine* em Maio de 1889. Artigo em inglez seguido da sua traducção. Trad. por Jayme Batalha Reis. Lisboa, 1889, 8°. (XVII, 36), pág. 302.)

Foi escrito em inglês por J.B. Reis, e seguido da versão portuguesa.

323. TRES CARTAS ao ex.mo sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, par do reino, sobre o negocio de uma compra de bonds mencionada na camara dos pares em Lisboa, por T.M. Hugues. [Trad por] (?). Lisboa, 1848, 4°. (XVII, 99), pág. 26.)

[Hughes, T.M., *Three Letters to senhor Rodrigo da Fonseca Magalhães, on the subject of a purchase of bonds referred to in the Lisbon chamber of Peers*, by T.M. Hughes, Lisbon, 1848.]

É um folheto bilingue.

AUTORES

A

- ABBOT, Charles - 38; 294
ADDISON, Joseph - 31; 96; 288
ALLEN, Joseph - 30
ALM, F. - 190
ALMEIDA,... - 196
AINSWORTH, William Harrison - 290
ANDREWS, William Eusebius - 112
ATWOOD, George - 55

B

- BACON, Francis - 208
BAKER, John Gilbert - 169
BATEO, Jorge - 232
BECKFORD, William - 57
BELL, Benjamin - 59; 284; 305
BELLAMY, Edward - 61
BENTHAM, Jeremy - 298; 304
BENTLEY, (Dr.) - 29
BERTHOU, Benjamim Smith - 183
BRAY, Caroline - 69; 86; 236
BRERA, Valeriano Luís - 73
BROWN, John - 73
BRUNSWICK, (Duque de) - 41
BUCHAN, William (Dr) - 180; 181
BUNYAN, John - 230
BURGES, James Bland (Sir) - 153
BURKE, Edmundo - 118
BUTLER, Alban - 76; 160
BYRON, George Gordon (Lord) - 37; 177; 229; 241; 242

C

CAMPBELL, João - 56
CHATELAIN, Heli - 108
CHAVASSE, Pye Henry - 175
CLARKE, Francis L. - 313
CLERK, John - 89
COBBETT, William - 133; 134
COCHRANE, Thomas (10th Earl of Dundonald) - 203
CONGREVE, William - 201
COOKE, Charles Turner - 212
COOPER, James Fenimore - 238
CORMAK, J. Rose - 295
CROWE, Eyre Evans - 51
CULLEN, William - 85; 87
CUMMINGS, Jacob Abbot - 88; 196

D

DARWIN, Erasmus (the Elder) - 158; 237; 268
DEFOE, Daniel - 315; 316
DICKSON, James - 157
DIMSDALE, Thomas - 188
DUCIS - 174; 262
DUNCAN, Andrew (the Elder) - 77
DRYDEN, John - 216

E

ELLIS, William - 84

F

FISONEL, Vicente Mitjaville e - 39
FONTENELLE - 196
FORSYTH, William - 214
FORTUNE, E . F . Thomas - 131
FRANK, Luís - 39
FULLER, Thomas - 231
FULTON, Robert - 292

G

- GAY, Delphina - 204
GERNINGHAM, - 240
GILBART, James William - 293
GILBERT, (Senador) - 72
GLEIG, George Robert - 281
GODDARDO, Jonathan - 231
GOLDSMITH, Lewis - 142; 143
GOLDSMITH, Oliver - 102; 103; 132; 136; 137; 318
GOMES, Joaquim Máximo Virginiano - 13
GORTZ (Barão de) - 26
GRAY, Thomas - 33; 34; 35; 36; 145; 278; 296; 297; 307
GYLLENBORG, Carl (Conde de) - 26

H

- HAWREY, Mary - 171
HENTZ, Caroline Lee - 120
HERVEY, James - 33; 182
HOOKER, Sir Joseph Dalton - 83
HORSBURGH, James - 101
HOYLE, Edmond - 15
HUGHES, Terence MacMahon - 323

I

- IRVING, Washington - 314

J

- JENKINS, J. E. - 123
JENNER, Edward - 148
JOHNSON, Samuel - 206
JOHNSTON, Jacob Finby Weir - 32
JONES, William - 106
JORGE II - 63; 64
JUNCHERO, João - 231

K

KALLEY, Robert Reid - 271
KENNEDY, James - 198
KLOGUEN, Denis Louis Cottineau de - 14
KNIGHT, Henry Gally - 20

L

LEE, Henry - 149
LAMPRIERE, William - 311
LEWIS, Matthew Gregory - 3; 202
LEWIS, William - 50
LIVINGSTONE, David (Revd. Dr.) - 115
LOCKE, John - 93
LONGFELLOW, Henry Wadsworth - 109;110; 111
LUÍS XV - 64
LYTTON, Edward George Bulwer (Lord) - 28; 306

M

MAC CULLOUGH, John Ramsay - 246
MACEDO, José Agostinho de (P.) - 139
MACGOWAN, J. - 279; 280
MAC IVOR, William Graham - 185; 283
MAJOR, Richard Henry - 66
MARLOWE, Christopher - 129
MAURY, Mathew Fontaine - 122
MAW, Henry Lister - 195
MAWE, John - 310
MCFORLAN, João - 72
MEAD, Ricardo - 233
MILBURN, William - 45
MILLINGEN, John Gideon - 249
MILTON, John - 44, 223; 224; 225; 226; 227
MONRO, Donald - 49
MOODIE, George Pigot - 301
MOORE, John Hamilton - 43
MUDGE, John - 189
MULLER, JOHN - 291
MUSGRAVE, Samuel - 53

N

NAPIER, Charles (Conde do Cabo de S. Vicente) - 124
NEWSHOLME, Arthur - 79
NEWTON, Isaac - 289

O

OSSIAN - 62

P

PARK, James Allan - 285
PEW, Richard - 72
POE, Edgar Alan - 7; 80
POMBAL, (Marquês de) - 27
POPE, Alexander - 78; 90; 94; 95; 97; 99; 100; 154; 272; 273; 287
POTT, Percival - 53
PRATT, Samuel Jackson - 11
PRICE, Alice - 245
PRINGLE, John - 49
PROUT, William - 146
PROWRE, Thomas - 70

R

REIS, Jayme Batalha - 322
RICHARDSON, Samuel - 222
ROBERTSON, William - 135
ROBINSON, Charles Walker - 125
ROCHE, Regina Maria - 6
ROWE, Nicholas - 119

S

SCOTT, Margaret Eleanor - 79
SCOTT, Walter - 1; 9; 67; 126; 155; 156; 162; 167; 191; 193; 247; 251; 256; 257; 258;
286; 319; 320; 321
SHAKESPEARE, William - 107; 121; 127; 161; 173; 174; 187; 218; 219; 220; 221;
269; 270; 308
SHARP, Daniel - 300
SHARPE, Samuel - 302
SHERIDAN, Richard Brinsley - 104; 105
SHREWBURY, (Conde de) - 22
SIMMONS, Samuel Foart - 209; 210; 211
SMILES, Samuel - 19; 68; 277
SMITH, Adam - 46; 213
SMITH, John - 186
SMITH, John Frederick - 165; 194
SOUTHEY, Robert - 54; 147; 184
SPARR (Barão de) - 26

SPENCER, Herbert - 60
STAPLETON, Augustus Granville - 317
STEVENS, Robert - 92

T

TANNER, H. - 82
THAYER, John - 263
THOMPSON, Alex - 23
THOMSON, Benjamin - 98
THOMPSON, James - 243; 244
TOUQUET, Francisco Paulino - 231
TREVES, Frederick - 81

U

ULRICH, S. A. António (Duque de Brunswick) - 259

V

VAUGHAN, Charles Richard - 266

W

WAKELY, Andrew - 4
WALTON, William - 113; 114
WARD, Bernardo - 239
WILLIAM IV - 74
WILSON, Andrew - 75; 176; 253
WILSON, James - 18
WITHELEY, Eduardo - 309
WITHERING, WILLIAM - 8
WOOD, ELLEN - 164

Y

YOUNG, Edward - 199; 200; 205

TRADUTORES

A

- ABREU, Manuel Rodrigues da Silva - 44; 102; 297
ABREU, Miguel Vicente de - 14
AÇA, Zacharias de - 57
AGUIAR, L.A. da Costa de - 122
ALBUQUERQUE, Fernando Luís Mousinho de - 242
ALLEN, João - 32
ALORNA (Marquesa de) - v. Lencastre
AMADO, José de Sousa - 133
AMARAL, Francisco José da Costa - 212
AMARAL, João José de - 41; 88
ANDRADE, António Carlos Ribeiro de - 58
ANDRADE, Diogo de Goes Lara de - 298
ARRIAGA, Miguel Street de - 110
AZEVEDO, António de Araújo de - 145; 216; 278; 296; 307

B

- BAETA, Henrique Xavier - 268
BARRETO, João Augusto da Graça - 7
BARROS, Francisco Xavier Monteiro de - 287
BAYARD, Ildefonso Leopoldo - 150
BENSABATH, Jacob - 206; 314
BENTES, José António - 261
BIVAR, Anna Josepha de - 228
BRITO, Maria José de Bettencourt Lapa de - 164
BROTERO, Félix de Avellar - 2; 23; 214; 237
BOTELHO, Braz Joaquim - 101
BOTELHO, Luís de Vasconcellos - 15

C

- CABRAL; B.J.O.T. - 234
CABRAL, José Maria Osório - 154
CALDAS, José Joaquim da Silva Pereira - 282
CAPELLA, José Valério - 24
CARNEIRO, Manuel Borges - 196
CARVALHO, Caetano José de - 50
CARVALHO, João Oliveira de - 93
CASTILHO, António Feliciano de - 129; 204
CASTRO, Bernardo José de Abrantes e - 143
CASTRO, Filipe Ferreira de Araújo e - 276
CASTRO, José António Cardoso de - 201
CASTRO, J. M. da Fonseca e - 186
CASTRO, Luís Joaquim de Oliveira e - 18; 293
CHAGAS, Manuel Pinheiro - 61
CHAVES, José Manuel - 85
CINATTI, Demetrio - 279; 280
CODINA, Manuel Joaquim Pedro - 124
CONSTÂNCIO, Francisco Solano - 59
CORDEIRO, Felisberto Ignacio Januário - 153
COSTA, António Julião da - 38; 92; 195; 281; 285; 294
COSTA, Francisco António Pereira da - 300
COSTA, José Maria das Neves - 130
COSTA, José de Rezende - 54
COURAÇA, Maximiliano Saraiva da Costa - 306
COUTINHO, Henrique Ernesto de Almeida - 34; 37; 100
CRUZ, Manuel Pereira da - 313
CUNHA, Vicente Pedro Nolasco da - 158

D

- D'ABREU, António Lopes - 116
DORIA, Franklin Americo de Menezes - 109

E

- EÇA, Jeronymo da Silva Maldonado de - 270

F

- FARIA, Eduardo de - 172
FERRAZ, Joaquim Simões da Silva - 190
FERRAZ, Manuel Joaquim de Sousa - 188

FIGANIÉRE, Jorge César de - 5
FIGUEIREDO, António Pereira de (P.) - 207; 275
FIGUEIREDO, Manuel de - 288
FRANCO, Francisco Soares - 260
FRAZÃO, João Augusto do Amaral - 252
FREIRE, Francisco de Castro - 35
FREITAS, José António de - 221
FREITAS, Manuel de - 166
FROTA, António José Falcão da - 304

G

GARRETT, Alexandre José de Almeida - 22
GASTÃO, José Baptista - 243
GENTIL, António Luís - 273
GOES, José Gomes - 66
GOUVEIA, I.F.de - 48
GUIMARÃES, Francisco José Pinheiro - 272
GUSMÃO, José Mariano Holbeche Leal de - 171

H

HENRIQUES, José Anselmo Correia - 104
HENRIQUES, Júlio Augusto - 82; 83; 169
HERCULANO, Alexandre - 3; 202
HOGAN, Alfredo Possolo - 155

I

IGNACIO, Joaquim José - 30

J

JACOU, Francisco de Paula - 70
JUNIOR, João Henrique Ulrich - 303
JUNIOR, João Northon - 197
JUNIOR, José Fernandes Costa - 173; 241
JUNIOR, José João Gomes - 13
JUNIOR, José Joaquim Rodrigues de Freitas - 309
JUNIOR, José da Silva Mendes Leal - 121

L

LAMEIRÃO, António Petronilo - 218
 LEITÃO, António José de Lima - 223
 LENCASTRE, Leonor de Almeida Portugal Lorena e - 36; 62; 90; 103; 244
 LIMA, António Estevam de - 265
 LIMPO, Manuel do Espírito Santo - 89
 LISBOA, Bento da Silva - 46
 LISBOA, José da Silva - 118; 178
 LISBOA, Miguel Maria - 317
 LOBO, António de Sousa Silva Costa - 168; 274
 LOMBA, António José Martins da - 53
 LOPES, João Baptista da Silva - 135; 136
 LOPES, Joaquim José Pedro - 114 ; 142 ; 267
 LOPES, José Bento - 211
 LUÍS I, (D.) - 107; 127; 161; 187; 219; 269; 308
 LUIZ, Nicolau - 105

M

MACEDO, José Agostinho de (P.) - 163; 215; 240
 MACHADO, Alberto Telles de Utra - 229
 MAGALHÃES, Júlio César de - 258
 MAGALHÃES, Pedro Severiano de - 29
 MAGALHÃES, Rodrigo da Fonseca - 246
 MARQUES, José António - 149
 MARTINS, Maria Balbina Gaspar - 132
 MASCARENHAS, Henrique Leitão de Sousa - 315
 MASCARENHAS, José Freire de Monterroyo - 26; 63; 64; 65; 117; 248; 254
 MATTOS, Júlio Xavier de - 60
 MELLO, Domingos de - 151
 MELLO, João Cabral de - 226
 MENDONÇA, HYPÓLITO José da Costa Pereira Furtado de - 98; 131; 140; 183
 MIDOSI, Luís Francisco - 20
 MONTEIRO, José António - 148
 MORAES, Ignacio Paulino de - 47; 72
 MOURA, Caetano Lopes de - 191; 238; 247; 251; 257; 286; 320
 MULLER, João Guilherme Christiano - 184

N

NASCIMENTO, José Joaquim Gaspar do - 312
 NERY, António Joaquim - 17
 NILO, José Romão Rodrigues - 74
 NORONHA, Augusto Vidal de Castilho Barreto e - 301
 NUNES, José Mathias - 125

O

- OLIVEIRA, Francisco Manuel de - 11; 12; 106
OLIVEIRA, Vicente Carlos de - 199; 205
ORTIGÃO, José Duarte Ramalho - 123

P

- PADRELL, Francico Pujol de - 180
PAIVA, Manuel Joaquim Henriques de - 39; 73; 77; 181; 189; 210; 305
PAULA, Francisco José de - 87; 209; 284
PEREIRA, João Félix - 40; 84
PEREIRA, José Manuel Ribeiro - 200
PESSOA, João Pedro (P.) - 227
PINHEIRO, José Feliciano Fernandes - 58
PINTO, Agostinho Albano da Silveira - 198
PINTO, António José de Sousa - 295
PINTO, José Nicolau de Massuelos - 99
PIRES, Pedro José (Fr.) - 71
PONTE, José Freire da - 33; 182
PONTES, António Pires da Silva - 55
PORTUGAL, Alexandre António das Neves - 49
PORTUGAL, António Rodrigues - 233 ; 235
PORTUGAL, D. Fernando José de - 97

Q

- QUENTAL, Antero de - 80
QUINTELA, José Pedro - 78

R

- REBELLO, António Teixeira - 291
REBELLO, José Silvestre - 45
REIS, António Pereira dos - 21
REIS, Jayme Batalha - 322
REIS, José Pereira - 152
REZENDE, João Januario Vianna de - 249
RIBEIRO, José Maria de Salles - 1; 193
RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - 185; 283
RODRIGUES, José Vicente - 43; 144
ROLLAND, Francisco - 230
ROS, Felix Moreno de Monroy e - 222

S

SANTO ANTÓNIO, Caetano de (D) - 232
 S. BOAVENTURA, Frei Fortunato de (Fr.) - 76; 160; 266
 S. PAIO, Francisco Xavier Ribeiro de S. - 213; 217
 S. PAIO, Manuel Henriques das Neves S. - 311
 SARAIVA, António Ribeiro - 203
 SARMENTO, Jacob de Castro - 208; 264, 289; 302
 SILVA, António Carlos Ribeiro Machado de Andrade e - 52; 250; 292
 SILVA, António de Moraes - 138; 139
 SILVA, Estevam José Rodrigues da - 112; 134
 SILVA, José da - 147
 SILVA, José Maria da Costa e - 31; 119; 262
 SILVA, Luís Augusto Rebello da - 220
 SILVA, Manuel Joaquim Pereira da - 10
 SILVA, Miguel António da - 126; 167, 321
 SILVA, José Amaro da (P.) - 225
 SIQUEIRA (2.º), José de Goes - 111
 SOUSA, André Joaquim Ramalho e - 9; 67; 156; 162; 256; 319
 SOUSA, António Vicente de Carvalho e - 6
 SOUSA, Camillo Aureliano da Silva e - 51
 SOUSA, Manuel Ignacio de - 263
 SOTTOMAYOR, Agostinho de - 316
 SOUTO, José Joaquim Vieira de - 128; 159; 290; 318

T

TARGINI, Francisco Bento Maria - 94; 224
 TEIXEIRA, António - 95
 TELLES, Alberto - 19; 68; 69; 75; 79; 81; 86; 175; 176; 236; 245; 253; 277
 TESTA, Carlos - 16
 TORRES, Miguel Joaquim Marques - 137
 TRIGUEIROS, João Luiz Rodrigues - 120; 165, 194

V

VASCONCELLOS, Alberto Osório de - 146
 VASCONCELLOS, João Rosado de Villa-Lobos - 239
 VASCONCELLOS, Manuel de Sancta Anna e - 271
 VASCONCELLOS, Pedro de Sancta Anna e - 259
 VEIGA, Adalberto - 170; 179
 VELLOSO, José Marianno da Conceição (Fr.) - 42; 157
 VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves - 28; 108
 VIEIRA, António - 4
 VIVA, José Gonçalves da Cruz (P.) - 25

X

XAVIER, Augusto Carlos - 177

W

WITHERING, William - 8

JOHN NORTON: UM (OUTRO) OLHAR SOBRE NOVOS TEMPOS E PROBLEMAS

Paulo Oliveira Ramos

1. OUTROS VIAJANTES

As obras deixadas pelos viajantes estrangeiros que visitaram Portugal, sobretudo quando abordam temáticas económicas, científico-naturalistas, artísticas e histórico-arqueológicas, são potencialmente uma fonte de informação para os campos de estudo que há vários anos perseguimos: a *história da indústria* e a *arqueologia industrial*. Exemplifiquemos:

Jerónimo Münzer, que visita a Espanha e Portugal em 1494, escreverá no seu *Itinerário* ao referir-se à zona ribeirinha de Lisboa:

«Vimos também uma enorme ferraria com muitos fornos, onde se fazem âncoras, colubrinhas, etc., e tudo o que diz respeito ao mar. Eram tantos os trabalhadores negros junto dos fornos que nos poderíamos supor entre os Ciclopes no antro de Vulcano»¹.

Alguns séculos mais tarde, o anónimo autor da *Description de la ville de Lisbonne...* ao referir-se ao Arsenal da Ribeira das Naus dirá que «On y travaille sans cesse pour le Roi sous la conduite d'un Constructeur Anglois, qu'ont dit être fort habile dans cet Art»².

O arquitecto James Murphy, nas suas *Travels in Portugal... in the Years 1789 and 1790* lembrará a sua estada na Marinha Grande:

«Here I spent the month of May, at the hospitable feat of William Stephens Esquire, the proprietor of an extensive glass manufactory, which he established at this place about thirty years ago. The king-

1 Basílio de Vasconcelos, *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer. (Excertos)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931, p. 27.

2 *Description de la ville de Lisbonne...*, A Paris, chez Pierre Prault, 1730, p. 29.

O «constructeur anglois» que Júlio de Castilho no seu notável trabalho *A Ribeira de Lisboa* refere como «aquele inglês, que pelo nome não perca!» ou «anónimo bretão», poderá muito bem ser William Warden, «master ship-builder to the King of Portugal» que aparece nas *Notes on the Lisbon Chaplaincy* do Rev. H. F. Fulford Williams.

dom and its colonies are supplied from hence with every article of glassware, bottles excepted. It is *the only factory of the kind in Portugal*; and the glass imported is very trissling, as the duty laid on it amounts almost to a prohibition. The greatest inconvenience attending this fabrik, is its distance from Lisbon, which is about nineteen leagues»³.

Adrien Balbi, geógrafo e estatista, anotarà no tomo I do seu notabilíssimo *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve...*, editado em 1822 — e como essa afirmação passará despercebida a tantos olhos — que

«Dans la fonderie près du convent de Bom-Successo, à Belem, on fond des pièces de toute qualité; il y a aussi une forge où l'on fait toute sorte d'ouvrages en fer au marteau et à la lime; on y a établi dernièrement une machine à vapeur»⁴ (sublinhado nosso).

O príncipe Lichnowsky, em meados do século passado, registará a sua visita ao complexo de fornos de biscoito de Vale do Zebro, onde, durante um passeio no Tejo, desembarcará:

«Uma estreita ponte de muitos centenaes de passos de comprimento conduz do ancoradouro por cima de terrenos enxarcados até junto a uma grande padaria real, que antigamente era destinada para fornecer todo o exército. Um moinho, que faz parte deste espaçoso edificio, põe em movimento oito pares de mós colossaes, que no tempo da maré podem trabalhar durante doze horas, e moer diariamente 160 saccos. Um grande celleiro, cuja abobada é sustentada por 48 pilares, pode recolher simultaneamente 70:000 saccos de trigo, e 32:000 barricas de farinha. Durante a guerra Peninsular preparavam-se alli diariamente em 27 fornos 100:000 rações de pão; em cada um daquelles fórnos, podem por uma vez cozer-se quatro saccos de farinha. Este grandioso estabelecimento é de origem muito antiga; comtudo não se sabe com exactidão a data da primeira edificação. No princípio do último século ardeu tudo; re-

3 James Murphy, *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alem-Tejo, In the Years 1789 and 1790*, London, 1795, p. 83.

Seja-nos permitida uma correcção: a fábrica de vidros da Marinha Grande não era, à altura da visita de Murphy, a única existente em Portugal. A fábrica do Covo (Oliveira de Azeméis) — então já com mais de 250 anos — continuava a trabalhar e, presumivelmente, também a de Salvaterra. Será interessante realçar a filiação britânica da fábrica de vidros da Marinha Grande. Na sua origem está a fábrica do irlandês João Beare (1750-1758), anteriormente estabelecida em Coima. A partir de 1759, Guilherme Stephens assenhoreia-se da existente e inicia a edificação da nova fábrica. Contudo, a crer numa exposição feita em 1772 pelos Juizes do officio de vidraceiro de Lisboa, entre eles poderá ter existido um outro nome: Duarte Campião.

Ora este (desconhecido) Duarte Campião era, pensamos poder afirmá-lo com alguma segurança, um outro inglês: Duarte Campion. Estes três britânicos aparecem recensados no Man. 692 da Colecção Pombalina da Biblioteca Nacional. Mas, curiosamente, Beare e Stephens estão incluídos numa rubrica intitulada «Lista das Pessoas Vassallos de Sua Mag. de Britanica que tem caza de Negocio nesta Corte y assistem nelle com suas Famillias e Caixeiros» enquanto Duarte Campion numa outra de «Pessoas que nam tiveram cazas de Negocio, nem Officios mas sam dignas de toda a attença».

4 Adrien Balbi, *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres cités de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les portugais des deux hemisphères dédié a sa Majesté Très-Fidèle*, tomo I, Paris, Rey et Gravier, 1822, p. 450.

edificou-se de novo em 1736, e finalmente Pombal levou a fábrica ao estado em que hoje se acha. Actualmente este util, e bem conservado edificio, está vasio, e desaproveitado, pois que o governo faz contractos com fornecedores, e já não manda cozer por sua conta o pão de munição. [...] Hoje em dia acha-se em muito bom estado, graças ao desvelo do inspector; fez-nos este vêr as diversas partes desta vasta fábrica, e como se achava também presente o governador civil de Lisboa, quiz mostrar-nostudo até aos mais insignificantes pormenores, para nos fornecer uma prova do seu zelo pelo serviço; de maneira, que tivemos de passar por todos os corredores, de entrar em todos os cubículos, e de metter a cabeça nas portas de todos os fornos, sem que elle nos absolvesse da observação da minima particularidade»⁵.

Outros estrangeiros — quase sempre de condição diferente — estiveram ainda mais próximos do mundo arqueológico industrial que nos interessa. Aventureiros à procura de trabalho, engajados por particulares ou contratados pelo Estado, chegaram a ocupar, nalguns casos, lugares importantes nas nossas manufacturas e fábricas. Não foi certamente por acaso que Aniceto Ventura Henriques, emigrante bem sucedido em Leeds, ao regressar à Pátria em 1842 para pôr a laborar a sua *Lusitânia* (ao Campo Grande), «Como não achasse portuguezes instruidos nos tratos das machinas e labotação da fabrica viu-se na necessidade de trazer comsigo uma espécie de colonia de fabricantes inglezes, alguns dos quaes com mulheres e filhos»⁶.

Operários, técnicos, «maquinistas» terão também eles deixado algo escrito capaz de nos dizer como viram Portugal os portugueses, à imagem do que os tradicionais viajantes fizeram com os seus hoje tão difundidos relatos de viagem?

2. O CASO DE JOHN NORTON

Ao publicar em 1883 o *Resumo do Inquérito Industrial de 1881*, João da Costa Terenas dá origem a um erro (que demorará cem anos a corrigir) quando afirma que foi em 1835 que pela primeira vez se applicou a máquina a vapor na indústria nacional.

Terenas, também ele, não lera Adrien Balbi... Na verdade, «João Baptista Angelo da Costa & Comp.^a proprietários da Nacional Fabrica de Maquinas Movidas por Vappor erecta ao Bom Sucesso» possuíam desde 1821 uma máquina a vapor a funcionar regularmente. Em Outubro de 1822, remetida de Liverpool, encontrava-se na Alfândega Grande de Lisboa «Hum [segundo] Engenho de Vappor, em sete Pacotes, contendo cento e tres Pessas, cujo Engenho he para o augmento da Officina de Fundição» da referida fábrica, como se lê numa consulta à Junta do Comércio, existente no Arquivo Histórico do MOPTC.

5 Príncipe Lichnowsky, *Portugal. Recordações do anno de 1842*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1845, p. 111. Tradução de Portugal. *Erinnerungen aus dem Jahre 1842*.

6 Francisco de Sena Fernandes, «A Fábrica de Pannos do Campo Grande», in *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, tomo IV (48), 1845, p. 357.

Ao estudarmos há já um par de anos a única máquina a vapor introduzida em 1835 — que Terenas informa ter sido destinada à Casa da Moeda de Lisboa — veio parar-nos às mãos alguma documentação sobre/do homem que, de Inglaterra, acompanharia esse equipamento, mais tarde dirigiria a sua montagem e, posteriormente, seria encarregado da sua manutenção. Trata-se de *John Norton*, «máquinista», «artista», «serralheiro» ou «engenheiro», como aparece referenciado, diga-se com alguma disparidade, em documentos por nós consultados.

Dos quarenta anos que viveu em Portugal conhecemos-lhe três textos — sendo um deles uma autobiografia —, onde nos dá conta do que aqui vi(ve)u. São eles:

— «A Machina da Moeda. (Carta)» in *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, tomo II (46), 1843, p. 575-576

— *Resumo das Obrigações do engenheiro John Norton com o governo de Sua Magestade Fidelissima*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864

— *Extracts from a Contemporary Englishman's Unpublished Autobiography*, Contributed by Mrs. E. Watson, The Historical Association, Lisbon Branch, Sixth Annual Report & Review, Lisbon, 1942, p. 371-389.

O trabalho que aqui apresentamos pretende ser, tão somente, um esboço de levantamento de alguns tópicos que os textos de John Norton abordam. É claro que nos seus textos o interesse histórico suplanta o literário, campo em que John Norton não teria, seguramente, grandes pretensões. Por facilidade dividimos o nosso percurso nos três seguintes pontos:

- De Londres a Lisboa
- A era do vapor
- Conflitos (nem sempre) laborais

3. DE LONDRES A LISBOA

Em 19 de Fevereiro de 1834, a Regência do Reino manda o Provedor da Casa da Moeda de Lisboa, em face de uma proposta do agente financeiro do Governo em Londres, informar se convirá que se encomende «uma bella maquina de cunhar igual a que se usa na Casa da Moeda daquela Capital com todas as proporções para cunhar com velocidade e perfeição»⁷.

Quase um ano depois, em 30 de Janeiro de 1835 é assinado em Londres um contrato entre o referido agente financeiro do Governo português naquela capital e a firma Willcox & Anderson, em cujo preâmbulo se pode ler:

«CONTRACT

Between Messrs. Willcox and Anderson, of London, and J.A. y. Mendizabal, Esq. Financial Agent in London to Her M. F. M's Government, for the delivery in Lisbon, and creation there of a set of Machinery and Rolling Mills for a Mint, constructed upon the same

7 Arquivo da Casa da Moeda, Registo Geral, liv. 14, 1834-1837.

principle as the one in use at the Royal Mint in London, and made by Boulton, Watt, and Co., the Mills and Appurtenances thereto, by Messrs, Rennie and Co., together with a Steam Engine, of sufficient power, likewise by Boulton, Watt, and Co.»

Um outro texto por nós estudado acrescenta:

«In virtue of this contract, and in conformity to article 6, Mr. Mendizabal entered into an agreement with Mr. Samuel Clegg, senior, civil engineer, of considerable reputation, but in other respects unknown to us, and he proceeded in February, 1835, to Lisbon, accompanied by his son as his assistant for the object expressed in said article of our contract, and other engineering objects for the Government (gas and water pipes)»⁸.

E mais à frente:

«In conformity to article 2, we appointed, instead of two engineers and two assistants, three engineers of Messrs. Boulton and Watt's choice, and only one assistant.

1st. *James Pennycuick*, £15 per month, and £1 1s. per week, for maintenance.

2nd. *John Norton*, £3, and £1 1s per week, maintenance.

3rd. *John Jones*, £3, and £1 1s. per week maintenance, and the assistant, *Samuel Clegg, jun.*, at £3 per week, in full»⁹.

Na sua *Autobiography*, John Norton esclarece-nos como foi contratado:

«At the Lodge meeting I met some friends belonging to the establishment of Boulton and Watts, of Soho, who told me that they were preparing a set of machinery at Soho for a mint at Lisbon and that they wanted people who go to Portugal to erect it. I told them that I was well suited where I was and had no wish to go abroad again. Nevertheless I was sent for by Mr Watt who asked me if I would like to go to Portugal and said he was surprised that I had not called upon them on my return from Bombay after being so many years with their machinery. They had some trouble in trying to get people that knew anything about "mint" machinery. [...] He said that Loge and Westley had spoken about me (these were my friends that I had met in the Lodge) and had told him that I had certificates from the Bombay mint — would I let him see them? I had them with me and gave them for his perusal. He then asked me to leave them with him for a day or two as he wished to let Messrs. Wilcox and Anderson, of London, see them. These gentlemen were the contractors for the Mint for the Portuguese Government. I let him have them and told how and where I was employed and that I did not think I should be able to leave, but about a week after I received a packet enclosing my certificates

8 *Royal Mint of Lisbon — Statement and Case of the Contractors of the supply of a steam mint apparatus in Lisbon*, London, 1839, p. 10.

9 *Idem*, p. 11.

and a copy of Boulton and Watts letter to Wilcox and his answer begging of them to engage me and offer more salary than they had mentioned.» (p. 372-373)

Algum tempo depois:

«...I gave notice to the Directors of the mill but did not leave until the latter end of April when we went up to London and had to remain there nearly a month until the vessel was ready to sail. It was a brig, belonging to Mr. Wilcox, called the "Flirt". She had been fitted up to carry passengers to some ports of Spain and had very good accommodation. But the vessel was overloaded and meeting with bad weather nearly all the voyage we did not get to Lisbon until the 5th June 1835 after a passage of 21 days.» (p. 373)

E, chegado a Portugal, acontecem-lhe as primeiras peripécias:

«At that time all passengers had to land at Belem at the Registry Office and as we were detained some time the vessel had sailed up, so that we had to walk to Lisbon. A Mr. Vanzellen was agent for Wilcox and had received instructions to have lodgings, etc., prepared for us on our arrival as our contracts specified to be found in board and lodgings. This he had not done but on our going to his office he sent his clerk with us to look for any place that could be got. So he took us to a place where a woman kept a sort of boarding house where she accommodated soldiers and sailors who were *lately discharged from Dom Pedro's army, the war not being long over*. I considered this as an insult to be offered such a thing and went back and told Vanzellen so, but he took little notice of me further than saying if I did not go there he would look for no other.» (p. 373-374)

A solução para a questão do seu alojamento e da sua família encontrá-la-á, como tantos outros estrangeiros, no Largo de S. Paulo:

«I went aboard again and remained that night. The next morning I made further search and learnt that a Mrs. Blount had just arrived from St. Michael's and that she was about to set up a lodging house and had taken a house in the Largo de St. Paulo for that purpose. I soon found her out and found her a very respectable Englishwoman with five daughters. She was a widow, having lost her husband and son but a few months before, their vessel having foundered at sea and all hands lost. On enquiring if she could accommodate us she said she should be most happy to do so but had no furniture but what I saw in the dinning room. She had no beds either but what herself and her children slept upon and her means did not allow her to purchase anything for the present. I asked her if she would let us have a room or two and would endeavour to get beds, etc., for our immediate use. To this she gladly agreed so I went on board and brought Margaret and the children ashore.» (p. 374)

4. A ERA DO VAPOR

John Norton, logo a abrir o *Resumo* (p. 3), e ao dar-nos conta da razão da sua vinda para Portugal, esclarece-nos, de forma indirecta, sobre o estado geral da difusão na principal cidade portuguesa — e, então, também principal cidade fabril do país — da máquina a vapor, símbolo da revolução industrial:

«Em 1835 John Norton foi contratado em Inglaterra para vir a Lisboa assistir e dirigir a organização do machinismo da nova fabrica da moeda; em lugar de dirigir os trabalhos, teve de fazer o trabalho com mais duas pessoas que vieram com elle, *porque n'aquella epocha não havia em Lisboa operarios que conhecessem cousa alguma de machinismo, nem tão pouco havia fabrica de machinas*; (sublinhado nosso).

Na verdade, poucas seriam as máquinas a vapor instaladas em Portugal até aquele ano. Em 1842 — com alguma subavaliação dos números reais — ainda se podia ler na *Revista Universal Lisbonense*, num artigo intitulado «Machinas de Vapor na Belgica»:

«Calcula-se que n'aquelle paiz, existiam trabalhando no princípio do corrente anno 1,300 máchinas de vapor, cuja potencia total equivale á de 33:100 cavallos. — *Portugal é*, em territorio uma monarchia muito maior que a *Belgica*, e não chegam a 12 os motôres d'esta especie que lhe-conhecemos! — Em *Lisboa* e arredores só nos consta que existam as seguintes: — *Bom Sucesso* — moinho. *Chabregas* — fiação d'algodão. *Rua Formosa* — lanifícios. *Boavista* — serrar pedra. *Moeda* — cunhar. *Sacramento* — fabrico de papel. *Fonte da Pipa* — panno feltro. *Chafariz da Praia* — não trabalha»¹⁰.

O recrutamento de técnicos estrangeiros, como se infere de alguns textos da época, justificar-se-ia não tanto pelos poucos conhecimentos dos técnicos portugueses de então, mas, antes, pela inexistência destes. Seria assim?

Para António Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, mais conhecido pelo seu título de Visconde de Vilarinho S. Romão — e que John Norton vai encontrar pela frente na Casa da Moeda — não haveria necessidade de recrutar técnicos estrangeiros, porque: «tambem ha n'este apesinhado paiz quem intenda de máchinas, e quem os egualaria em tudo, se não fosse aquella causa já dicta acima, e a prevenção de muitos portuguezes (bem indignos d'este nome) que sem exame e sem conhecimentos só acham bom o que é estranho, e não perdem occasião de desprezar e deprimir os nacionaes»¹¹.

No capítulo IX, o último, da sua *Historia Resumida da Invenção e Melhoramentos das Máchinas de Vapor*, publicada na *Revista Universal Lisbonense*, o Visconde, retratando a obra de um dos companheiros de John Norton, Samuel Clegg, escreverá com alguma malquerença:

«O famoso engenheiro inglez, que foi encarregado d'aquella obra, era tão bom architecto como mechanico, trouxe para este paiz

10 *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, tomo I, 1842, p. 484.

11 Visconde de Vilarinho S. Romão, «Historia Resumida da Invenção e Melhoramentos das Máchinas de Vapor», cap. IX, in *Revista Universal Lisbonense*, Lisboa, tomo II (44), 1843, p. 541.

de *barbaros portugueses*, varios trabalhadores, canteiros e carpinteiros da sua nação, e com estes habilissimos operarios [...] deixou a casa toda arruinada, em termos de desabar e vir a terra inteiramente; de fôrma que foi então preciso (durante o ministerio do Exm.^o Barão de Chancelheiros) aprear todos estes primores das artes inglezas, e tornar a fazer a casa de novo, menos as quatro paredes das fachadas, dispendendo-se n'isto coisa de vinte e quatro contos de réis. Mas estes reparos, estas novas obras foram feitas por portugueses»¹².

Sobre o filho deste, outro dos ingleses contratados para a instalação da máquina a vapor da Moeda, acrescentará:

«*M. Clegg Junior*, depois de ter pedido espera por tres vezes para ajustar a máquina e fazel-a trabalhar perante a comissão, não pôde conseguir o que promettêra, nem respondeu ás perguntas que lhe fazia a comissão, não obstante advertil-o, que ellas eram tiradas das obras de *Tredgold*, que era inglez e auctor moderno; então envergonhado saiu d'alli sem dizer palavra, foi metter-se a bordo do paquete, e ausentou-se para a Inglaterra»¹³.

John Norton será, para a verrinosa pena do Visconde, o único contratado inglês a fugir à regra da inabilidade:

«Quem depois acabou de assentar a máquina foi *Manuel Norton*, *serralheiro mechanico*, que veio aqui receber o pomposo título de *ingenheiro*; mas era entre todos os ingleses que vieram n'aquella grande importação de operarios e machinistas, o unico, que tinha pratica, e que sabia o seu officio»¹⁴.

Norton, nos seus textos, sugere-nos que os técnicos portugueses da altura, a existirem, não seriam altamente capazes, daí:

«I was frequently called upon, most particularly to the *Marine Arsenal* as they were wishing to have machinery erected in the different branches but had no one competent to do it. Gaspar Marques had made some attempts but failed in all. Than a *Senhor Fontana* who also tried, and with the same success, and ultimately went mad and lived in the lunatic asylum for a number of years»¹⁵.

Outra prova dessa situação está na necessidade de trabalhar, em simultâneo, para vários departamentos officiais que possuíam engenhos a vapor:

«D'esta epocha até ao mez de março do corrente anno tenho dirigido as máquinas da moeda, montado e organizado as officinas do arsenal da marinha, e ensinado muitos aprendizes, e mais de trinta

12 *Ibidem*, p. 541.

13 *Ibidem*, p. 541.

14 *Ibidem*, p. 541.

15 *Extracts from a Contemporary Englishman's Unpublished Autobiography*, Contributed by Mrs. E. Watson, The Historical Association, Lisbon Branch, Sixth Annual Report & Review, Lisbon, 1942, p. 377.

d'elles são hoje engenheiros de diversas graduações em serviço de navios a vapor»¹⁶.

A certeza da debilidade dos nossos técnicos — ou, pelo menos, do seu número — é reforçada pela obrigatoriedade, patente logo no primeiro contrato (31 de Agosto de 1837) entre o Provedor da Casa da Moeda e John Norton, e que se repetirá nos seguintes, em:

«3.º Que elle Norton se obriga máis a instruir com franqueza e lealdade todos e quaesquer empregados portuguezes que houverem de ser nomeados pelo respectivo provedor a praticarem nas mencionadas máchinas o tempo que for necessário, comprehendido nos indicados doze mezes, n'aquelles trabalhos devidos a construção do machinismo, e de todos os seus implementos precisos e reparos do mesmo machinismo, explicando suas diferentes partes e movimentos, e modo de conter a força precisa como a impropria, na regularidade de todos os trabalhos; e bem assim mais ensinará a natureza dos diferentes corpos, e a sua primeira acção na applicação de todo o machinismo, com declaração porém que elle Norton não fica responsavel a dar por promptos aquelles operarios no referido anno d'este contrato, se elles não tiverem a capacidade sufficiente.»

Será curioso notar, ainda, a facilidade com que John Norton consegue emprego para o seu filho William, ele também «machinista»:

«I was then called to erect a steam engine in the dockyard. My son William was now with me in the Mint, having left school in 1841. So I took him and another apprentice to assist in the Arsenal when I could dispense with them from the Mint. By this William got much information of the steam engine, which otherwise he had no opportunity of obtaining in Lisbon»¹⁷.

Sobre os dois, atestará em 1846 o conde do Tojal, ministro da Fazenda:

«O conde do Tojal, par do reino, gran-cruz da ordem da Conceição, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda.

«Certifico que o machinista inglez John Norton, desde que em setembro de 1837 foi engajado para servir na casa da moeda até á presente data em que se dá preferido o seu contrato, desempenhou fielmente as condições a que se havia obrigado, cumprindo e satisfazendo todos os objectos de serviço que lhe foram encarregados; o que me consta pelas informações das respectivas auctoridades: outrosim attesto que seu filho Guilherme Henriques Norton, sendo empregado no serviço da máchima de vapor da mesma casa da moeda debaixo da direcção de seu pae desde 1841 desempenhou este trabalho com honra, prestimo e assiduidade. Secretaria d'estado dos negocios da fazenda, em 3 de janeiro de 1846. — *Conde do Tojal.*»

16 *Resumo das Obrigações do engenheiro John Norton com o governo de Sua Magestade Fidelissima*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864, p. 4.

17 *Extracts from a Contemporary Englishman's Unpublished Autobiography*, Contributed by Mrs. E. Watson, The Historical Association, Lisbon Branch, Sixth Annual Report & Review, Lisbon, 1942, p. 377-378.

5. CONFLITOS (NEM SEMPRE) LABORAIS

Uma polémica nas páginas da *Revista Universal Lisbonense* entre o Visconde de Vilarinho S. Romão e John Norton, a propósito da máquina a vapor da Casa da Moeda de Lisboa, traduz, de algum modo, o mau ambiente de trabalho que Norton encontra em Lisboa. Em linhas gerais, digamos que este tem origem, ainda, no conflito entre técnicos nacionais e técnicos estrangeiros, anteriormente aflorado.

Um dia, conta-nos Norton na *Autobiography*, os membros da Comissão da Casa da Moeda

«wished to see the process of coining and the millwright tried for about two hours but failed in putting the coining process to work. They then begged of me to try and see if I could find what was the matter with them. I told them there was nothing the matter and I would put them to work if they would guarantee that I was not interfered with. So I set the back machinery, locked the door to keep all out, put the key in my pocket and put the process to work, much to the surprise of all. I then asked if they were satisfied. They thanked me. I then went into the back machinery and put the springs back.» (p. 376)

Em face da experiência:

«The comission has to admit that all improvements of the coining machine are owing to John Norton; he is very efficient, hard-working, assiduous in his duties, and has much experience in steam machinery»¹⁸.

Apesar do reconhecimento da sua capacidade, Norton acha-se vítima de (pelo menos) um dos membros dessa Comissão, Gaspar José Marques, o qual, segundo Mrs. E. Watson — que, seguramente, segue as palavras do próprio Norton —, «was however still intriguing hoping that at the end of a year, when Norton's contract expired, he would be able to replace him»¹⁹.

O melhor exemplo possível desta «perseguição» é-nos relatado pelo próprio Norton a propósito do que lhe sucedera aquando das suas despedidas ao engenheiro Jones, no momento em que este regressava a casa. Escreve Norton:

«I went with him intending to bid goodbye at Belem but a gentleman who was employed at the Mint as draughtsman begged of me to send away my boat and return with him. I foolishly did so and to my surprise a few minutes after, on looking over the stern I saw him in his boat sailing away over the bar. The captain then told me I could go on shore with the pilot but no pilt boat hove in sight and I expected

18 *Royal Mint of Lisbon — Statement and Case of the Contractors of the supply of a steam mint apparatus in Lisbon*, London, 1839, p. 17.

19 *Extracts from a Contemporary Englishman's Unpublished Autobiography*, Contributed by Mrs. E. Watson, The Historical Association, Lisbon Branch, Sixth Annual Report & Review, Lisbon, 1942, p. 376.

to be taken on to Oporto. Luckily a large fishing boat offered to take the pilot and as he got into it I followed close upon him, but he did all in his power to prevent me. The fishermen also made a great fuss and said they were liable to get into trouble as I had no passport, but at length they became more civil when I said I would remunerate them. I happened to have some silver with me and promise them half a moidore, but as they saw I had more in my pocket they did not seem satisfied. Nevertheless they were broiling some fish for their dinners and gave me some. At length we got to Triffaria, when they demurred about my landing, although there was no difficulty about the pilot. At length they said I must give them the remainder of the silver I had in my pocket and they would get me taken to Lisbon. This I agreed to, although in much doubt of their doing so and I felt myself in a very awkward situation and rather alarmed as it was now nearly dark. At all events they sailed further up and got a boat that was leaving for Belem, put me on board, bid me "boa viagem" and sailed away. I landed at Belem about 8 o'clock, very thankful for getting there safe. When I got home I found Margaret in great trouble, she having heard from the Mint that I had gone on in the steamer to England. I afterwards found that it had been a plan made up between the millwright and draughtsman to get rid of me.» (p. 375-376)

Ultrapassado o prazo do primeiro contrato, John Norton resolve voltar a Inglaterra. Pouco depois, «o governo ordenou ao seu agente financeiro em Londres de contratar com elle para vir dirigir os trabalhos da moeda. Então voltou a Lisboa...»

«after a very boisterous voyage of eight days we arrived at Lisbon all safe on the 26th November 1838. I went to the Mint the next morning and found the machinery all covered up with oilcloth. It had never been moved from the time I had left.» (p. 377)

Com curtas viagens à terra natal, por cá ficará, contrato após contrato, até 1849. Nesse ano, «quando a renovação d'este contrato por dois annos me foi offerecida; porém estando mais velho doze annos que quando fui contratado pela primeira vez, julguei do meu dever considerar o futuro da minha familia e o meu, e então disse que preferia voltar para Inglaterra a renovar o contrato por dois annos; porém se o governo quizesse fazer um contrato *permanente commigo*, dando-me a graduação de tenente de marinha por causa de meu serviço no arsenal, era dar-me uma posição acima dos operarios para poder mandar aquillo que se podia fazer, ficando d'esta maneira o meu futuro seguro, não tinha duvida em contratar para sempre, e fazer d'este paiz minha patria adoptiva. — Tudo me foi concedido, um *contrato permanente* assignado, não com um agente ou uma auctorisação do governo, o contrato foi apresentado as côrtes em 1850 e approvedo pela carta de lei de 21 de março de 1851»²⁰.

20 *Resumo das Obrigações do engenheiro John Norton com o governo de Sua Magestade Fidelissima, Lisboa, Imprensa Nacional, 1864, p.3-4.*

6. À GUIZA DE CONCLUSÃO

Tentámos ver, nas páginas que ficaram para trás, os três principais assuntos tratados por Norton nos seus textos. Outras referências ficaram de fora, como o ambiente político-militar do país, a recessão económica — que o atinge quando uma «lei reduziu o salário do engenheiro da moeda, de 1:200\$000 réis que o contrato me assegurava, a 800\$000 réis por anno»²¹ —, até às viagens régias a bordo do «Mindelo» ou do «Saldanha» que o fazem escrever, aquando da sua primeira experiência a bordo do vapor «Terceira» na qualidade de «Inspector of the Machinery»:

«Soon after the revolution was over Dona Maria II and her husband Don Fernando went on a tour through the provinces and embarked at the Arsenal [...] This was my first voyage with Royalty. On the way up river a splendid breakfast was served in the ship's saloon and all the staff officers were invited to partake of it, myself among them. I had never mixed with such company before and felt very shy of joining but the Minister of Marine came on deck and took me below and placed me alongside of himself. The Queen sat at the head of the table and Dom Fernando on her right hand. She appeared to enjoy herself very much and ate very hearty and drank champagne, to keep off seasickness I suppose, but everybody did the same. I was highly pleased with the trip as it gave me a position among the officers.» (p. 381)

John Norton, não sendo «efectivamente um viajante, um homem que sai, de propósito, do seu país para visitar outro, para adquirir experiência e conhecimento e depois transmiti-los aos seus leitores»²², deixou-nos — ainda que aqui a florado de um modo ligeiro — um contributo para o entendimento do nosso passado industrial, exactamente no momento em que a introdução da energia a vapor nas suas fábricas se apresenta como o símbolo de uma época nova.

P.S. John Norton nasceu em Birmingham em 26 de Novembro de 1801 e morreu em Lisboa em 29 de Julho de 1876.

²¹ *Ibidem*, p. 3.

²² Isabel Oliveira Martins, *William Morgan Kinsey*, Lisboa, Edições 70, 1987, p. 37.

O RELATO DE VIAGEM DE COSTIGAN SOBRE PORTUGAL

Maria Zulmira Bandarra de Sousa

Em 1787 saiu a público, em Londres, um livro de viagens sobre Portugal assinado por Arthur William Costigan: *Sketches of Society and Manners in Portugal*.⁽¹⁾ Obra em dois volumes, foi escrita num século em que o nosso país passara a figurar com frequência nos roteiros dos viajantes britânicos, quer por motivos políticos, militares ou comerciais, quer por servir Lisboa de conveniente ponto de partida para quem desejasse estender a sua viagem até à Espanha.⁽²⁾ Tratava-se, contudo, da intensificação de uma prática que tinha já importantes antecedentes.

A participação de cruzados provenientes de Inglaterra na tomada de Lisboa aos mouros por D. Afonso Henriques em 1147, as negociações diplomáticas que conduziram à assinatura, em 1386, do Tratado de Windsor, início oficial da aliança luso-britânica, o período das Descobertas marítimas portuguesas, a derrota de D. Sebastião em Alcácer-Quibir e a conseqüente perda da nossa independência nacional foram, todos eles, acontecimentos históricos que trouxeram britânicos a Portugal ou chamaram a sua atenção para este pequeno país da Península Ibérica. Mas foi sobretudo no século XVIII que Portugal ganhou relevo entre as nações europeias mais procuradas pelos viajantes de além-Mancha. Razões de ordem geográfica e cultural ajudam a explicar esta realidade.

No primeiro caso deve salientar-se o reconhecimento, por parte dos

(1) A indicação bibliográfica completa é a seguinte:

Arthur William Costigan, *Sketches of Society and Manners in Portugal. In a series of letters from Arthur William Costigan, Esq. Late a captain of the Irish brigade in the service of Spain, to his brother in London. In two volumes.* London: Printed for T. Vernor, Birchin-Lane, Cornhill, s/d. [1787]. De ora em diante esta obra será referida abreviadamente por *Sketches*.

(2) «Mas para o viajante inglês, Portugal não é um país longínquo: está a poucos dias de travessia da Mancha e do Atlântico. A partir do século XVIII, a escala por Lisboa é mesmo um ponto de partida cómodo para visitar a Península Ibérica. São precisamente os ingleses — e também o italiano Giuseppe Barretti — que levam a Europa a descobrir a Península Ibérica, ainda quase desconhecida [...]», in Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, *Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura*. Lisboa, Edições 70, col. Signos, 1982, p. 30.

médicos britânicos, dos efeitos benéficos que a amenidade do clima português podia ter nos doentes pulmonares, facto que os levou a recomendar o nosso país — geograficamente próximo da Grã-Bretanha e de acesso fácil por meio de uma travessia marítima que não oferecia perigos de maior — como lugar ideal para convalescença. Em segundo lugar, é de assinalar o aparecimento de um novo tipo de viajante que não se movimentava já por imperativos profissionais, mas antes com o simples objectivo de se enriquecer intelectualmente e de se divertir. Em Inglaterra, a partir do reinado de Elisabeth I, passara a estar na moda fazer o *Grand Tour*, ou seja, seguir um trajecto que incluía essencialmente a França, a Itália e os Países Baixos e que era considerado como necessário para a educação de um verdadeiro *gentleman*. Com o desenrolar dos anos este costume ganhou raízes e, no século XVIII, com a melhoria progressiva das próprias condições de viajar, em termos de segurança e de comodidade, foram muitos os ingleses, alguns até nomes sonantes da literatura como Samuel Johnson, Thomas Gray, Horace Walpole, Tobias Smollett, William Beckford e Robert Southey, que realizaram viagens pelo continente europeu no intuito de alargarem os seus horizontes culturais. Portugal, que não constava do roteiro habitual do *Grand Tour*, começou então, gradualmente, a atrair estes viajantes com disponibilidade de tempo e de dinheiro.

Mas foi principalmente o Terramoto de 1755 que trouxe a Portugal um grande número de forasteiros, entre os quais muitos britânicos, todos eles curiosos em ver as consequências de tão poderoso fenómeno natural. ⁽³⁾ Várias destas pessoas deixaram para a posteridade descrições de uma cidade destroçada que a Europa leu com fascínio. ⁽⁴⁾ Na Grã-Bretanha, tais relatos surgiram no contexto de uma ampla produção de livros de viagens que conhecia já uma apreciável tradição e que o público consumia com entusiasmo, mas que apresentava ainda uma escassez de obras respeitantes a Portugal. Contudo, uma vez despertado o interesse pela realidade portuguesa através dos trágicos acontecimentos de 1755, a imprensa britânica viu surgir aos poucos alguns títulos resultantes de visitas efectuadas ao nosso país, destacando-se entre eles *Travels through Portugal and Spain, in 1772 and 1773* (1755) de Richard Twiss e *Travels through Spain and Portugal in 1774, with a short account of the Spanish Expedition against Algiers in 1775* (1777) do major William Dalrymple, este último caracterizado por uma apreciação cáustica de Portugal que Costigan viria, dez anos mais tarde, a imitar.

As impressões sobre o nosso país recolhidas nestas primeiras obras concorreram de forma efectiva para uma divulgação de Portugal na Grã-

⁽³⁾ «Enfim: pode-se dizer que, com o terramoto, além dos interesses políticos e comerciais, Portugal passou a constituir um motivo jornalístico para os ingleses [...] foi como consequência desta catástrofe que os ingleses começaram a interessar-se pelos assuntos portugueses, primeiro, pelos acontecimentos políticos internos, depois, pela nossa vida literária.», in Carlos Estorninho, *O Terramoto de 1755 e a sua Repercussão nas Relações Luso-Britânicas*. (Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Tomo XXII, 2.ª série, n.º 1, 1956). Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1956, p. 25. Vide, também, Castelo Branco Chaves, *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, Ministério da Educação e Investigação Científica, col. Biblioteca Breve, 1977, p. 13; e Félix Walter, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'Époque Romantique*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927, p. 33.

⁽⁴⁾ Sobre as descrições de autoria britânica consulte-se: Judite Nozes (ed.), *The Lisbon earthquake of 1755. Some British eye-witness accounts*. Lisbon, The British Historical Society of Portugal, 1987.

Bretanha, mas não constituíram, nesse sentido, um arranque decisivo, como é comprovado pelo pouco impacto que tais relatos alcançaram junto do público leitor e pelo relativo anonimato em que os seus autores permaneceram. Faltavam ainda alguns anos para o aparecimento de nomes de relevo no domínio da literatura de viagens britânica sobre Portugal, como os de James Cavanah Murphy, ⁽⁵⁾ William Beckford ⁽⁶⁾ e Robert Southey ⁽⁷⁾ (limitando-nos apenas à era de setecentos), que assinaram obras qualitativamente superiores, de circulação bem mais vasta e que viriam a revelar-se largamente influentes junto de futuros viajantes.

Dentro deste contexto, a obra de Costigan, *Sketches*, objecto de estudo do presente artigo, ocupa uma posição peculiar. Dada à estampa na década de 80 do século XVIII, é talvez o primeiro exemplo de um livro de viagens sobre Portugal que conhece uma divulgação assinalável, apesar de o seu autor ser um desconhecido no mundo das letras. Imediatamente após a sua publicação passou a constituir uma leitura quase obrigatória para todos aqueles que tencionavam rumar ao nosso país, o que se enquadrava na prática corrente, entre os viajantes, de consultarem antecipadamente a bibliografia sobre os lugares que se preparavam para visitar. Robert Southey, um dos autores atrás citados, procedeu desse modo e pode ser tomado como indicador da repercussão do relato de viagem de Costigan. Na sua obra *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal, With some account of Spanish and Portuguese Poetry*, datada de 1797, define o livro de Costigan como «a book, so romantic, apparently — really so true!» (p. 397), afirmando dessa forma partilhar da tão negativa visão de Portugal que aquele militar dera a conhecer em Inglaterra e que depressa aí se propagara. Com efeito, a *Sketches* devemos atribuir um papel

⁽⁵⁾ James Cavanah Murphy (1760-1814), arquitecto, esteve por duas vezes em Portugal, a primeira entre 1788 e 1790 e a segunda entre 1799 e 1802, tendo deixado registadas as suas impressões e estudos em *Travels in Portugal*, [etc]. London: Printed for A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies (Successors to Mr. Cadell), 1795; *Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha*, [etc]. London: Printed for I. & J. Taylor, 1795; e *A General View of the State of Portugal*, [etc.]. London: Printed for T. Cadell Jun., and W. Davies, 1798.

⁽⁶⁾ William Beckford (1760-1844), homem mundano, irreverente, intelectual cheio de sensibilidade, visitou Portugal por diversas vezes entre 1787 e 1799. A amizade com os Marialva abriu-lhe muitas portas e pôde, por isso, relacionar-se com diversas figuras da Corte e da aristocracia portuguesas, mas o seu carácter comunicativo levou-o também a contactar com as classes mais baixas da população, tornando-se um caso de celebridade. As suas impressões sobre Portugal foram publicadas em *Italy; with Sketches of Spain and Portugal. By the author od «Vathek»*. London: Richard Bentley, 1834; e *Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaca and Batalha. By the author of «Vathek»*. London, Richard Bentley, 1835. Já no século XX, Boyd Alexander editou o diário que esteve na base da elaboração da primeira daquelas obras: *The Journal of William Beckford in Portugal and Spain 1787-1788*. London, Rupert Hart-Davis, 1954.

⁽⁷⁾ Robert Southey (1774-1843), um dos nomes da 1.ª geração de poetas românticos ingleses, foi igualmente historiador e ensaísta. Esteve por duas vezes em Portugal, a primeira vez em 1795-96 e a segunda em 1800-1801, tendo deixado as suas impressões registadas na vasta correspondência que trocou com familiares e amigos e em dois relatos de viagem: *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal. With some account of Spanish and Portuguese Poetry*. Bristol, Printed by Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, and G. G. and J. Robinson, and Cadell and Davies, London, 1797 (2.ª edição, 1799; 3.ª edição, 1808) e *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*. Edited by Adolfo Cabral. Oxford, At the Clarendon Press, 1960.

O interesse que sentiu pela literatura e pela História de Portugal e os estudos que lhes dedicou valeram-lhe ser considerado o primeiro lusófilo inglês.

preponderante na criação de pré-conceitos relativamente à realidade portuguesa que muito se arraigaram nas mentes dos britânicos, como o caso de Robert Southey testemunha. (8) Ao seu nome podemos acrescentar outros, como os de Heinrich Friedrich Link, (9) Marianne Baillie (10) e William Henry Giles Kingston, (11) viajantes que igualmente citam Costigan nas respectivas obras, concordando com os seus pontos de vista ou repudiando-os, o que reforça a divulgação deste relato detraктор de Portugal e sublinha a importância de que se pode revestir a assimilação de opiniões alheias, no sentido de condicionar o modo como se aprecia uma realidade desconhecida.

O alcance do livro de Costigan é também comprovado pelas edições e traduções que dele se fizeram a partir da sua publicação em Londres em 1787. A data da 1.ª edição inglesa é inferida a partir do «Advertisement» que abre o vol. I desta obra, já que o editor não fornece tal informação. Como o próprio sub-título indica, o relato está escrito *In a series of letters from Arthur William Costigan, Esq. Late a captain of the Irish brigade in the service of Spain, to his brother in London*, e é precisamente este irmão, Charles A. Costigan, que assina o referido «Advertisement», datando-o de 1787. *The National Union Catalog* da Biblioteca do Congresso (Washington) assinala, entretanto, outras edições em língua inglesa, uma sem lugar nem editor, de 1788, e uma outra, com o novo título «Travels in Portugal, chiefly relative to society and manners in that country...», versão abreviada da obra de Costigan, da autoria de William Fordyce Mavor, que a incluiu em *Historical Account of the most celebrated Voyages, Travels and Discoveries, from the time of Columbus to the present period*. (12)

Também em França o livro de Costigan foi divulgado. Conforme nos dá conta o *Catalogue Général des Livres Imprimés* da Biblioteca Nacional de Paris, data de 1811 a tradução francesa *Lettres sur le gouvernement, les moeurs et les usages en Portugal, écrites para Arthur William Costigan, officier irlandais, à son frère. Traduites de l'anglais (par Boursier)* (13), existindo contudo na Biblioteca Nacional de Lisboa uma anterior, de 1810, com o mesmo título. (14) É nesta mesma Biblioteca que podemos igualmente consultar um pequeno volume da

(8) Robert Southey, que começou por concordar com os juízos extremamente severos feitos por Costigan em relação à sociedade portuguesa, viria mais tarde a mudar de opinião, como demonstram as alterações introduzidas nas 2.ª e 3.ª edições do seu relato de 1797 e todos os seus esforços posteriores para divulgar em Inglaterra uma imagem mais favorável de Portugal.

(9) Heinrich Friedrich Link, *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*. Kiel, 1801-1804, 3 vols. Consultámos a tradução francesa: *Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu'en 1799*. [etc]. A Paris, Chez Levrault, Schoell et C^{mie}. Libraires, 1803.

(10) Marianne Baillie, *Lisbon in the Years 1821, 1822 and 1823*. London, John Murray, 1824, 2 vols.

(11) William Henry Giles Kingston, *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*. London, John W. Parker, 1845, 2 vols.

(12) William Fordyce Mavor (1758-1837) compôs uma obra em 20 volumes com o título: *Historical Account of the most celebrated Voyages, Travels and Discoveries, from the time of Columbus to the present period. With plates*. London, E. Newbery, 1796-97. A versão abreviada do relato de Costigan vem no vol. 17, pp. 155-240.

(13) Esta tradução é de: Paris, par Le Normant, 1811.

(14) Foi publicada igualmente em Paris, mas o editor é outro: L. - A. Piton, Libraire. Vale a pena transcrever algumas palavras do «Advertisement du traducteur», por conterem, por um lado, uma declaração de confiança em relação à imagem de Portugal que Costigan apresenta, e, por outro, por revelarem as dificuldades do tradutor em lidar com um relato contundente e de manifesta irreverência, como é *Sketches*: «Mais elles [*Lettres*] sont écrites avec esprit, et portent un caractère de franchise et d'amour pour la vérité et le bien général, qui dispose à croire les faits que l'auteur

«Bibliothèque Géographique et Instructive des Jeunes Gens», sem data nem lugar de publicação, intitulado *Voyage de Costigan, en Portugal; Avec des observations et additions importantes, tirées des ouvrages de TWISS, MURPHY, LINK, DALRYMPLE, du duc DU CHATELET, et autres voyageurs*, onde se diz o seguinte:

«De tous les voyages qui ont été publiés sur le Portugal, celui d'un ingénieur anglois, M. Costigan, nous a paru le plus propre à entrer dans notre collection. Mais, comme ce voyageur, en s'étendant sur des anedoctes qui font connoître l'esprit et le caractère national des habitants, a négligé beaucoup de matériaux intéressants pour l'histoire et la géographie, nous avons puisé dans d'autres auteurs de quoi remplir les lacunes qu'il a laissés.»⁽¹⁵⁾

Este excerto, ao mesmo tempo que dá valor ao livro de Costigan sobre Portugal, faz também, em linhas gerais, uma apreciação do seu conteúdo, destacando o carácter anedótico da obra, repleta de histórias e reproduções de diálogos travados com diversas personagens portuguesas e estrangeiras que o autor afirma ter conhecido durante a sua permanência no nosso país — procedimento que visa conferir veracidade aos juízos veiculados — e apontando para a relativa escassez de dados históricos e geográficos que os relatos habitualmente transmitiam.

No século XVIII os livros de viagens possuíam, de um modo geral, um cariz descritivo. Guiando-se primordialmente por noções de utilidade pública, os viajantes esforçavam-se por incluir nas suas publicações o maior número possível de informações objectivas, práticas, com vista a apoiar de forma eficaz todos aqueles leitores que tencionassem seguir o mesmo percurso. Costigan, no entanto, foge bastante a esta tendência. Embora não deixe de registar dados desse género, orienta essencialmente a narrativa no sentido de uma análise mais subjectiva, avaliando a realidade portuguesa de acordo com a sua ideologia e interesses pessoais e colocando-se ele próprio entre o leque das personagens da obra, umas vezes como actor, outras como simples espectador. Por tudo isto, *Sketches* anuncia já o relato de viagem oitocentista de pendor romântico, em que a realidade estrangeira é filtrada pela sensibilidade de quem escreve e a prioridade é conferida, não já à descrição, mas sim à anotação impressionista.

Retomando as questões relacionadas com a divulgação do livro de Costigan além-fronteiras, e passando ao caso português, verifica-se que vários têm sido os estudiosos que se debruçaram sobre este militar e que o seu relato de viagem foi também vertido para a nossa língua, já no século XX, em 1946:

avance, quelque défavorables qu'ils soient au gouvernement portugais. [...] J'ai cependant supprimé bien des choses qui auraient pu choquer les consciences et les oreilles très-delicates, comme quelques aventures de moines, et des idées sur la religion».

Compare-se a opção do tradutor francês em omitir certas passagens mais ofensivas da obra com a posição tomada por Augusto Reis Machado, o tradutor português (*vide* nota 16 do presente artigo): «Reproduzindo a presente edição integralmente a primeira, entendeu-se não omitir grosseiras expressões e cenas indecorosas com que o autor representou vários aspectos da sociedade portuguesa do século XVIII.» (p. 5)

⁽¹⁵⁾ *Voyage de Costigan, en Portugal* [etc]. s/lugar, De L'Imprimerie de Crapelet, s/d., p. 17.

Cartas de Portugal 1778-1779, tradução, prefácio e notas de Augusto Reis Machado. ⁽¹⁶⁾ No século anterior, contudo, tinham sido dados passos importantes no sentido de fazer luz sobre a identidade e carácter do autor de *Sketches*. Assim, Manuel Bernardes Branco, em *Portugal e os Estrangeiros*, registou esta obra sobre Portugal, tendo tido o cuidado de apresentar resumos do conteúdo de algumas das cartas — Costigan optou pela forma epistolar para estruturar o seu livro — e traduzindo passagens que se lhe afiguravam mais curiosas ou relevantes, nomeadamente aquelas que comprovavam a enorme superstição dos lusitanos, a política do Marquês de Pombal e a situação presente do nosso país. ⁽¹⁷⁾ O *Diccionario Bibliographico Portuguez* de Inocêncio Francisco da Silva, no seu vol. XIX, assinala igualmente este título, remetendo todavia o leitor para Bernardes Branco, por dar este estudioso «notícia circunstanciada da obra de Costigan.» ⁽¹⁸⁾

Ora, Bernardes Branco, após ter inserido os excertos da obra de Costigan a que já aludimos, interroga-se sobre a exactidão das informações fornecidas por aquele capitão da brigada irlandesa de serviço em Espanha, como o título original indica, ⁽¹⁹⁾ introduzindo um dado bibliográfico que veio esclarecer a autoria deste livro de viagens sobre Portugal. Trata-se de *Éloge Historique de Guillaume-Louis-Antoine de Valleré, Lu à la séance publique de l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne, le 20 Janvier 1798, par François de Borgia Garção Stockler [...]; Publié de nouveau, avec des Additions et des Anecdotes sur sa vie, et la réfutation de l'article qui le concerne, inséré dans la Bibliotheque Britannique*, de Marie Louise de Valleré ⁽²⁰⁾, publicação com que a filha daquele militar francês pretendeu repor a verdade sobre a vida de seu pai. Guillaume-Louis-Antoine de Valleré, nascido em Ferté-Milon no ano de 1727, na mesma casa que Racine, viera para Portugal em 1753 e, em 1757, dera entrada no exército português com o posto de capitão de mineiros. Em 1762 ascendeu a tenente-coronel e faleceu no ano de 1796 como tenente-general. Este estrangeiro que fez carreira em Portugal desempenhou ainda as funções de inspetor geral de artilharia, fortificações e do Real Corpo de Engenheiros, foi sócio da Academia Real das Ciências desde 1780 e dele fez Costigan, em *Sketches*, uma biografia ⁽²¹⁾ que Marie Louise de Valleré reputa de incorrecta e mal intencionada. ⁽²²⁾ É é ao contestar as apreciações de Portugal e dos portugueses atribuídas pelo autor a Guillaume

⁽¹⁶⁾ Arthur William Costigan, *Cartas de Portugal 1778-1779*. Tradução, prefácio e notas por Augusto Reis Machado. Lisboa, Edições Ática, col. «Portugal visto pelos Estrangeiros» dirigida por Castelo Branco Chaves, s/d. [1946]. Esta tradução portuguesa, feita a partir do original inglês de 1787, foi recentemente reeditada por *Lisóptima Editores* e inclui correcções ao prefácio e ao texto que Reis Machado deixou inéditas, bem como iconografia ilustrativa do conteúdo do relato de Costigan.

⁽¹⁷⁾ Manuel Bernardes Branco, *Portugal e os Estrangeiros* [etc]. Vol. I, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira — Editor, Imprensa Nacional, 1879, pp. 271-285.

⁽¹⁸⁾ Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Inocêncio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Vol. XIX. Lisboa: Imprensa Nacional, 1908, p. 180.

⁽¹⁹⁾ Vide nota 1 do presente artigo.

⁽²⁰⁾ Esta obra, em edição bilingue (francês-português), foi publicada em Paris, Chez Firmin Didot, Imprimeur-Libraire, 1808.

⁽²¹⁾ A biografia de Guillaume de Valleré ocupa as pps. 193-262 do vol. I de *Sketches* e, pelo seu conteúdo, assemelha-se a um verdadeiro romance de aventuras.

⁽²²⁾ Sobre Guillaume de Valleré, consultar: José Justino Teixeira Botelho (General), *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa*. Vol. I. Lisboa, Publicações da Comissão de História Militar (V), 1944.

de Valleré que a filha deste revela tratar-se Arthur William Costigan de um pseudónimo do «brigadeiro F.....», adiantando simultaneamente traços do carácter deste homem que construiu tão má imagem de Portugal:

«Ninguém hoje ignora que o brigadeiro F..... he o verdadeiro autor das sobredidas cartas, o qual pelo seu mão caracter moral e opiniões religiosas foi constrangido a largar o commando do regimento d'artilheria do Minho, e a sahir de Portugal no primeiro anno do reinado de S. Mag^e que D. G^e.

Este homem para exhalar o veneno que lhe roía o coração contra o Governo e a nação portugueza, dos quaes se considerava offendido, servio-se de hum nome supposto para merecer mais crença e soltar livremente as rédeas á sua maledicencia, escrevendo hum amontoado de calumnias e vituperios contra a nação em geral, e em particular contra todos aquelles que tiverão a desgraça de serem delle conhecidos.

Finge pois dois Inglezes de distincção veajando em Portugal, e nas conversações que os faz ter com diversas pessoas, não hesita hum sò momento em comprometter nomes respeitaveis, com tanto que satisfaça a sua raiva, e o desejo insaciavel que tem de dizer mal: tendo a baixeza e infamia de attribuir ás pessoas, com quem suppõe fallar, o que sòmente escreveu a sua penna, suggerido pela sua imaginação. Huma destas foi meu pai, e por esta razão me propuz mostrar a falsidade de tudo o que lhe fez dizer.»

Mais adiante, Marie Louise de Valleré diz ainda:

«[...] com razão deverão desconfiar de tudo quanto escreveu a sua penna, muito principalmente as pessoas que tiverem conhecimento do seu caracter, e souberem que elle era mal visto dos seus mesmos compatriotas.»⁽²³⁾

Vai longa a citação, mas esta demora justifica-se pelo facto de estarmos perante o testemunho de alguém que conheceu pessoalmente o autor de *Sketches* e dele fez um retrato nada lisonjeiro, com o qual pretende explicar a má vontade daquele viajante em relação a Portugal. É na «Letter IX», endereçada de Castelo Branco, 1778, que Costigan introduz Guillaume de Valleré na sua narrativa, dizendo que o conheceu em Elvas e definindo-o como «a character of the most acknowledged uprightness and veracity» (vol. I, p. 169) para, de seguida, conseguir inspirar no leitor confiança em relação a todos os julgamentos depreciativos acerca do nosso povo e país que ele afirma ter escutado da boca daquele francês.

Como militar, Costigan presta no seu relato uma atenção particular às fardas, aos fortes e guarnições e, por essa razão, dedica também muitas páginas a Guillaume de Valleré, oficial distinto que prestou largos serviços reconhecidos pelo Conde de Lippe e que desde 1762 até 1789 comandou o Regimento de Artilharia da Província do Alentejo. Foi exactamente nessa região, como nos

⁽²³⁾ *Op. cit.*, pp. 208 e 210 e p. 218, respectivamente.

é dito, que os dois homens se conheceram, tendo o autor de *Sketches* aproveitado a oportunidade para se inteirar do estado passado e presente do exército português e pedir permissão para visitar as instalações militares locais. Deste facto o próprio Guillaume de Valleré deixou prova, que a filha Marie Louise incluiu na sua obra atrás citada. Trata-se de uma carta de seu pai enviada ao Conde de Lippe ⁽²⁴⁾, datada de Elvas, 14 de Janeiro de 1774, onde se lê:

«Serenissimo Senhor,
«Nunca mais agradaveis novas podia receber eu de Vossa Alteza, que as que me deu o coronel Ferriere, quando passou por esta praça. [...] Com muito gosto empreguei toda huma tarde em mostrar a M. Ferriere o Forte com a maior individuação, que me foi possível, e pelas suas expressões faço juizo da admiração, que nelle motivarão as differentes obras.» ⁽²⁵⁾

O texto desta carta contém, como vemos, a identificação do «brigadeiro F.» como sendo o coronel Ferriere (ou melhor, Ferrier), informação que possibilitou um avanço no esclarecimento desta autoria. ⁽²⁶⁾ Já no nosso século, Aquilino Ribeiro, em *Anastácio da Cunha. O Lente Penitenciado (Vida e Obra)* ⁽²⁷⁾, ao traçar a biografia daquele homem de letras setecentista, notável pela vasta cultura literária e científica que possuía, teve necessariamente de focar o tempo em que Anastácio da Cunha (1744-1787) foi 1.º tenente de artilharia na praça de Valença; e, ao fazer o historial das relações que o futuro lente de Geometria da Universidade de Coimbra aí estabeleceu com oficiais britânicos de credo protestante, viria a deparar com o autor de *Sketches*.

Socorrendo-se de uma obra de Teixeira Botelho, *Subsídios para a história da artilharia portuguesa*, ⁽²⁸⁾ Aquilino Ribeiro pôde reconstituir o ambiente que então se vivia naquele aquartelamento nortenho, caracterizado por uma desordem constante, resultado da grande percentagem de oficiais estrangeiros que nele existiam e que se preocupavam pouco em cumprir a disciplina do

⁽²⁴⁾ Marie Louise de Valleré é também autora de uma «Carta aos Redactores» de *O Investigador Portuguez em Inglaterra, ou Jornal Literario, Politico, &c.* (Vol. III, Londres, H. Dryer, Impressor, n.º XI, Maio de 1812, pp. 427-431), escrita a propósito da publicação, naquele periódico, de uma memória do Conde de Lippe sobre a disciplina militar e sua aplicação em Portugal. Assinada de Lisboa, 28 de Fevereiro de 1812, nessa «Carta» repete a autora os elogios a seu pai feitos pelo Conde de Lippe e presta-se a comentar e esclarecer em maior profundidade os factos que aquele Marechal General conta relacionados com Guillaume de Valleré.

⁽²⁵⁾ Marie Louise de Valleré, *op. cit.*, p. 232. Como podemos ler no texto desta carta, Guillaume de Valleré diz que mostrou o Forte La Lippe a Ferriere, mas o autor de *Sketches* afirma que, por medidas de segurança, não lhe foi dada autorização para visitar a referida estrutura defensiva, tendo-se-lhe contudo referido como «this important fortress, which, I am assured, is the only thing in this kingdom really deserving the name.» (Vol. I, p. 191)

⁽²⁶⁾ A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, que apresenta uma entrada para Arthur William Costigan, aventa ainda uma outra hipótese de autoria: «Há quem alegue ser esse um nome fictício. Diz-se que o verdadeiro autor era um brigadeiro português que por motivo das suas opiniões religiosas foi constringido a largar o comando do regimento de artilharia do Minho e a sair de Portugal.»; vol. VII, Lisboa, Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, Limitada, s/d., p. 913.

⁽²⁷⁾ Edição consultada: Aquilino Ribeiro, *Anastácio da Cunha. O Lente Penitenciado (Vida e Obra)*. 2.ª edição. Lisboa, Livraria Bertrand, 1938.

⁽²⁸⁾ Edição consultada: José Faustino Teixeira Botelho (General), *Novos Subsídios para a História da Artilharia Portuguesa*. Vol. I. Lisboa, Publicações de História Militar (V), 1944.

regimento. Estes homens, descritos por Aquilino Ribeiro como «gente sem leira nem beira, gentilhomens pobres, forajidos à justiça da sua terra alguns, crivados de dividas quasi todos, numa palavra com as qualidades românticas do aventureiro e as infalíveis taras» (29), tinham, muitos deles, dado entrada no exército português usando nomes fictícios, sendo possível que o próprio comandante do corpo, James Ferrier, estivesse escudado sob uma falsa identidade.

Durante o período de cerca de dez anos em que Anastácio da Cunha esteve destacado em Valença, fez grande amizade com o referido James Ferrier, um escocês nascido em St. Andrews no ano de 1734 e que, em Agosto de 1762, entrara ao serviço do nosso exército com a patente de capitão de infantaria com exercício de engenheiro. A partir dessa data as promoções deste oficial, auxiliar do Conde de Lippe na tarefa de reorganização do exército português, sucederam-se rapidamente: em Março de 1763 passava a sargento-mor de infantaria, ainda no mesmo ano, em Junho, na qualidade de tenente-coronel, foi encarregado de organizar o Regimento de Artilharia de Lagos, em Agosto de 1765, como coronel, tornou-se comandante do Regimento de Artilharia do Porto, com quartel em Valença e, em Junho de 1775, alcançou o posto de brigadeiro. Quando, alguns anos mais tarde, abandonou Portugal, este militar cujo mau génio «o fazia viver mal com os seus camaradas, e propenso a abusar da sua posição de estrangeiro e de oficial superior.» (30) deixava atrás de si uma boa folha de serviços que incluía a organização do Regimento de Artilharia de Lagos e a do Algarve (trabalho que realizou entre Setembro de 1774 e Abril de 1775), a organização defensiva da praça de Valença e a construção da ponte de Ortiga durante a campanha de 1762.

Mas regressemos a Valença para completar um pouco mais o retrato deste escocês que Aquilino Ribeiro, baseando-se no testemunho de Marie Louise de Valleré, identifica com Arthur William Costigan, alertando-nos contudo para a dúvida sobre qual dos dois nomes seria o verdadeiro e qual o pseudónimo. (31) Pelo que nos diz Teixeira Botelho, ficamos ainda a saber que era um protegido do Conde de Lippe, facto que explica o ter-se mantido no comando daquele regimento apesar dos erros de administração que ali foram detectados em 1767 por John Forbes Macbean, (32) inglês, coronel de artilharia e inspector dos corpos da Arma. De outras acusações viria em 1771 a ser alvo, desta feita por ocasião de grave desentendimento com o sargento-mor do regimento, António Galego Soromenho, o qual foi, por esse motivo, condenado a seis anos de prisão, mas não sem que antes dirigisse um memorial ao Marquês de Pombal em que denunciava procedimentos muito pouco correctos por parte de James Ferrier. (33)

(29) *Op. cit.*, p. 45.

(30) José Faustino Teixeira Botelho (General), *op. cit.*, p. 110.

(31) Aquilino Ribeiro, *op. cit.*, cap. III, pp. 63-88. Já em 1936 fora feita esta identificação pelo padre Ernesto Augusto Pereira Sales: *O Conde de Lippe em Portugal*. Vila Nova de Famalicão, Publicações da Comissão de História Militar, 1936, p. 71.

(32) Para um resumo dos erros administrativos que foram detectados durante o comando de James Ferrier *vide*: José Faustino Teixeira Botelho (General), *op. cit.*, pp. 144-145.

(33) Para um resumo das acusações feitas por Soromenho a James Ferrier consulte-se: *idem*, *ibidem*, p. 145.

Estes acontecimentos dão-nos uma ideia do ambiente de indisciplina e intraquilidade que reinava em Valença, acompanhado que era por discussões de ideias filosóficas e leituras de obras que a Inquisição condenava (Hobbes, Rousseau, Voltaire...). Imediatamente após a subida ao trono de D. Maria I, o Tribunal do Santo Ofício procedeu a uma depuração daquela praça nortenha, com vista a eliminar todas as sementes aí deixadas pelos livre-pensadores e protestantes estrangeiros. José Anastácio da Cunha, homem que James Ferrier tinha em alta estima e que desde o início aderira com entusiasmo àquele clima de debate, foi um dos oficiais de Valença acusados pela Inquisição. Preso em 1778, em Coimbra, onde era já lente de Geometria da Universidade local, a Anastácio da Cunha viriam a ser imputados os crimes de apostasia, heresia, e de ter caído nos erros do libertinismo, deísmo, tolerantismo e indiferentismo. Saído em auto-de-fé de 11 de Outubro de 1778, em Lisboa, acabaria por ser condenado a sete anos de reclusão e de degredo, pena que não foi tão grave quanto seria de esperar, se considerarmos o peso das acusações que lhe foram feitas.

A leitura do processo de Anastácio da Cunha na Inquisição de Coimbra ⁽³⁴⁾ mostra como ao longo das sessões de interrogatório o ex-tenente do regimento destacado em Valença confessou as culpas de que fora incriminado, entre as quais a de ter por amigos íntimos os protestantes da guarnição, nomeadamente James Ferrier. Admitindo que, naquela praça, «foi tendo muito trato, familiaridade, e amizade com o chefe, e oficiais do mesmo Regiemnto Protestantes, e especialmente com o seo Capitão Ricardo Moller, com o Brigadeiro Diogo Ferrier» e que «por força do dito trato, livros libertinos que com frequência lia, costumes depravados, digo costumes livres, que via praticar na dita Praça, como o da luxuria, e da ebriedade foi elle Reo perdendo os bons habitos que tinha adquirido na sua educação, e corrompendosse nos costumes, entregando sse aos sobreditos dous vícios, e da mesma sorte foi desprezando os preceitos Eccleziasticos» ⁽³⁵⁾, Anastácio da Cunha foi reconhecendo os seus erros, esforçando-se por proteger os portugueses pertencentes àquele heterodoxo círculo nortenho e denunciando a influência dos estrangeiros de patente superior, qualidade que os colocava fora da alçada da Inquisição. Daí que James Ferrier, apesar de ter sido acusado durante esta confissão de possuir na sua biblioteca obras de autores proibidos, de encomendar a Anastácio da Cunha traduções de textos franceses e ingleses considerados ímpios, de escrever cartas em que punha a religião católica a ridículo e de ser ele próprio o responsável por um poema intitulado *Veritati Sacrum*, «composição em verso Solto Portugues, que tinha por objecto expor varias loucuras dos homens [...] e nella louvava os Filozofos modernos como, Neuton, Vultaire, e Rousseau, e outros por terem penssado, e escripto bem ainda nas materias tocantes a Religião e na dita composição apoyava o dito Ferier não haver couza mais justa que o Tolerantismo, e o pensar se livremente, e como cada hum

⁽³⁴⁾ Este processo (A. N. T. T. , Inquisição de Coimbra, Apartados, pasta 10, processo n.º 8087) foi publicado na íntegra por João Pedro Ferro na revista *História*. Lisboa, Publicações Projornal, Ld.ª, nos seguintes números: Ano IX, n.º 100, Fevereiro de 1987, pp. 4-35; Ano IX, n.º 101, Março de 1987, pp. 18-42; Ano IX, n.º 102, Novembro de 1987, pp. 20-47; Ano IX, n.º 103, Dezembro de 1987, pp. 70-96.

⁽³⁵⁾ Revista *História*. Lisboa, Publicações Projornal, Ld.ª, Ano IX, n.º 101, Março de 1987, p. 35.

quizesse em materia de Religião»⁽³⁶⁾ não tenha chegado a ser importunado pelo Santo Ofício. No entanto, podemos colocar a hipótese de terem sido estas denúncias as razões pelas quais, a acreditarmos nas palavras de Marie Louise de Valleré, James Ferrier «foi constrangido a largar o commando do regimento d'artilharia do Minho, e a sahir de Portugal no primeiro anno do reinado de S. Mag^e que D. G.^e [D. Maria I]». ⁽³⁷⁾

A todas as actividades condenáveis pela Inquisição de que foi acusado, James Ferrier juntava, ao que tudo indica, uma outra, a de mação. A chegada do Conde de Lippe a Portugal conduziu a um desenvolvimento do maçonismo, como nos dizem Graça e J. S. da Silva Dias:

«A chegada do Conde de Lippe e do seu séquito a Portugal, em 1762 e anos seguintes, estabeleceu no País alguns oficiais de filiação maçónica e abriu a porta para o funcionamento de lojas de militares estrangeiros. [...] Na sua companhia ou, pouco depois, chamados por ele, vieram também diversos oficiais, de várias patentes e nacionalidades. Tal o caso dos brigadeiros Diogo Ferrier e Simão Frazer.» ⁽³⁸⁾

Sabendo-se que o próprio conde de Lippe pertencia à Maçonaria ⁽³⁹⁾ e sendo James Ferrier um dos seus mais próximos acesores, podemos pensar que provavelmente ambos partilhavam esta filiação. Além do mais, o livre-pensamento grassava na praça de Valença, como já vimos, e embora não haja provas de ali existir uma loja maçónica, o certo é que o processo de um sargento-mor daquele regimento, Michael De Kinselach, na Inquisição de Coimbra, mostra que a ligação de membros seus à Maçonaria era uma realidade. ⁽⁴⁰⁾ Assim sendo, se juntarmos estes dados aos que Anastácio da Cunha forneceu relacionados com o brigadeiro Ferrier, seremos levados a concluir que este terá sido um Irmão da referida Ordem, como fez A. H. de Oliveira Marques:

«Provavelmente iniciado maçon, em data desconhecida, [James Ferrier] exerceu grande influência sobre os seus subordinados, entre os quais se contou José Anastácio da Cunha. Com o advento do reinado de D. Maria I, foi obrigado a deixar Portugal.» ⁽⁴¹⁾

⁽³⁶⁾ *Ibidem*, p. 37. Este poema foi publicado por Hernâni Cidade em *A Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha*. Coimbra, 1930, pp. 29-32.

⁽³⁷⁾ *Éloge Historique de Guillaume-Louis-Antoine de Valleré* [etc]. Paris, Chez Firmin Didot, Imprimeur-Libraire, 1908, p. 208.

⁽³⁸⁾ Graça e J. S. da Silva Dias, *Os Primórdios da Maçonaria em Portugal*. Volume I. Tomo I. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1980, p. 195.

⁽³⁹⁾ «Um deles [mações] era, sem dúvida, o próprio Lippe. A Ordem tinha sido instituída pelo pai no condado de Schaumburg, e os biógrafos têm-lhe reconhecido a identidade pedreiral.», in *idem, ibidem*, p. 196.

⁽⁴⁰⁾ Michael de Kinselech, natural de Bruxelas, deu entrada em Portugal em 1762, e em 29/12/1776 foi destacado para o Regimento de Valença como sargento-mor. Em 1778 foi preso pelo Tribunal do Santo Ofício, acusado de indiferentismo e de seguir a seita dos pedreiros-livres, tendo saído em auto-de-fé de 11/10/1778 (ANTT, Inquisição de Coimbra, processo n.º 8089).

⁽⁴¹⁾ A. H. de Oliveira Marques, *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*. Vol. I. Lisboa, Editorial Delta, 1986, cols. 578-579.

A data em que James Ferrier deixou o exército português não é clara. A filha de Guillaume de Valleré adianta o ano de 1777; na primeira carta de *Sketches*, datada de Cádiz, 1778, Costigan revela que abandonou o seu posto militar em Espanha e que se encontra a caminho da sua terra natal, o que, temporalmente, se aproxima do testemunho de Marie Louise de Valleré; e o General Teixeira Botelho, por seu turno, afirma que foi em 1780 que Ferrier pediu e obteve a sua demissão, tendo regressado a Inglaterra. ⁽⁴²⁾ No entanto, uma carta do próprio punho de James Ferrier, enviada a Anastácio da Cunha e constante do processo deste na Inquisição de Coimbra, vem dissipar algumas dúvidas, embora não se encontre datada. Em tom apressado, James Ferrier dirige-se com amizade ao lente — «Meu Querido Doutor» — anunciando-lhe a sua partida :

«[...] não posso deixar de hir visitar aquelle rincon donde sou oriundo, pedi a minha demissão concedeu-se ma, e parto amanhã para Ynglaterra.» ⁽⁴³⁾

Ora, se tivermos em conta que todos os documentos apreendidos pela Inquisição a Anastácio da Cunha se reportam até 1778 inclusive, e que esta é a última das epístolas endereçadas por Ferrier a este seu amigo português, figurando no processo outras da sua autoria enviadas no ano anterior, com certa segurança nos podemos juntar a João Pedro Ferro, que atribui àquela missiva de despedida a data provável de 1778, ⁽⁴⁴⁾ o que coincide precisamente com as palavras de Costigan no início do seu relato.

Finda a estada daquele militar escocês em terras portuguesas, e partindo do pressuposto de que Ferrier e Costigan são uma e a mesma pessoa, verifica-se um período de dez anos entre o abandono da Península Ibérica e a data de publicação de *Sketches*. Trata-se de um relato personalizado, escrito por um homem que se define como jovem, bem parecido, de personalidade forte, sincero e que pauta o seu comportamento pelos princípios racionais. Embora tendo nascido no seio de uma família católica irlandesa, reconhece hoje os defeitos e a má influência dessa religião, como confessa ao irmão, Charles A. Costigan, receptor primeiro do seu discurso. É este homem de negócios estabelecido em Londres (segundo nos diz o autor) quem, aliás, em nome da utilidade pública e da verdade, se dispõe a publicar as cartas sobre Portugal que compõem *Sketches*, como consta do «Advertisement» com que antecede o texto da obra:

«[...] I have considered the publication of these Letters as a duty I owe to that public of which I have the happiness to be an humble member, as well to undeceive them, in regard to those articles, puffs and paragraphs daily handed about, as coming from, or concerning Portugal, as to present them with a new and authentic body of information, concerning the Government and present situation of that country.» (I, III)

⁽⁴²⁾ *Op. cit.*, p. 109.

⁽⁴³⁾ Revista *História*. Lisboa, Publicações Projornal, Lda. Ano IX, n.º 101, Março de 1987, p. 24.

⁽⁴⁴⁾ *Ibidem*, nota (112), p. 41.

Estas palavras vão exactamente ao encontro do que o próprio Costigan não se cansa de afirmar ao longo dos seus dois volumes, ou seja, a firme decisão em ser objectivo e autêntico no que regista, tendo ainda o cuidado de alertar os leitores para o perigo que representam todos aqueles críticos literários que determinam o valor de um livro de viagens sem conhecerem *de facto* a realidade que ele descreve e não podendo, por isso mesmo, saber se o conteúdo é verdadeiro ou falso.

A vontade de isenção levou-o a confiar não só nas suas próprias opiniões mas também, e sobretudo, na dos poucos portugueses (esclarecidos!) e dos muitos estrangeiros há bastante tempo residentes em Portugal com que foi contactando no país visitado. Daí o grande número de diálogos e histórias que a obra encerra, incluídas para ilustrar ideias, costumes e comportamentos da sociedade retratada. São apontamentos anedóticos diversificados na sua temática, mas seleccionados com o propósito de criticar severamente o nosso país e, principalmente, as nossas gentes. Costigan confessa ser sua intenção «to pay much more regard to men than to things, in the accounts I give you of my travels.» (II, 34) e, com efeito, é essa a orientação que prevalece ao longo da narrativa. O mesmo ponto de vista é partilhado por *Lord Freeman*, um oficial inglês que conhece em Faro e o convida a acompanhá-lo durante a sua estada em terras lusitanas. Aristocrata distinto, fazendo-se acompanhar por um preceptor que tem por missão zelar pela moral e bons costumes do seu pupilo no estrangeiro (prática habitual do *Grand Tour*), *Lord Freeman* expõe a sua própria teoria sobre quais devem ser as prioridades de um forasteiro em viagem:

«[...] for he [*Lord Freeman*] is not of the sentiment of those travellers, whose principal object is to please the eye with the sight of fine buildings, beautiful landscapes, or lofty mountains; nor of those who pay much attention to what or when they eat or drink, or where they slept: the investigation of men, not of things, is his aim; and a competent knowledge, he thinks, it should be the traveller's first study to acquire of the language of the people he is among, their political, military and ecclesiastical government, the happy or miserable condition of the great body of the inhabitants, and of the causes producing the effects under his consideration, together with a proper notion of the history of the country and of the present state of Literature, of Commerce and of the Arts and Sciences, as cultivated among them [...]» (I, 110-111)

A leitura de *Sketches* mostra que são estes mesmos os pólos de interesse dominantes no relato e que determinaram a escolha dos materiais recolhidos durante o percurso. E para que pudessem obter os dados pretendidos, o autor e *Lord Freeman* prontificaram-se sempre a aceitar os inúmeros convites para almoços e jantares que lhes foram dirigidos e durante os quais se inteiravam sobre o viver dos portugueses. Esta experiência serviu também para constatarem a intensa vida social dos estrangeiros aqui residentes, especialmente os ingleses, que permaneciam contudo fechados a contactos com os naturais, facto que se traduzia pelo seu desconhecimento total da língua portuguesa, apesar de aqui já estarem radicados há muitos anos.

Dificuldades em relação à língua nacional foi problema que Costigan não

encontrou pois, como nos diz, a sua demorada permanência em Espanha (e que explica as ocasionais comparações que estabelece entre as duas nações peninsulares) tornara possível agora, quando se encontra de regresso à Irlanda e se dirige a Lisboa para dali embarcar para a Inglaterra, compreender facilmente o português. Além do mais, a comunicação estava-lhe facilitada por se fazer também acompanhar por um jovem padre, João Carlos, que falava inglês e diligenciava para que fossem bem acolhidos nos lugares que visitavam.

O trajeto efectuado por Costigan teve início em Faro e desenrolou-se ao longo de Tavira, Castro Marim, Vila Real de Santo António, Mértola, Évora, Vila Viçosa, Estremoz, Elvas, Castelo Branco, Covilhã, Almeida, Castelo Rodrigo, Porto, Vila do Conde, Braga, Guimarães, Coimbra, Santarém e, por fim, Lisboa, cidade onde esteve mais tempo, apenas entrecortado por uma breve ida a Oeiras e Sintra. De todas estas vilas e cidades, bem como de outras pequenas povoações que atravessaram, deixou Costigan breves apontamentos, excepção feita a Lisboa e Porto, figurativamente descritas como «the two eyes of Portugal, for here centre the whole riches of the country and all their trade with foreign nations, and with their own possessions in the Brazils [...]» (I, 361) e às quais prestou maior atenção. Com efeito, pouco sensível às belezas paisagísticas, não encontramos em Costigan grandes descrições de êxtase perante um cenário natural. Agradaram-lhe as terras algarvias cobertas por amendoeiras, figueiras, e lorangeiras (I, 14), achou bonitos os arredores do Porto (I, 409), apreciou as vinhas que ladeiam o rio Douro (I, 360) e deixou-se cativar pela beleza das margens do Tejo entre Santarém e Lisboa (II, 2); mas apenas Sintra lhe arrancou um certo devaneio, a anunciar o fascínio que aquela serra viria a exercer em futuras gerações de viajantes britânicos:

«Here Nature, undisguised by the pitiful efforts of Art, exhibits her fantastic and enchanting beauties upon a very extensive scale, and I was delighted with traversing the stupendous rocks, wildly interspersed with wood and water [...]» (II, 250).

A relativa falta de interesse pela paisagem é compensada, contudo, por uma viva curiosidade em relação ao modo como os homens souberam, ou não, transformar o ambiente circundante e tirar dele proveito. Assim, à medida que foi percorrendo o país, a cavalo ou em burros alugados, que se revelaram ser um meio de transporte rápido e barato (II, 17), depressa se deu conta do estado de grande abandono em que as terras se encontravam, embora a sua fertilidade fosse inquestionável. Este desperdiçar de terrenos particularmente dotados para o cultivo — o que obrigava a grandes importações de trigo e arroz, bem como de peixe salgado, para a alimentação de um povo extremamente pobre (II, 405-406) — sugeriu-lhe severas críticas, pois viu-o como resultado não só de uma má governação como também da própria indolência dos trabalhadores, característica que apontou amiúde. Talvez por isso as províncias do Douro Litoral e do Minho lhe mereceram mais algumas do que as lacónicas linhas que atribuiu à maioria das regiões por onde passou, tendo-as elogiado pela sua população laboriosa e riqueza agrícola (I, 410-411).

Em contrapartida, o Sul do país evidenciava a seus olhos um mau aproveitamento económico, possuindo no entanto motivos de interesse de ordem bem diversa, ou sejam, os de carácter histórico e militar. Na verdade, Costigan dedicou alguma atenção aos acontecimentos ocorridos no passado

em localidades como Faro (I, 17-18), Vila Real de Santo António (I, 54-60) ou Évora (I, 119) e encaminhou os seus passos até aos campos alentejanos onde haviam sido travadas batalhas entre portugueses e castelhanos, complementando tais visitas com a leitura de documentos existentes nos conventos da região sobre essas guerras fronteiriças (I, 149-151). Os lugares relacionados com a campanha de 1762 foram também por ele percorridos durante catorze dias (I, 268), e a sua estada em Elvas permitiu-lhe informar-se sobre o Forte La Lippe e a situação actual do exército português. Deste formou uma ideia bastante desfavorável, pois os militares estrangeiros com que contactou foram unânimes em reconhecer que o abandono de Portugal por parte do Conde de Lippe tinha reconduzido o exército nacional à desorganização e indisciplina que nele reinavam anteriormente à sua chegada (I, 231). Tal facto era bastante lamentável, tanto mais que os soldados portugueses, desde que confiantes nos seus superiores, revelavam possuir óptimas qualidades — lealdade, obediência, espírito de sacrifício — e apenas um vício, o do jogo, estando porém normalmente sujeitos às ordens de oficiais incompetentes e de má índole, o que conduzia ao estado de degradação que então se verificava no exército (II, 262-263).

Nos grandes meios do Porto e de Lisboa estas preocupações militares cederam face à vida de sociedade e às muitas solicitações cidadinas. Após os cansativos trajectos de terra em terra, pernoitando em estalagens de péssima qualidade e infestadas por percevejos, mosquitos e baratas (I, 149), o autor — e *Lord Freeman* — instalaram-se durante períodos mais longos naquelas duas cidades e aí conviveram especialmente com estrangeiros. Estes, quando solicitados a prestar esclarecimentos sobre Portugal, mostravam-se sempre dispostos a fazê-lo e invariavelmente apresentavam uma imagem negra do nosso país, sendo também frequente queixarem-se da forma hostil como eram tratados desde que D. Maria I subira ao trono (I, 75; 102-103).

Aos conhecimentos adquiridos através destes encontros sociais juntavam-se os que absorviam ao deambular pelas vias públicas. No Porto, repararam especialmente nas ruas, estreitas e íngremes (I, 396), e Costigan descreve algumas igrejas e conventos (I, 387-389), mas sem entrar em grandes pormenores e censurando antes as avultadas somas gastas em tais construções, quando o país estava imerso na pobreza (I, 397). Lisboa, por ser a capital, mereceu-lhe uma análise mais demorada. De um modo geral, podemos dizer que os elogios que teceu a Lisboa são os mesmos que muitos outros viajantes fizeram. Assim, gabou-lhe a bonita localização geográfica, o porto amplo, a variedade de frutos ali existentes, a excelência do clima (II, 24-25), recomendado pelos médicos ingleses aos seus doentes pulmonares (II, 48-49), enquanto que os lisboetas atacados pela tuberculose se deslocavam para o Alentejo com o mesmo intuito de recuperar a saúde (I, 114). Tão encantado ficou com o aspecto geral da cidade que a retratou nos seguintes termos:

«After breakfast, notwithstanding the heat, we sallied out to take a view of the city, whose romantic situation, wildly and irregularly scattered over so many high grounds and vallies, interspersed with orchards and vineyards, and descending to the banks of a majestic river full of shipping, produces such a variety of picturesque views, at every new station the observer takes, as are perfectly interesting.» (II, 58-59).

Contudo, à medida que foi conhecendo Lisboa em pormenor, esta agradável visão de conjunto esbateu-se. A nível de monumentos, mais uma vez o autor não lhes prestou uma particular atenção, sendo de realçar neste campo a referência enaltecadora aos quadros de mosaicos da Capela de S. João Baptista da Igreja de S. Roque (II, 147-148) e o reconhecimento da utilidade do Aqueduto das Águas Livres, embora confesse que as expectativas criadas pela grande fama desta obra, divulgada nomeadamente através de relatos de forasteiros que se lhe referiam com enorme admiração, não tenham sido satisfeitas (II, 249-250).

Também a arquitectura das muitas igrejas, capelas e conventos, com os seus quintais, vinhas e pomares ocupando ao todo um quinto ou um sexto da cidade, não lhe mereceu descrições especiais (II, 26-27), tendo-se Costigan interessado antes pela reconstrução de Lisboa após o Terramoto, faceta que o distingue de outros viajantes que nos visitaram. ⁽⁴⁵⁾ Estabelecendo a diferença entre as ruas estreitas, tortuosas, íngremes e sem iluminação do período anterior àquela catástrofe natural (II, 36-37) e as que foram construídas após 1755, direitas, simétricas, espaçosas (II, 27), o autor elogia o plano de reconstrução, embora detecte nele um erro de cálculo, concretamente a demasiada altura das casas em proporção à largura das ruas (II, 27). Apesar disso, lamenta acima de tudo que as obras tenham cessado imediatamente a seguir à subida ao trono de D. Maria I, ficando por executar um projecto que só beneficiaria a capital portuguesa e do qual se podiam apreciar já os bonitos resultados expressos pela rua Augusta (II, 26) e pela Praça do Comércio (II, 30), considerada pelo Marquês de Pombal como o conjunto arquitectónico de maior prestígio da sua governação (II, 30-31).

Mas foi sobretudo a falta de higiene das vias públicas lisboetas o que mais lhe desagradou, tendo a noção de que antes do Terramoto essa situação deveria ter sido ainda pior. Por altura da sua estada, a rede de esgotos, inexistente à data daquele cataclismo, cobria apenas uma pequena parte da cidade (II, 37), sendo as imundícies atiradas para as ruas especialmente durante a noite, ali permanecendo e libertando um cheiro pestilento (II, 37-38). Medidas tinham sido tomadas para solucionar os nefastos efeitos desta prática do «água-vai», nomeadamente a contratação de varredores, os quais, no entanto, não cumpriam o seu dever (II, 59). Assim, a limpeza das artérias citadinas ficava sobretudo a cargo das grandes matilhas de cães vadios que as percorriam e iam comendo tudo aquilo que encontravam pelo caminho (II, 59). Em resumo, o cheiro nauseabundo do lixo amontoado nas ruas, associado ao calor intenso que se fazia sentir a certas horas e às longas distâncias entre os diferentes pontos de Lisboa dissuadiam muitos daqueles que porventura desejassem passear por ela:

«[...] so that it is a common observation of the natives, that, excepting persons of the lowest conditions of life, you shall not meet any one on foot during some hours of the violent heat every day, but dogs and Englishmen.» (II, 60-61)

⁽⁴⁵⁾ Sobre a reconstrução de Lisboa vista pelos viajantes britânicos consulte-se: Judite Nozes, «Uma cidade nova?» in *Um Olhar Sobre Lisboa. Os Viajantes Britânicos do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Portugueses apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1986, pp. 182-277.

Este quadro de uma cidade pouco desenvolvida traçado por Costigan e pela quase unanimidade dos estrangeiros que por aqui passaram tem o seu paralelo na pobreza das actividades culturais. Com efeito, o autor refere que não existe, na altura, um teatro público na capital, pretendendo a Rainha com essa proibição zelar pela moral e pelos bons costumes (II, 336). Nas casas particulares dos nobres tinham contudo lugar espectáculos teatrais, tendo Costigan assistido a um deles, que descreve longamente (II, 344-356). Embora tivesse sentido algumas dificuldades em entender as falas dos actores, deu-se conta da preferência dada pelos portugueses à comédia, ao humor grosseiro, às cenas de pancadaria (II, 356) e aos temas de carácter religioso, estando por vezes subjacente a estes uma crítica ao comportamento impróprio do clero (II, 354). O autor, que detestou toda a representação, inseriu-a no contexto do atraso cultural que em Portugal se vivia, sem distinção de classes:

«But, however absurd, ridiculous and monstrous these farces may be, it must be remembered they are but representations calculated to amuse the vulgar, always best pleased with whatever appears most crude, incredible and gigantic [...]» (II, 356-357).

Por várias ocasiões surgem em *Sketches* referências à pouca importância conferida neste país à educação (I, 46), simbolizada pela ignorância e imbecilidade dos próprios príncipes de Portugal desde o desafortunado D. Sebastião (II, 398). O percurso que efectuou ao longo do país oferecera-lhe também a oportunidade de constatar a pobreza das bibliotecas privadas, onde normalmente só existiam livros sobre santos e milagres (I, 130). Francamente crítico em relação a este estado de obscurantismo, Costigan não deixou de acusar a Igreja Católica de se aproveitar da ignorância e da fé do povo para benefício próprio e como meio de conservar a sua situação de privilégio e domínio da sociedade em geral. As mulheres eram, neste aspecto, as maiores vítimas de uma educação errada. Criadas no ócio e sem qualquer acesso às fontes de conhecimento, profundamente crentes, deixavam-se conduzir pelos conselhos dos confessores, tornavam-se presas fáceis da primeira paixão que as avassalava e que, por vezes, só lhes trazia infelicidade (I, 422), ou eram obrigadas, pelos pais, a entrar para um convento sempre que não se lhes conseguia um casamento com alguém de igual nível social (I, 411).

Tendo formado uma ideia tão má sobre o desenvolvimento intelectual dos portugueses, Costigan não procurou informar-se sobre as suas tradições artísticas. Ao contrário de outros viajantes que fornecem, por exemplo, uma panorâmica da literatura lusa ou, pelo menos, destacam alguns dos nomes mais famosos nessa área, Costigan refere um único, o de Camões, aliás o autor português então mais divulgado na Grã-Bretanha. ⁽⁴⁶⁾ Não foi, no entanto, enquanto poeta épico e lírico que o invocou, mas sim pelos seus dotes de glosador. A permanência em Portugal ensinou a Costigan que aqui os poetas tinham por hábito dedicar versos a acontecimentos especiais, tais como

⁽⁴⁶⁾ Na década de oitenta do século XVIII, altura em que é publicado o relato de Costigan, Camões era de longe o autor português mais conhecido pelos britânicos. Para tal contribuiu de forma decisiva o êxito alcançado por W. J. Mickle com a sua versão de *Os Lusíadas: The Lusiad; or, The Discovery of India. An Epic Poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camoëns (1776)*.

nascimentos, casamentos e aniversários, todos eles escritos num estilo extravagante e hiperbólico (II, 364). Mas, de entre os poetas, captaram a atenção do autor os que, de improviso, glosavam um mote que lhes era fornecido no momento (II, 364-366). Tal passatempo era dos mais apreciados nas reuniões sociais, e aqueles que possuíam o dom de assim compor versos — quer homens, quer mulheres — eram vistos com admiração, como registou:

«[...] for the man who is dexterous at glozing in this manner, is esteemed a first-rate genius, and considered as having reached the summit of Parnassus; even their great Camoens did not disdain amusing himself, and exhibiting in this way, and among others he made a gloze to every letter of the Alphabet.» (II, 366).

Para além desta manifestação cultural, teve ensejo de assistir a uma outra, desta feita no campo da dança. Aconteceu quando foi espectador das representações teatrais a que já fizemos menção. No final de um dos quadros de farsa entre algumas freiras e os seus galanteadores, as personagens dançaram a fofa ao som da guitarra e, de seguida, uma outra dança mais lasciva e obscena do que a anterior, apenas executada pela população negra de Lisboa, como lhe disseram (II, 354). Este episódio, aplaudido pelos presentes com grande entusiasmo, veio confirmar-lhe algo que ele já antes constatará, ou seja, o gosto dos portugueses pela dança e também pelo canto e a música em geral:

«[...] this is quite a musical and a singing country, and there is hardly a peasant, a country girl, or a common soldier, who does not play on the Guitar, and is not provided with one of those instruments, when they have hardly a shirt to their backs, or a rag to cover their nakedness.» (II, 170)

A cultura de um povo revela-se também no modo como se alimenta, e, neste aspecto, Costigan teve ocasião de presenciar variados comportamentos e hábitos que anotou no seu relato. Assim, reparou que os portugueses eram grandes apreciadores de comida (I, 183) e autênticos devoradores de pão (II, 376), chegando inclusivamente a jejuar na vespéra de um almoço ou jantar para que tivessem sido convidados de modo a poder, então, encher os estômagos (I, 316). Os casamentos, em especial, ofereciam uma excelente oportunidade de satisfazerem esse gosto, e os pais dos noivos faziam gala em organizar festas de espanto, abundantes em comida, e que chegavam mesmo a deixá-los endividados (II, 361). Mas qualquer reunião social, por mais limitada que fosse, caracterizava-se normalmente por uma assinalável ingestão de doces, grande regalo dos naturais do país (II, 376-377) e que os fazia beber enormes quantidades de água (I, 159). Este costume era, aliás, responsável pelo elevado número de pessoas obesas existente em Portugal (II, 377), mas a preferência dada à água mereceu a Costigan a sua aprovação. Na verdade, pôde a este propósito fazer comparações entre o excessivo consumo de bebidas alcoólicas por parte dos ingleses (I, 160) e a prática portuguesa de acompanhar as refeições com água, terminando-as com café (II, 76). Tal abstinência libertava os portugueses do vício do alcoolismo (II, 256), que consideravam perfeitamente desprezível (II, 338) e os levava a ver com maus olhos todos aqueles que o tinham, concretamente os ingleses (I, 158). É evidente que o tipo de alimentação farta a que faz alusão dizia respeito às classes mais altas da sociedade, mas Costigan teve também o

cuidado de descrever a dos camponeses e criados, pois elas eram exemplo do grande fosso existente entre as diferentes camadas da população em termos de qualidade de vida. Em relação aos primeiros, refere a frugalidade da sua dieta, composta por pão, sardinhas salgadas e cabeças de alho, apenas interrompida no Natal e na Páscoa por um pouco de carne de porco, vaca ou vitela que eles próprios criavam e, muito esporadicamente, por bacalhau proveniente da Terra-Nova (I, 362-363). Quanto aos serviçais das casas nobres, almoçavam carne e arroz cozidos ou bacalhau e arroz, igualmente cozidos. Ao jantar era-lhes distribuído um pedaço de carne fria, ou sardinhas, tudo acompanhado por salada de alface, ou outra, temperada com azeite e vinagre, o molho normalmente usado na cozinha portuguesa (II, 375-376).

A atenção prestada à questão alimentar forneceu a Costigan alguns elementos para a caracterização dos portugueses como povo, aspecto a que dedicou muitas páginas. Assim, registou o ar mal alimentado dos camponeses e a apatia presente nos seus rostos queimados pelo sol e precocemente envelhecidos, especialmente os das mulheres (I, 365). Apesar da pobreza em que viviam, mostravam-se corteses, sempre prontos a ajudar e a servir de guias aos estrangeiros que lhes pediam qualquer informação (I, 113), ao contrário dos nobres que, conscientes da sua ignorância, tinham para com os forasteiros uma atitude reservada (I, 47-48). A verificação deste facto levou-o a acreditar no princípio segundo o qual o carácter dos portugueses melhora à medida que se vai descendo na escala social (I, 136), o que explica a sua apresentação da nobreza do nosso país como a representante máxima dos defeitos lusitanos. O retrato do fidalgo português tal como surge em *Sketches* apresenta-o como um homem gordo e indolente, dado que se alimenta de forma exagerada e não pratica qualquer tipo de exercício físico (II, 377), nunca prescindindo do hábito nacional de dormir a sesta (I, 162). O seu aspecto é doentio e, possuído por uma sensualidade exagerada, indulgência todo o género de vícios, tomando ares presunçosos e vivendo acima das suas possibilidades (II, 360-361). Habitando um país em que o povo vive mergulhado na ignorância e superstição (II, 139), consegue camuflar a sua incultura e estupidez, as quais depressa se tornam visíveis aos olhos daqueles que, como Costigan, vêm de nações mais desenvolvidas e progressistas.

Não produzindo nunca nada de útil nem tomando qualquer iniciativa que tivesse em vista arrancar o seu reino do estado de estagnação em que se encontrava, os nobres de Portugal gastavam o seu tempo a adular o Soberano, dependendo totalmente dos favores que aquele lhes concedia (II, 402-403). Uma das agravantes do seu carácter consistia, além do mais, no facto de, sempre que colocados em lugares de autoridade, utilizarem o poder que detinham para favorecer os amigos e prejudicar todos aqueles com quem não mantinham boas relações (I, 385). Esta arbitrariedade tinha, como é de calcular, sérias implicações no modo como a justiça era aplicada. Costigan relata um dos passatempos a que os jovens da nobreza se entregavam e que ilustra bem o modo como esta classe se sentia com o direito de se comportar a seu bel-prazer, sem recear a punição dos poderes públicos:

«[...] but their favourite diversion is to sally out in the night-time in their cloaks [...] and followed by a number of bravoos they keep in their service, when they scour the streets, which are perfectly dark,

only where there happens to be a lamp before the small niches of the Virgin in the walls of some houses. They attack the Patroles or Rounds, where there are any, whom they generally drive before them, knock down whomsoever they meet with their bludgeons, and if they find any resistance, their bravoes are at hand, who are all wonderfully dextrous at the use of the stabbing-knife, so that they seldom return from these nocturnal excursions without leaving some one dead in the streets [...]» (II, 175).

Senhores voluntariosos, sabiam de antemão que podiam escudar-se por detrás dos seus braços e que, mesmo quando apanhados nas malhas da justiça, esta não era executada, bastando para isso recorrer a «empenhos», ou seja, todos aqueles actos pelos quais os familiares e amigos do réu intercediam junto das autoridades com o intuito de ilibá-lo dos crimes de que fora acusado (I, 399-400). Costigan conta em *Sketches* variadíssimas histórias que comprovam a afirmação de que em Portugal a lei era letra morta, o crime ficava impune e as sentenças, mesmo quando pronunciadas, raramente eram cumpridas (I, 399).

Deste privilégio de fuga à justiça partilhavam também, muitas vezes, os criados dos nobres. Patrões e empregados conviviavam, aliás, de igual para igual, chegando estes a atingir dentro de casa uma posição de força de que Costigan muito se admirou e que considerou contraproducente (II, 369). Esta forma de tratamento permitia-lhes, no entanto, contar com a conivência dos serviçais sempre que praticavam acções ilícitas e, simultaneamente, encontravam neles os companheiros de que necessitavam para alguns dos seus divertimentos favoritos, como o jogo das cartas e o bilhar (II, 175).

Este conjunto de marcas distintivas que o autor atribui aos homens das classes altas, acrescido de uma tendência mulhenga, o que explica o facto de serem as doenças venéreas as mais comuns em Portugal (I, 216), tem o seu contraponto bem mais positivo na mulher portuguesa da mesma condição social. Esta é apresentada como o melhor e o mais gentil dos seres (I, 179) e detentora de três apreciáveis atributos, por sinal comuns entre o sexo feminino do nosso país, como constatou: a beleza dos olhos, do cabelo e dos dentes (II, 362). Contudo, elas são vítimas da sobreprotecção dos pais, o que impede de serem facilmente cortejadas sem a aprovação daqueles (I, 179), realidade que *Lord Freeman* experimentou na pele ao ter de enfrentar um sem número de obstáculos até conseguir concretizar o seu desejo de casar-se com uma portuguesa nobre, Dona Lucrecia, filha de uma inglesa e de um visconde português. Além disso, são também obrigadas a suportar o ciúme doentio dos maridos, extremamente receosos de se verem atraídoos, pois tal facto constitui a maior das desgraças que pode acontecer ao homem nacional, como Costigan teve ocasião de ouvir dizer (II, 176). Não obstante estas limitações, as mulheres portuguesas exerciam uma apreciável influência em seu redor, comparável ao que se verificava na sociedade francesa, embora de forma menos visível (II, 257), pois a mentalidade retrógrada reinante confinava-as às paredes das suas residências e relegava para o secretismo tudo o que se relacionava com o amor e o sexo (I, 211).

Para além desta caracterização de acordo com os estratos sociais e os sexos, Costigan destaca ainda outras componentes da psicologia dos portugueses que aplica à generalidade da população e que, no todo, dão uma imagem

profundamente negativa do nosso povo, corroborada por muitos outros estrangeiros que não hesitaram, tal como o autor de *Sketches*, em desacreditá-lo aos olhos da Europa. De forma sucinta, podemos reduzir os muitos juízos feitos por Costigan a uma adjectivação inteiramente depreciativa da personalidade portuguesa. Assim, esta é rotulada de supersticiosa, desonesta, mentirosa, traiçoeira, invejosa, vingativa, intriguista, hipócrita, teimosa e ingrata, enfim uma nação de «Knaves, Slanderers, Pimps, Parasites, Catamites, Thieves and Murderers» (I, 266), onde segundo o autor, se perpetraram mais crimes do que em qualquer outra (II, 414-415). E, para reforçar este quadro negro, Costigan vai ao ponto de confidenciar que ele próprio foi vítima de uma tentativa de assassinio durante a sua estada em Lisboa (II, 265-266).

Gente tão mesquinha e desprezível como esta que Costigan descreveu teria forçosamente de constituir um país igualmente pleno de defeitos e, na verdade, é isso que podemos ler em *Sketches*. Ao escrever no início da sua obra que tivera curiosidade de conhecer um país «so little deserving of notice as Portugal» (I, 12), Costigan estava já aí a antecipar a visão profundamente desfavorável que viria a transmitir. A crítica de fundo que faz à sociedade portuguesa assenta nos efeitos nefastos provocados pela aliança entre o Estado e a Igreja e que ele considera serem evidentes em todas as áreas da vida nacional (II, 397). O Governo português, o mais despótico da Europa, como afirma categoricamente (II, 397-398), administra o país em sintonia com as orientações e interesses da Igreja Católica, oprimindo um povo crente e supersticioso que é mantido dessa forma num estado de escravidão, ignorância e pobreza (I, 365), óbvio aos olhos dos estrangeiros (I, 22).

Costigan era um filho da Europa do progresso e, como tal, não podia deixar de se revoltar contra a situação de completo atraso, estagnação e miséria em que Portugal se encontrava mergulhado (I, 128), sentimento que os próprios estrangeirados portugueses partilhavam. Daí as considerações que tece sobre os perigos da centralização do poder nas mãos de um só indivíduo, e as muitas histórias que conta para provar o modo como, neste país peninsular, as liberdades são atropeladas e a injustiça das instituições políticas e religiosas se revela a todo o momento.

Tão desastrosa governação é fruto de uma Corte definida como «foolish and superstitious» (I, 103), cujos membros são pessoas gordas e doentias, excepção apenas feita à família dos Marialva, a mais bonita, mas na qual, mesmo assim, é visível a ascendência judaica (II, 142-143). Tendo prestado serviço em Espanha, o autor pôde, aliás, estabelecer a comparação entre a Corte portuguesa e a espanhola, verificando conter esta no seu seio gente de disposição liberal e esclarecida que ansiosamente espera por uma revolução social que ponha fim à prejudicial influência da Igreja Católica e arranque o país da imobilidade (II, 139). Esta esperançosa perspectiva de alteração da sociedade espanhola, que Costigan não vislumbrou em Portugal, levou-o até a apontar como solução futura para o nosso país a sujeição de novo ao domínio da nação vizinha:

«[...] the most auspicious event for the kingdom of Portugal, (all but the Nobility and Clergy of it) would be to return under the dominion of Spain, when they would meet with a treatment from Spanish Governors and Superiors very different from what they formerly experienced.» (II, 419)

Mas não é apenas a Corte a única a sofrer as acusações de Costigan, embora abundem em *Sketches* críticas à monarquia portuguesa e ao esbanjamento dos dinheiros públicos por parte dos seus monarcas, com especial incidência na actual Rainha, D. Maria I, chamada de imbecil e louca (I, 347) e fortemente censurada por ter restituído à Inquisição o poder que lhe fora retirado pelo Marquês de Pombal (I, 143). Este ministro é, por seu turno, o governante português que mais páginas ocupa no relato de Costigan. Com efeito, este viajante, à semelhança de muitos outros que nos visitaram, revelou sentir em relação a Sebastião José de Carvalho e Melo uma curiosidade que o levou a inteirar-se sobre a sua vida — tendo chegado, inclusivamente, a deslocar-se a Oeiras para conhecer o palácio do Marquês, que descreveu (II, 252-253) — e obra. A este nível elogiou-lhe a actuação por altura do Terramoto (I, 228), apontou as suas tentativas de refrear as importações fomentando a produção nacional (II, 31), fez enfim uma resenha da administração do Marquês de Pombal, pondo em destaque algumas das suas medidas, nomeadamente aquelas que visaram a redução da autoridade e insolência da nobreza e do clero (I, 138-142). Embora este estadista tenha despertado nos compatriotas reacções contraditórias de amor e ódio (II, 115), Costigan reconheceu-o como um homem de fibra, determinado, sem deixar contudo de alertar para o despotismo da sua actuação.

O Marquês de Pombal surge, porém, no contexto de *Sketches* como uma excepção de inteligência e sentido empreendedor (II, 29), que se opõe à generalidade da classe política portuguesa, formada por indivíduos incompetentes, dissimulados, interesseiros e destituídos de princípios morais e éticos (II, 407). Tudo fazendo para a manutenção do *status quo* e preservação dos seus privilégios, os governantes portugueses emperraram o país com uma burocracia excessiva (I, 79) e estabeleceram a prática da adulação — através de prendas, doações, etc. — como forma de conseguir os favores das autoridades civis, militares e religiosas (I, 46). Este eficaz jogo de influências e subornos, embora tacitamente aceite por todos, era levado a cabo de forma velada, tendo Costigan acabado por acreditar que «Silence and secrecy is the only method of doing effectually all sorts of business in this country.» (II, 269).

O arreigado conservadorismo do clero e da nobreza, detentores do poder, aliado à corrupção vigente, era, pois, responsável pelo estado de subdesenvolvimento de Portugal. Apesar do seu glorioso passado histórico e das muitas e ricas colónias conquistadas com as Descobertas, a nossa política não soubera beneficiar o grosso da população com os lucros do comércio, nem desenvolver este ramo da economia de modo a transformá-lo em motor de progresso. Daí que Costigan tenha registado estar o comércio, por aquela altura, nas mãos da Coroa, de algumas companhias monopolistas e de estrangeiros, sendo estes últimos especialmente ingleses. Tal realidade proporcionou-lhe inclusivamente uma oportunidade para criticar a ganância da nação inglesa nas suas relações externas com os outros povos (I, 2-3), exemplificada pelos enormes lucros ganhos com o seu comércio com Portugal (II, 409) e obtidos não raro à custa da exploração dos pobres trabalhadores locais, como teve ocasião de observar em Faro (I, 14). Devemos ter em mente que o autor se apresenta como irlandês, não sendo pois de estranhar esta posição crítica em relação ao poderio da Inglaterra, opressora da Irlanda e, como diz, responsável pela pobreza em que vive o seu povo, no que é, aliás, comparável à miséria do campesinato português (I, 365).

Ainda na área económica, Costigan aborda uma outra questão que se prende intimamente com o não aproveitamento das nossas riquezas ultramarinas. Diz ela respeito ao ouro proveniente das minas da América do Sul, único garante, na opinião do autor, da independência portuguesa (II, 406-407), pois é a moeda com que são pagos todos os produtos importados do estrangeiro (II, 43). Por esta razão, o ouro das colónias não é mais do que um bem ilusório, já que ele apenas passa pelas mãos dos portugueses para ir depositar-se nos cofres das nações com as quais negociam (II, 413). Além disso, a necessidade de comprar tantos produtos de consumo ao estrangeiro implicava uma subida dos preços junto do público, tendo-se Costigan queixado do alto custo de vida em Portugal durante os anos em que aqui esteve, 1778-1779, superior, como diz, ao da França, da Irlanda e mesmo ao de algumas regiões de Inglaterra (I, 306).

O autor de *Sketches* notou também que à ineficácia das estruturas comerciais portuguesas e à ausência de uma indústria produtiva se juntava, infelizmente, um espírito avesso a qualquer inovação, revelador de uma mentalidade retrógrada:

«Arts and industry, and every sort of modern improvement are still unknown among them as a nation, and are only practised by a few foreign adventurers, who avail themselves of the national indolence and ignorance [...]» (II, 413).

Tendo em conta a estagnação em que encontrou o país e a má índole que atribuiu aos portugueses, não admira que tenha apenas levado consigo uma boa opinião sobre o nosso clima e paisagem, lamentando que esta deliciosa região esteja entregue a um povo tão desmazelado:

«What a delightful country might this be made, and would soon become, were it in the hands of the English, French or Irish, instead of the slovens who now possess it!» (I, 170).⁽⁴⁷⁾

Quanto às piores impressões recolhidas, a estada em Portugal veio reforçar o seu antagonismo em relação à Igreja Católica, tendo sido a religião a realidade que mais tratou em *Sketches* e aquela que lhe deixou mais ruins recordações. Pela importância que tem no contexto do relato e por ser ela essencialmente a instigadora do desprezo que Costigan sente pelos portugueses, reservámos para o final da descrição deste livro de viagens as observações nele feitas a propósito desta temática. A situação de desastre em que Portugal se encontra à data da vinda deste forasteiro é definida de forma sumária e irónica:

⁽⁴⁷⁾ A este respeito, Costigan faz lembrar as semelhantes opiniões de Robert Southey e de Lord Byron, publicadas anos mais tarde a propósito de Sintra: «Cintra is too good a place for the Portuguese. It is only fit for us Goths — for Germans or English.»: carta de Robert Southey ao irmão, Thomas Southey, datada de 15 de Junho de 1800 e incluída em «Robert Southey's hitherto unpublished letters from Portugal 1800-1801 supplemented by extracts from his published correspondence» in *Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838. Supplemented by extracts from his correspondence*. Edited by Adolfo Cabral. Oxford, At The Clarendon Press, 1960, p. 99; «Poor, paltry slaves! Yet born' midst noblest scenes — / Why, Nature, waste thy wonders on such men?»: Lord Byron, «Childe Harold's Pilgrimage», Canto I, est. XVIII, in *Poetical Works*. Edited by Frederick Page. A New Edition, corrected by John Jump. Oxford, New York, Toronto, Melbourne, Oxford University Press, 1979 (1st edition 1904), p. 183.

. «O happy country! governed by a Woman, and a set of insolent worthless Churchmen!» (II, 168).

Costigan atribui à Igreja Católica a maior quota de responsabilidade pelo atraso deste país ibérico e acusa abertamente aquela instituição de explorar a fé e a superstição do povo para seu próprio benefício. O exemplo mais acabado de fanatismo religioso é a Rainha, comprovado pelo autor através da inclusão de um episódio recentemente ocorrido a alguma distância de Lisboa: tratou-se do assalto a uma igreja e consequente roubo de algumas hóstias, delito que deixou a Soberana tão consternada que decretou luto na Corte por nove dias, findos os quais se realizou uma longa procissão de desagravo com a participação de D. Maria I e do seu séquito (II, 357-358). Mas outras provas de uma credence exagerada são proporcionadas pela fé cega dos portugueses nos poderes milagrosos dos muitos santos da sua devoção (II, 144-146; II, 148-150), em particular os de Santo António (I, 76-78), e que Costigan classifica de «crude absurdities» (I, 78). Para além dessa autêntica legião de santos, o autor de *Sketches* salienta igualmente a importância dos anjos protectores e dos santos padroeiros no universo mental das gentes lusas (I, 73) e realça a popularidade do culto mariano (I, 392).

A Costigan desagradava profundamente o fausto da Igreja Católica, o grande cerimonial, a proliferação de imagens, bem como o ódio que votava aos hereges e o terror que inculcava respeitante aos tormentos do Purgatório (II, 414). Este último era, aliás, bastante fomentado pelos padres, pois o negócio das missas pelas almas do Purgatório afigurava-se extremamente rentável (II, 394). E eis aqui aflorado um dos aspectos que mais revolta lhe causavam, ou seja, o enriquecimento da Igreja Católica à custa do dinheiro dos crentes, tendo concluído que «without money Rome gives nothing» (I, 299).

Estes interesses financeiros eram, porém, apenas uma das deploráveis facetas que a Igreja em Portugal tinha adquirido. O poder político que detinha e que apenas fora reprimido pelo Marquês de Pombal, para voltar a ganhar força no reinado de D. Maria I, tendo o Tribunal do Santo Ofício então retomado a perseguição a inocentes (I, 93-94), despertava nos seus membros ambições e conduzia-os a actos que nada tinham que ver com a essência das funções religiosas. Simultaneamente, tinha-se verificado entre o clero português uma gradual dissolução de costumes, acompanhada pela negligência das obrigações que deveria desempenhar. Muitos e variados são os exemplos fornecidos por Costigan para ilustrar o comportamento desregrado dos eclesiásticos, que somente se preocupavam com as aparências (II, 68) e praticavam em segredo actos profundamente condenáveis, como incestos — é mencionado o caso do irmão do Marquês de Pombal, o inquisidor Paulo de Carvalho, amante da sua própria filha (II, 230) —, homossexualidade, bastante frequente em Portugal (II, 286), relacionamento com prostitutas (II, 285), para além de ser comum manterem amantes e terem filhos que escondiam sob o parentesco de sobrinhos (I, 174). Costigan, bem como outros viajantes que trataram deste assunto, não deixa contudo de atribuir as culpas desta situação à obrigatoriedade do voto de celibato dos padres, que dá origem a abortos, infanticídios e outros crimes (I, 421).

As freiras também não escapam a estas acusações, sendo do domínio público que violavam a clausura dos conventos deixando entrar neles os seus

amantes, ou simplesmente se compraziam em receber os forasteiros que tinham por hábito, e por uma questão de galanteria, visitá-los (I, 411). Tal era a depravação dos costumes no seio da Igreja Católica quer em Portugal, quer em Espanha, que o povo peninsular inventara um provérbio que Costigan achou adequado: «Se Deus castigar a luxúria, pode ficar no Céu só.» (II, 69).⁽⁴⁸⁾

Eis-nos chegados ao fim do levantamento dos temas tratados no relato de viagens de Costigan e da apreciação geral do respectivo conteúdo. Embora sejam evidentes a má-vontade e o exagero demonstrados pelo autor ao analisar a sociedade portuguesa, não podemos deixar de admitir que muitos dos juízos que formulou encontraram expressão idêntica nas páginas de outras obras dedicadas a Portugal por estrangeiros nos séculos XVIII e XIX, pelo que haverá uma parte de verdade nas críticas de Costigan. Além do mais, temos de reconhecer que variadíssimas delas dizem respeito a mazelas de que ainda hoje, volvidos mais de dois séculos, continua a enfermar a vida nacional.

A desmontagem de *Sketches* permite-nos, por outro lado, avaliar a importância que a literatura de viagens possui no sentido de fornecer elementos para a reconstituição da história social de um povo, ainda quase totalmente por fazer no caso português. Assim sendo, e tendo em conta a escassez de dados fornecidos por compatriotas nossos de séculos passados que não sentiram necessidade de registar por escrito aquilo que, para eles, era simples rotina diária, torna-se evidente o interesse dos livros sobre Portugal escritos por estrangeiros, entre os quais muitos britânicos, pois eles encerram uma heterogeneidade de informações que ajuda por certo a caracterizar o quotidiano da época em que foram escritos. Isto mesmo tem sido reconhecido pelos historiadores e por certos estudiosos que a estes assuntos dedicaram alguma atenção e se aperceberam da riqueza dos relatos de viagens, como foi o caso de Maria Amália Vaz de Carvalho, que afirmou:

«Uma das leituras mais curiosas que pode haver é a de *viagens* feitas por estrangeiros de diversas nações na nossa terra.»⁽⁴⁹⁾

No que diz respeito a *Sketches*, podemos dar alguns exemplos do modo como esta obra já foi aproveitada, retirando-se dela elementos que contribuem para compor a imagem do Portugal de setecentos. Assim, em 1934, no periódico *Arquivo Nacional*, foram publicados excertos do relato de Costigan, sob o título «Bosquejo de costumes portugueses traçado por ingleses».⁽⁵⁰⁾ Rose Macaulay em *They Went to Portugal* (1946) recorre ao mesmo livro para caracterizar um dos estrangeiros que residiram em Portugal, John Whitehead, cônsul britânico na cidade do Porto, e descrito longamente nas páginas de *Sketches* por Costigan ter com ele convivido no ano de 1778.⁽⁵¹⁾ Por seu turno, Suzanne Chantal englobou o depoimento de Costigan no conjunto daqueles de

⁽⁴⁸⁾ Sobre a vida devassa do clero português por altura da estada de Costigan entre nós sugerimos a seguinte leitura: Frei João de Mansilha, *A História Escandalosa dos Conventos da Ordem de S. Domingos em Portugal 1774/1776*. Lisboa, Vega, s/d.

⁽⁴⁹⁾ Maria Amália Vaz de Carvalho, *Em Portugal e no Estrangeiro (Ensaios Críticos)*. Lisboa, Parceria A. M. Pereira — Livraria Editora, 1899, p. 113.

⁽⁵⁰⁾ «Bosquejo de costumes portugueses traçado por ingleses» in *Arquivo Nacional*. Ano III, n.º 115. Lisboa, 23 de Março de 1934, pp. 1002-1004.

⁽⁵¹⁾ Rose Macaulay, *They Went to Portugal*. London, Jonathan Cape, 1946, pp. 399-406.

que se socorreu para escrever *La Vie Quotidienne au Portugal après le tremblement de terre de Lisbonne de 1755*.⁽⁵²⁾ Também H. E. S. Fischer, no seu estudo *The Portugal Trade. A Study of Anglo-Portuguese Commerce 1700-1770* (1971), cita Costigan na bibliografia⁽⁵³⁾. Mais recentemente, em 1985, Rui Aragão atentou em Costigan, entre outros viajantes, por adiantar aquele autor tópicos para a definição da psicologia portuguesa, tratada em *Portugal — O Desafio Nacionalista. Psicologia e Identidade Nacionais*.⁽⁵⁴⁾ E, finalmente, em 1987, Piedade B. Santos, Teresa Rodrigues e Margarida Nogueira deram à estampa *Lisboa Setecentista Vista por Estrangeiros*⁽⁵⁵⁾, trabalho em que se procurou estabelecer um quadro da vida quotidiana em Portugal no século XVIII, exactamente a partir dos relatos de viagens que estrangeiros deixaram.

Fica assim sublinhado o contributo que a obra de Arthur William Costigan, ou James Ferrier, pode dar para a reconstrução do *modus vivendi* português de há dois séculos. No que respeita a literatura de viagens, Portugal é, aliás, um dos países que maior riqueza possui nesse campo, pois desde há muito que atrai a curiosidade dos olhares estrangeiros. Um dos grandes escritores da nossa literatura, Camilo Castelo Branco, deu-se conta deste facto, que anotou de forma peculiar:

«Não sei de nacionalidade alguma que possua um monumento litterario d'esta especie. As grandes nações não teem vagar para se informarem do que a seu respeito escrevem as outras, ou descuram desdenhosas tanto a injuria como a lisonja. Nós, porém, os portuguezes [...] consola-nos saber o que pensam de nós os viajantes que fumam londrés nas janellas do Hotel Central.»⁽⁵⁶⁾

(52) Tradução portuguesa: Suzanne Chantal, *A Vida Quotidiana em Portugal ao Tempo do Terramoto*. Tradução de Álvaro Simões. Lisboa, Edição «Livros do Brasil», s/d.

(53) Tradução portuguesa: H. E. S. Fisher, *De Methuen a Pombal. O Comércio Anglo-Português de 1700 a 1770*. Tradução de Joaquim Duarte Peixoto. Lisboa, Gradiva, 1984.

(54) Rui Aragão, *Portugal — O Desafio Nacionalista. Psicologia e Identidade Nacionais*. Lisboa, Editorial Teorema, Coleção Terra Nostra, 1985.

(55) Piedade B. Santos, Teresa Rodrigues e Margarida Nogueira, *Lisboa Setecentista Vista por Estrangeiros*. Lisboa, Livros Horizonte, 1987.

(56) Camilo Castelo Branco, *Narcóticos*. Vol. II. Notas Bibliographicas, Historicas, Criticas e Humoristicas. Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1920, p. 16.

HASSAN, O TALBA — O MOURO DE PORTUGAL
DE ANNA ELIZA BRAY

Luísa Alves

Em 1830, é publicado em Londres o romance *The Talba; or the Moor of Portugal*, da autoria de Mrs Anna Eliza Kempe Bray. Trata-se de uma produção da maturidade da escritora (nascida em 1790), embora a sua actividade literária só tenha começado após o segundo casamento, em 1823. Dois anos antes ficara viúva do estudioso de arte Charles Alfred Stothard e ocupara-se, entretanto, em completar e editar os trabalhos que ele deixara inacabados ⁽¹⁾.

O seu segundo marido, o reverendo Edward Bray, possuía uma notável biblioteca que Anna Eliza terá aproveitado da melhor maneira nos vários romances de carácter histórico-lendário a que se dedicou. Seguindo a linha de força da novelística da época, quase todas estas obras são influenciadas por Walter Scott, conjugando a vertente histórico-lendária com o nacionalismo. A região oeste de Inglaterra, que compreende o Devonshire e a Cornualha, foi a escolhida para uma especialização onde encontramos recolhas de lendas e tradições ⁽²⁾, estudos de história natural e costumes ⁽³⁾ e criação de ficção histórica ⁽⁴⁾. Das poucas obras que saem deste âmbito, restam uma biografia de Händel ⁽⁵⁾, um livro de viagens acerca da Suíça ⁽⁶⁾, um romance histórico de inspiração francesa ⁽⁷⁾ e outro de temática portuguesa — *The Talba* ⁽⁸⁾.

Ao inverso de muitos autores que escreveram sobre Portugal na época

⁽¹⁾ Entre outros, *Memoirs, including original journals, letters, papers, and antiquarian tracts of the late C.A. Stothard*, London, Longman, 1823.

⁽²⁾ *A Peep at the Pixies, or Legends of the West*, London, 1854.

⁽³⁾ *A Description of the part of the Devonshire bordering on the Tamar and the Tavy; its natural history, etc.*, London, 1863, 3 vols.

⁽⁴⁾ *De Foix; or sketches of the manners and authors of the 14th century. An historical romance*, London, 1826, 3 vols.

⁽⁵⁾ *Händel: his life, personal and professional. With thoughts on sacred music*, London, 1857.

⁽⁶⁾ *The Mountains and Lakes of Switzerland; with descriptive sketches of other parts of the Continent*, London, 1841, 3 vols.

⁽⁷⁾ *The White Hoods*, London, 1828, 3 vols.

⁽⁸⁾ *The Talba; or the Moor of Portugal*, London, Longman, 1830, 3 vols.

romântica, *Mrs Bray* nunca visitou o nosso país; no entanto, o tema da coroação de Inês de Castro, que admirara num quadro de St. Èvre, tornou-se-lhe de tal forma obsessivo que não pôde deixar de escrever também sobre ele:

«The picture produced such an effect on my mind that I could not shake it off; it occupied all my thoughts»⁽⁹⁾.

O tratamento literário da história de Inês de Castro ⁽¹⁰⁾ não constituía novidade alguma em Inglaterra nesta época, e certamente o trabalho ter-se-ia revelado pouco inovador se a autora não lhe acrescentasse uma outra temática histórico-lendária tipicamente peninsular — a mourisca. Na concepção deste romance de tema estrangeiro, ela vai aliar a já mencionada influência de Scott (historicidade) a outras duas marcas do gosto romântico (o gótico e o exótico). Por um lado, as personagens são históricas à maneira de Scott, como aponta George Lukács, «in their psychology and destiny always represent social trends and historical forces» ⁽¹¹⁾, derivando a sua individualização «from the historical peculiarity of the age» ⁽¹²⁾ — é este o século XIV português: o palco das lutas palacianas entre os Castros e a nobreza lusitana, das revoltas dos mouros vencidos e dos desentendimentos na família real. Por outro lado, a acção decorre num país meridional, «using a vague background of court culture and Catholicism» ⁽¹³⁾, o que por si só é característico da ficção gótica. Por último, a temática mourisca dá-lhe um cunho de exotismo, «using the exotic as a grand figure of the 'not British' » ⁽¹⁴⁾, na medida em que se refere a uma cultura tida como oriental — a islâmica.

Portugal, por imperativo ligado à historicidade, teria de ser o cenário escolhido — foi aqui que Inês e Pedro viveram. O Catolicismo português (retratado de forma tão minuciosa e contundente pelos viajantes ingleses) e a trama obscura que levou à morte de Inês criam um ambiente gótico de temor, superstição e tragédia eminentemente nacional. Só o âmbito mais inovador da obra — o mourisco — não é, à primeira observação, de cariz português em exclusivo, nem será Portugal o local que melhor o caracteriza, mas sim Espanha. Tentaremos demonstrar seguidamente de que modo a autora teve consciência deste facto, e até que ponto a componente mourisca de *The Talba* é ou não representativa do nosso país.

Logo que decidiu escrever este romance, *Mrs Bray* procurou informar-se sobre a história de Inês e a época em que ela decorreu. Para tal consultou o volume respeitante a Portugal de *A general History of the World* de William Guthrie ⁽¹⁵⁾, o que não a impediu, mesmo assim, de cometer erros, como salienta o crítico da revista *The Athenaeum*:

⁽⁹⁾ BRAY, A. E., *Autobiography*, London, Chapman & Hall, 1884, p. 212.

⁽¹⁰⁾ Veja-se a este respeito o estudo de Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro. Um tema português na Europa*, Lisboa, Edições 70, 1987.

⁽¹¹⁾ LUKÁCS, George, *The Historical Novel*, 1.ª ed., 1962, London, Pelican Books, 1981, p. 33.

⁽¹²⁾ *Ibidem*, p. 15.

⁽¹³⁾ KELLY, Gary, *English Fiction of the Romantic Period. 1789-1830*, London, Longman, 1989, p. 213.

⁽¹⁴⁾ *Ibidem*, p. 219.

⁽¹⁵⁾ GUTHRIE, William (dir.), *A General History of the World, from the Creation to the present times*, London, 1764-1767, 13 vols.

«She is not, indeed, very accurate in her historical facts [...] there are offences against chronology where there was no justifiable occasion» (16).

Poderíamos elaborar uma enorme lista de incorrecções históricas, mas, tomando em consideração a liberdade literária que o próprio Scott admitia (são os factos irrefutáveis que têm que ser respeitados, bem como o ambiente da época em que se inserem), debruçar-nos-emos em primeiro lugar sobre as que foram necessárias ao desenvolvimento da intriga, e em seguida sobre as que lhe são absolutamente dispensáveis.

Os motivos que levam à morte de Inês têm apenas uma componente verdadeira, bem assinalada por Félix Walter:

«Mrs Bray s'est aperçu qu'il y avait au fond de la tragédie une question de jalousie entre Espagnols et Portugais» (17).

É essa a razão de «Alvaro Gonzalez», a inveja:

«Manuel de Castro [...] is now appointed Governor of Algarva [...]. I solicited the post; it was denied me» (18).

Quanto a «Diego Lopez Pacheco», a autora cria um noivado entre ele e Inês, que esta quebrou por causa de D. Pedro; trata-se, pois, de ciúme ou despeito, o que o move contra Inês:

«In my youth [...] by the sanction of her father, and of her own consent, I was affianced to a lady, [...] I am here to assert my claim once more upon the lady» (19).

Por fim, «Arias Coello» é apresentado como um cobrador de impostos, obviamente odiado pelos mouros, mas nem por isso estimado pelo Rei; é para derrubá-lo que ele age, surgindo o assassinio de Inês como um dos passos requeridos para atingir esse fim:

«the king has laid a violent hand on what is my own; he has, too, put scorn upon me in many bitter words» (20).

Em relação a «D. Alonso», é o suposto rapto do Infante «Ferdinand» e a sua entrega aos mouros por Inês que o leva a proferir a sentença de morte, para fazer justiça:

«It was the hope that Ferdinand would no longer be the stumbling block to thy ambition which prompted thee to deliver up the boy to my worst foes» (21).

São estas razões historicamente erradas que a autora utiliza para fazer a

(16) ANÓNIMO, «The Talba — Review», in *The Athenaeum*, London, 18 December 1830, p. 787.

(17) WALTER, Félix, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'époque romantique*, Paris, Honoré Champion, 1927, p. 95.

(18) *The Talba*, edição de 1884, p. 44.

(19) *Ibidem*, p. 107.

(20) *Ibidem*, p. 136.

(21) *Ibidem*, p. 254.

acção progredir de modo a apanhar Inês numa intriga pessoal e política de que não poderia escapar.

Resta-nos o motivo da rebelião mourisca. O Rei é acusado de ter criado uma legislação que os escraviza, tanto a nível de impostos como de direitos e deveres sociais. Sabemos que as leis aplicadas aos mouros não tiveram grandes alterações durante a primeira dinastia⁽²²⁾; houve, naturalmente, preocupação em organizá-las e especificá-las, sobretudo no reinado de D. Dinis, segundo indicação de José Mattoso:

«A sua condição conhece-se nas grandes linhas, graças aos forais [...] [de] Afonso Henriques [...] e Afonso III [...] e sobretudo à minuciosa descrição dos tributos que deviam pagar, num documento sem data, mas da época de D. Dinis ou pouco mais tardio»⁽²³⁾.

No início, os impostos pagos pelos mouros, assim como os seus direitos e deveres sociais, não divergiam muito nos reinos cristãos daqueles a que os cristãos estavam sujeitos sob o domínio muçulmano. Havia mesmo uma grande semelhança de tratamento entre os 'moçárabes' (cristãos islamizados) e os 'muladis' (muçulmanos cristianizados). Em Portugal possuíam estruturas sociais próprias (tribunais, alcaldes, liberdade religiosa), e só a partir do reinado de D. Pedro I ficaram definitivamente obrigados a viver em mourarias, numa tentativa, aliás frustrada, de evitar a miscigenação. Tudo indica que D. Afonso IV não tenha sido tão cruel com os mouros quanto a autora defende, embora a intolerância se tenha agravado em toda a Península do final do século XII em diante, o que «correspondia também ao agravamento da intolerância almóada»⁽²⁴⁾, mas assumindo-se, mais uma vez, como política de represália e não como vontade própria. Acima de tudo, D. Afonso IV foi o vencedor do Salado, a verdadeira batalha em que portugueses e castelhanos se aliaram contra os mouros, e é nessa perspectiva que surge no romance quase como um estereótipo do monarca cristão intolerante.

Conquanto sejam historicamente incorrectas, estas causas para a revolta dos mouros contra o Rei (acontecimento que também não sucedeu) baseiam-se numa realidade só existente na Península Ibérica — a sobrevivência de uma minoria vencida que outrora fora vencedora, o que em termos românticos se pode comparar um pouco a outras figuras marginais como os ladrões, os piratas e os vagabundos. Assim, esta sublevação em *The Talba* pode ter tido mais influência da história espanhola do que da portuguesa, visto que se nos afigura como bastante provável o conhecimento da parte de Mrs Bray da obra de Pérez de Hita *Guerras civiles de Granada*, onde, no segundo volume, se dá conta dos levantamentos e insurreições dos mouros de Granada após a conquista cristã, a que só a campanha de D. João da Áustria em 1568 conseguiu pôr termo⁽²⁵⁾. Por tudo isto, a intolerância assumiu em Espanha foros de vingança nacional, o que nunca ocorreu em Portugal; no entanto, e devido à época em que a acção se desenrola, a autora poderá ter tido que estabelecer uma

⁽²²⁾ Cf. *Crónicas dos Sete Primeiros Reis de Portugal*, edição crítica de Carlos da Silva Tarouca, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1951-1953, 3 vols.

⁽²³⁾ MATTOSO, José, *Identificação de um país. Ensaio sobre as origens de Portugal*. 1096-1325, Lisboa, Estampa, s.d., 2 vols.; vol. 1, p. 377.

⁽²⁴⁾ *Ibidem*, p. 330.

⁽²⁵⁾ HITA, Ginés Pérez de, *Segunda Parte de las Guerras Civiles de Granada, y de los crueles Vandos*,

transposição dos caracteres dos reis de Castela Fernando e Isabel para «Alonso, the Brave», do rei Abou Abdulá (Boabdil) de Granada para «Alcanzor» do Algarve, e da rebelião dos mouros granadinos para a dos que habitavam Portugal, por não ter ocorrido anteriormente nenhum acontecimento de importância semelhante à da queda de Granada. É nossa opinião que Anna Eliza Bray procurou conjugar todos estes elementos na criação de um ambiente de coexistência entre mouros e cristãos pleno de traições, intrigas, injustiças, guerras e vinganças, onde sobressai «a very picturesque personage of hers»⁽²⁶⁾, a força e o mistério do seu herói mouro — Hassan, o Talba.

Quanto às paisagens e habitações descritas no romance, a autora (que, como mencionámos anteriormente, nunca esteve em Portugal), tal como muitos outros escritores, foi buscar informações às obras dos viajantes, sobretudo à de Robert Southey⁽²⁷⁾, no respeitante aos pormenores relativos a Sintra, onde decorre a primeira parte da acção. Foi, aliás, por causa de *The Talba* que ela se começou a corresponder com o poeta, e é ele próprio que lhe garante:

«I have myself painted too much from other books to censure you for doing the same»⁽²⁸⁾.

Outros aspectos, que por certo terão sido recolhidos em livros de viagens, dizem respeito às descrições de costumes, como a tourada (provavelmente retirada do trabalho de James Murphy⁽²⁹⁾), ou às críticas ao Catolicismo, ponto demasiado comum em todos os relatos sobre o nosso país para que possamos identificar uma fonte principal.

É interessante notar a comunhão de pontos de vista anti-católicos existente entre os mouros, em *The Talba*, e os ingleses, de modo geral:

«for in nothing did the Christians more cruelly oppress the Moors, than by making free with their purses on any pretext of enforcing charity for the good of the Church»⁽³⁰⁾.

Desta forma, Mrs Bray terá dotado o seu romance dos ingredientes necessários a uma rápida identificação com a imagem que os seus compatriotas possuíam de Portugal (quer com referências a locais típicos — Sintra e o seu Castelo dos Mouros, quer com projecções de traços tidos como idiossincráticos dos portugueses nas personagens que criou — o ciúme, a subserviência e o fanatismo como defeitos, e a coragem, a honradez e o amor como qualidades), o que, ao aliar ainda a famosa temática inesiana a uma «raça que as correntes do seu tempo a fizeram admirar»⁽³¹⁾, muito deve ter contribuído para o sucesso da obra.

entre los convertidos Moros, y vezinos Christianos; con el levantamiento de todo el Reyno y ultima rebellion, sucedida en el año de 1568. Y assi mismo se pone su total ruina, y destierro de los moros por toda Castilla. Con el fin de las Granadinas Guerras por El Rey nuestro Señor Don Filipe Segundo deste nombre. Por Gines Perez vezino de Murcia. Dirigido a Alonso del Pozo Palomino, Canino de la S. Iglesia de Cuenca. Con Privilegio. En Cuenca, por Domingo de la Iglesia, año de 1619.

(26) ANÓNIMO, «*The Talba* — Review», in *The Litterary Gazette and Journal of the Belles-Lettres*, n.º 726, 18 December 1830, p. 815.

(27) SOUTHEY, Robert, *Letters written during a short residence in Spain and Portugal*, Bristol, Bulgin & Rosser, 1797, pp. 509-511.

(28) BRAY, *Autobiography*, p. 216.

(29) MURPHY, James Cavanah, *A General View of the State of Portugal*, London, T. Cadell & W. Davies, 1798, pp. 145-146.

(30) *The Talba*, p. 18.

(31) SOUSA, Maria Leonor Machado de, *opus cit.*, p. 366.

Se tudo o que temos vindo a referir age em favor da estrutura da obra, incorrecções há, no entanto, que resultam negativamente.

A nível dos nomes das personagens, a autora segue a maioria dos outros escritores estrangeiros que, por incapacidade de distinguir entre a língua castelhana e a portuguesa, os apresentam com marcas da primeira: D. Afonso IV é «Alonso» e Diogo Lopes Pacheco é «Diego Lopez», e mesmo as designações 'Dom' e 'Dona' aparecem como «Don» e «Donna». Além destes erros de carácter linguístico, tão vulgares nas obras estrangeiras sobre Portugal, outros existem que denotam uma quase total falta de informação histórica: são os casos dos nomes do pai de Inês (Pedro de Castro), que surge como «Manuel de Castro», e de Pedro Coelho, como «Arias Coello»; e também de factos, como o de o pai de Inês ter sido Governador do Algarve, quando, na verdade, foram os irmãos Álvaro e Fernando que tiveram importância política, ou de Inês ter tido apenas dois filhos («Juan» e «Denis»), omitindo-se a filha Beatriz, ou de «Alcanzor» ser o nome de «the last of the Moorish Kings»⁽³²⁾ em Portugal, quando se tratou de Aben Afan, imortalizado no poema de Almeida Garret *D. Branca, ou a conquista dos Algarves*.

No entanto, parece-nos que a principal fantasia de toda a obra diz respeito a uma Ordem Militar — «St. Michael of the Wing» — cuja origem é narrada desta forma no capítulo VI⁽³³⁾:

«Joseph, Count of Amiranti [...] filled the post of master of the religious and military Order of the Wing. It was first instituted in Portugal by Alphonso during the twelfth century, in commemoration of his victory over the Moors at Santarem: because, in that decisive battle, he saw a winged arm fighting near him, which he took to be the arm of the good St. Michael doing battle in his cause».

Há uma grande polémica quanto à existência desta Ordem Militar de S. Miguel da Ala. Provavelmente trata-se de uma invenção dos historiadores alcobacenses seiscentistas, que chegou a Inglaterra, e à autora, através da divulgação dos seus escritos⁽³⁴⁾. Mesmo assim, afigura-se-nos evidente a deturpação de algumas realidades históricas. *Mrs Bray* transpôs o papel desempenhado por Mem Ramires na conquista de Santarém para a traição que leva à perda de «Alcanzor»:

«A Christian traveller, for such he seemed to be, begged, at our castle gates the rites of hospitality: he was admitted [...] yet, at the dead hour of sleep [...] threw abroad our castle gates [...]. Our people were slain. [...] On that spot, [...] after this fatal night was nothing left but a blackned ruin»⁽³⁵⁾.

A escolha da referida Ordem Militar como representante da cavalaria portuguesa, deveu-se certamente ao facto de aparecer como a única totalmente

⁽³²⁾ *The Talba*, p. 9.

⁽³³⁾ *Ibidem*, p. 50.

⁽³⁴⁾ Ver a este respeito as obras de Frei Bernardo de Brito, sobretudo *A Crónica de Cister*. Aproveitando o fundo hagiográfico desta Ordem, note-se a formação da Sociedade Secreta de S. Miguel da Ala pelo Partido Miguelista em 1848. Tinha por objectivo uma forte oposição à Maçonaria e durou até 1858.

⁽³⁵⁾ *Ibidem*, pp. 8-9.

nacional, e ser este, quanto a nós, o maior empenho da autora. No respeitante às Ordens Militares que existiam nessa época e se tornaram famosas na Reconquista, convém salientar que nenhuma delas tem origem portuguesa: a dos Hospitalários, cujo Mestre Álvaro Pereira auxiliou D. Afonso IV na batalha do Salado, estava dependente do Grão-Comendador de Castela; a de Santiago, cujo Mestre Paio Correia foi o grande responsável pela conquista definitiva do Algarve, no reinado de D. Afonso III, tinha autonomia em relação a Castela (todavia posta em causa com frequência) apenas desde 1290, o que antes levava à guerra fronteiriça de 1250-1267, quando Afonso X de Castela reivindicou a posse do Algarve por ser a referida Ordem originariamente castelhana e nela combaterem cavaleiros de ambas as nações, não obstante ser o Mestre de então português; por fim a de Calatrava, também castelhana de origem e que em Portugal conduziu à criação da de Avis, que se lhe manteve subordinada até ao reinado de D. João I, adquire uma importância especial em Espanha devido à sua responsabilidade na tomada de Granada, já no século XV. Pelo que nos é dado ver, para a delineação da personagem «José, conde de Amarante», Mestre da suposta «Ordem do Braço Alado», é bem provável que a autora se tenha inspirado no Mestre de Calatrava ao serviço dos Reis Católicos. Esta afirmação reporta-nos a outra das prováveis fontes de *The Talba*, ainda de carácter histórico mas já não nacional — trata-se da obra de Pérez de Hita mencionada anteriormente⁽³⁶⁾, cujo enorme sucesso em França no século XVII fez nascer o ‘romance granadino’ ou ‘hispano-mourisco’. É a própria Anna Eliza que explica na sua autobiografia:

«I could not find one [book] that gave me an account of the domestic customs of the Moors under the Caliphs of the West»⁽³⁷⁾,

tendo sido um amigo, que sabia castelhano e tinha vivido em Espanha, quem lho emprestou:

«and in it I found from authentic Arabian sources all I need»⁽³⁷⁾.

A primeira parte da obra de Pérez de Hita havia sido traduzida para inglês em 1801⁽³⁸⁾, e já no título original fora apresentada como tradução de um livro árabe⁽³⁹⁾. Contudo, é bastante vulgar na literatura cavalheiresca a referência a originais como se de traduções de escritos antigos se tratassem, o que era considerado prova de autenticidade histórica. No presente caso, apenas a parte inicial do livro provém do cronista Aben Hatim, ou melhor Abem Aljatib, historiador granadino que se correspondeu com Pedro I de Castela até 1368.

⁽³⁶⁾ *Guerras Civiles de Granada*, reedição em 1913, Madrid, E. Bailly-Baillièrre, 2 vols.

⁽³⁷⁾ BRAY, *Autobiography*, p. 216.

⁽³⁸⁾ *Las Guerras Civiles; or the civil wars of Granada, and the history of the factions of the Zegries and Abencerrages to the final conquest of Granada by Ferdinand and Isabella*, translated from the Arabic of Aben Hamin by Gines Perez de Hita, and from the Spanish by Thomas Rodd, London, J. Bonsor, 1801.

⁽³⁹⁾ *Historia de los Vandos, de los Zegries y Abencerrages, Cavalleros Moros de Granada, de las civiles guerras que hubo en ella, y batallas particulares que hubo en la Vega entre Moros y Christianos, hasta que el Rey Don Fernando Quinto la ganó. Ahora nuevamente sacado de un libro Aravigo, cuyo autor de vista fue un Moro llamado Aben Hamin, natural de Granada. Tratando desde su fundacion*. Traduzido en castellano por Gines Perez de Hita, vecino de la ciudad de Murcia. En Çaragoça. Impresso em casa de Miguel Ximeno Sanchez, MDLXXXV.

A sua história de Granada, intitulada *Jhata*, foi copiada e continuada por cronistas árabes até 1489.

Na restante obra, uma mistura de narrativas, poemas, descrições do quotidiano e recolha de tradições, o autor combinou a sua experiência pessoal (combateu o levantamento dos mouros em 1568 e conviveu bastante com famílias mouriscas) com outros dois trabalhos castelhanos⁽⁴⁰⁾, do que resulta uma visão histórica bastante completa do reino de Granada.

Em relação a *The Talba*, não é difícil descortinar semelhanças entre a obra de Hita e, por exemplo, as descrições do vestuário das personagens mouriscas (a rainha «Aza Anzurez»⁽⁴¹⁾ ou o próprio Talba⁽⁴²⁾), algumas cerimónias, como a do culto dos mortos (a homenagem de «Aza» na sepultura de «Alcanzor»⁽⁴³⁾), ou o ambiente cortês das touradas, que substitui no romance os «Juegos de Sortija» de Granada⁽⁴⁴⁾. Por causa destas influências, *The Talba* poderá ser considerado um romance 'hispano-mourisco'; porém, a sua localização em Portugal e o tema de Inês de Castro dão-lhe uma especificidade nacional que nos permite atribuir-lhe a designação 'lusó-mourisco' como a mais adequada.

Não podendo encontrar em *Guerras Civiles de Granada* todas as indicações de que necessitava acerca da cultura muçulmana na Península Ibérica, a autora estudou também aquela que ainda hoje é tida pelos especialistas como «o primeiro intento sério de examinar imparcialmente a doutrina islâmica»⁽⁴⁵⁾ — referimo-nos à primeira tradução inglesa do *Alcorão*, executada, prefaciada e anotada por George Sale em 1734⁽⁴⁶⁾. O romance apresenta bastantes indicações de âmbito religioso, e é com satisfação que notamos que *Mrs Bray* foi uma estudiosa atenta da obra sagrada do Islão, conseguindo evitar as deturpações habituais nos escritores não-especialistas na matéria e mantendo a singularidade religiosa no comportamento e fala das personagens muçulmanas.

Quanto aos traços fisionómicos do Talba, eles ter-lhe-ão sido inspirados por um diplomata turco, «an illustrious representative of the Ottoman Empire»⁽⁴⁷⁾, Sidky Effendi, que teve a oportunidade de conhecer em Londres.

Tendo em conta estas fontes, somos levados a pensar que a imagem dos mouros de Portugal em *The Talba* nada possuiria de diferente em relação aos seus irmãos de Espanha, em particular, ou islâmicos, em geral — a confluência de raízes granadinas, arábes e turcas representa efectivamente a imagem que o muçulmano deixou na Europa — primeiro o Império Árabe, em seguida a civilização do Al Andaluz, por último o Império Otomano. O Romantismo inglês aproveitou e divulgou essa imagem de orientalismo difuso, fosse em

⁽⁴⁰⁾ PULGAR, Hernando del, *Cronica de los Reyes Catolicos*, Valladolid, 1565, e *Romancero de Pedro de Moncayo*, Madrid, 1589.

⁽⁴¹⁾ *The Talba*, pp. 3-4.

⁽⁴²⁾ *Ibidem*, pp. 12-14.

⁽⁴³⁾ *Ibidem*, pp. 4-6.

⁽⁴⁴⁾ *Ibidem*, pp. 81-91.

⁽⁴⁵⁾ MAMEDE, Suleiman Valy, «Prefácio», in *Alcorão*, Lisboa, Europa-América, 1978, 2 vols; vol. 1, p. 13.

⁽⁴⁶⁾ SALE, George (pseud. Abdulla Mahumed Omar), *The Koran*, translated into English, with explanatory notes. To which is prefixed a preliminary discourse, London, s.e., 1734.

⁽⁴⁷⁾ BRAY, *Autobiography*, p. 216.

poemas sobre a queda de Granada ⁽⁴⁸⁾, em canções acerca do famoso Cid, «el Campeador» ⁽⁴⁹⁾, ou em contos árabes ⁽⁵⁰⁾; o que interessava ao espírito romântico era a DIFERENÇA de uma cultura não-cristã, DISTANTE geograficamente no presente, mas que se encontrava muito próxima no PASSADO MEDIEVAL. O Islão assume-se como a OUTRA CIVILIZAÇÃO aos olhos dos ocidentais, facto bem patente nas lutas travadas ao longo dos séculos, o que não pôde deixar de aguçar a curiosidade dos românticos.

No respeitante aos conhecimentos que a Inglaterra tinha sobre os mouros de Portugal, os contactos começaram bem cedo com os cruzados ingleses que auxiliaram D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa, existindo até um relato da ocorrência escrito por um deles, mas que só em 1856, e na versão original em latim, conheceu publicação ⁽⁵¹⁾. A primeira tradução portuguesa data de 1935 e a inglesa do ano seguinte, sendo portanto do total desconhecimento dos autores românticos ⁽⁵²⁾.

A tragédia de D. Sebastião, por causa de Alcácer-Quibir, fará ressurgir em Inglaterra a divulgação sobre as relações entre mouros e portugueses, neste caso já não na Reconquista mas em Marrocos; contudo, só na época romântica é que os viajantes se vão ocupar em transmitir breves referências ao passado mourisco português, acontecendo também a partir de então o início da recolha e divulgação de lendas, entre as quais surgem as de mouras encantadas.

The Talba será, em consequência, um caso ímpar de romance lusomourisco na literatura inglesa; mesmo o granadino foi um fenómeno francês por excelência, não tendo tido numerosos seguidores em Inglaterra.

Na literatura portuguesa, a temática mourisca foi bastante divulgada pelos dois maiores nomes do nosso Romantismo: Garrett, com o já mencionado poema *D. Branca*, e Herculano em *Lendas e Narrativas*, nomeadamente com *O Alcaide de Santarém* ou *A Morte do Lidador*, esta de veras cristã, onde os mouros servem apenas de pano de fundo, como quase todas as inspiradas nos livros de linhagens. As lendas de mouras encantadas, que por si só constituem um filão na literatura tradicional, de que etnógrafos como Leite Vasconcellos ou Teófilo Braga se ocuparam posteriormente, falam sobretudo de aspectos amorosos, que têm mais a ver com temas como o da mulher fatal ou do amor impossível, passando a problemática da coexistência entre mouros e cristãos para o nível do ambiente ou cenário. Todavia, no que se refere a obras em que as personagens tenham capacidade activa de intervenção na acção ou em que se afirmem como protagonistas ou heróis com forte delineação psicológica, também em termos portugueses falham os congéneres de *The Talba*.

⁽⁴⁸⁾ BYRON, George, «A very mournful ballad on the siege and conquest of Alhambra».

⁽⁴⁹⁾ HEMANS, Felicia, «Songs of the Cid».

⁽⁵⁰⁾ BECKFORD, William, «Vathek, an Arabian tale».

⁽⁵¹⁾ «Concesignati anglici Epistola de Expugnacione Olisiponis», in *Portugaliae Monumenta Historica*, Scriptorum, 1856, vol. 1, pp. 392-405.

⁽⁵²⁾ As primeiras traduções apresentavam o autor como sendo «Osborne», mas essa hipótese tem vindo a ser contestada, pensando-se actualmente que esse nome corresponde ao destinatário. A este respeito veja-se a última edição portuguesa: *Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Carta de um Cruzado Inglês*. Apresentação e notas de José Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1989. O tema deu origem a um romance de Agustina Bessa Luís (*Crónica do Cruzado Osborne*, 1976), e a polémica quanto ao nome do autor a outro de José Saramago (*História do Cerco de Lisboa*, 1989).

Anna Eliza Bray eleva a herói do seu romance uma figura islâmica reverenciada na sociedade:

«The office or profession of a Talba consisted in a knowledge of medicine, and in the study of astronomy, added to which were the power of expounding strange dreams, and predicting events; and above all, in a deep acquaintance with the arts of astrology and magic; the latter study being ever accompanied with a knowledge of poisons, charms and spells of every description» (53).

Na sua faceta de magia e ocultismo, a personagem «Hassan» não se afasta muito dos poderes que são tradicionalmente atribuídos aos mouros nas lendas, vistos pelos cristãos como demoníacos, por serem incompreensíveis para eles essas misteriosas características orientais:

«Un cliché séculaire se mobilise encore pour charger l'infidèle d'une magie funeste» (54).

A autora aproveitou esta imagem estereotipada nos momentos de maior *suspense* gótico, quando a presença enigmática do Talba é suficiente para intimidar os cristãos. No entanto, são a inteligência, a argúcia e a sabedoria de «Hassan» que o colocam como grande manipulador da acção — a vingança em relação a D. Afonso e a D. Pedro, enquanto representante de uma minoria escravizada; a restauração da dignidade perdida a «Hamet» e a «Aza», enquanto servidor da família real de «Alcanzor»; a protecção de Inês, enquanto cumpridor da Lei de Talião (patente no *Alcorão*), pois esta antes salvara a vida do seu príncipe; e, por último, como conselheiro de pai e filho desavindos no final, enquanto triunfador cheio de magnanimidade. A escolha de um sábio para herói pode representar o contraste existente entre o progresso do Andaluz na sua idade de ouro e o obscurantismo do resto da Europa na mesma época, um dos factores a que a autora parece querer prestar homenagem na figura do Talba.

As restantes personagens muçulmanas representam apenas os vários estratos sociais dos mouros — «Hamet», príncipe sem trono, que vive na obsessão de vingar a morte do pai, é intrépido, corajoso, mas imaturo; «Aza Anzurez» (55), sua mãe, é o protótipo da nobreza e dignidade de uma rainha viúva, obrigada a viver da pastorícia, como a maioria dos mouros; «Cassim», servidor de ambos, é ao mesmo tempo pastor e guerreiro; e «Ximena» (56), criada e companheira fiel de Inês, para além de ama dos seus filhos, é a única 'muladi' da obra. Se existem pontos comuns notórios a uni-las, serão certamente a melancolia (provocada pelo desespero em que vivem) e a fidelidade (aos

(53) *The Talba*, p. 12.

(54) SÉNAC, Philippe, *L'Image de l'autre — Histoire de l'occident médiéval face à l'Islam*, Paris, Flammarion, 1983, p. 161.

(55) Curiosamente, a mulher do governador «moçárabe» de Lamego (Echa Martim) no tempo do conde D. Henrique chamava-se Axa Ansures. Apenas uma coincidência, ou iriam até aí os conhecimentos de história de Mrs Bray?

(56) Um romance surgido recentemente coloca a hipótese de a mãe de D. João I ser uma serva moura de Inês de Castro, também ela «muladi». O Mestre de Avis surge, por isso, como o verdadeiro representante da «portugalidade», entendida enquanto miscigenação entre o Norte (D. Pedro) e o Sul (a moura Fátima). Vide FRANCO, António Cândido, *Memória de Inês de Castro*, Lisboa, Europa-América, 1990.

senhores que servem); é esta, note-se, a característica mais oposta às personagens cristãs, cada uma delas infiel à sua maneira: Afonso IV vacilante nos seus princípios, Pedro mentindo ao pai, e os três assassinos traindo o seu Rei. A grande excepção é a própria Inês, que por fidelidade ao amado sofre grandes perseguições e precipita a sua morte, embora a autora deixe dúvidas quanto à defesa que junto de Pedro faria dos interesse castelhanos. Saliente-se que esta visão dos acontecimentos é contrária à posição geralmente assumida face aos mouros, por não estarmos aqui perante uma narrativa acerca da heroicidade cristã contra o 'infiel' muçulmano, mas sim diante de uma lamentável tragédia provocada pelos desentendimentos entre cristãos.

José Garcia Domingues defende em *História Luso-Árabe* que, a partir do século X, e principalmente durante o período dos 'Taifas' (pequenos reinos muçulmanos autónomos), a região do Garbe (que compreendia o Algarve, o Alentejo, a Estremadura, o Ribatejo e parte das Beiras) se começou a distinguir do Andaluz devido a «um sentido místico-panteísta próximo das ideias cristãs» (57). Os escritores ilustres do Al Garbe foram «poetas, oradores, historiadores, taumaturgos, jurisconsultos, gramáticos, comentaristas e filósofos» (58), ao inverso dos seus irmãos andaluzes, mais ligados às ciências objectivas e naturais. Segundo esta teoria, o espírito luso-árabe possui, assim, muitas das características da futura mentalidade portuguesa, e o seu ponto culminante terá surgido com a revolta comandada pelo sufista Ibn Caci de Silves (1142-1151) contra o despotismo religioso da dinastia almorávida. Tal como Ibn Caci ao aliar-se a D. Afonso Henriques, também «Hassan» junta as suas tropas às de «Afonso Sanchez» (irmão bastardo do Rei, desprezado e humilhado por ele, e que procura vingança), conquanto, mais uma vez, haja um erro cronológico no respeitante à invasão do país por Afonso Sanches, que ocorrera bastantes anos antes do período dos Castro. Embora provavelmente desconhecendo a aliança lusa entre Ibn Caci e Afonso Henriques, Mrs Bray aproveitou da maneira mais feliz uma ocorrência histórica de amplitude peninsular:

«Alliances with Christian kingdoms were not unknown, having been used considerably in the *Muluk al-tawa'if* period [reinos 'Taifas'], to the advantage of both sides» (59).

Mesmo não tendo qualquer conhecimento da hipotética existência de um espírito luso-árabe diverso do andaluz, e não se podendo ter baseado numa tradição literária inexistente, como procurámos demonstrar, será na nobreza de carácter e, acima de tudo, na faceta melancólica, nos traços místicos e no sentido de devir histórico particularizados em «Hassan», o Talba, que encontramos uma identificação com a visão do herói português que Camões transmitiu à Europa, os viajantes e lusófilos divulgaram e o Romantismo português quis consagrar.

(57) DOMINGUES, José Garcia, *História Luso-Árabe, Episódios e Figuras Meridionais*, Lisboa, Pro-Douro, 1945, p. 336.

(58) *Ibidem*, p. 337.

(59) GOODRICH, David Raymond, *A 'Sufi' Revolt in Portugal: Ibn Qasi and his «Kitab Khal' Al-Na'Layn»*, Columbia, The University Press Microfilms, 1978, p. 21.

Pensamos ter sido objectivo de Anna Eliza Bray a criação de um nobre mouro de Portugal, na medida em que nele se conciliam a grandeza e honradez de uma raça vencida, que ela admirava, e a imagem do homem português no seu melhor. Assim, a temática luso-mourisca, distinta da granadina em termos históricos, góticos e exóticos, revela-se uma forma diferente e inovadora de abordar o tema de Inês de Castro e de falar dos portugueses, eles próprios, afinal, uma outra minoria rebelde face ao centralismo castelhano.

Por tudo isto, na figura de «Hassan», o Talba, podemos vislumbrar muito daquilo que o estrangeiro viu em nós ao longo dos tempos — que cada português possui em si também algo de mouro.

RECENSÃO CRÍTICA

JOHN PEMBLE, *THE MEDITERRANEAN PASSION. VICTORIANS AND EDWARDIANS IN THE SOUTH*, OXFORD, OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1987

Maria Teresa Pinto Coelho

Num momento em que se multiplicam as publicações de relatos de viagem e em que se desenvolvem os estudos sobre a Imagem que de nós, Portugueses, o Outro (sobretudo o inglês ou o francês) recriou, valerá apenas ler *The Mediterranean Passion*.

O livro de John Pemble, sobre a presença dos países mediterrânicos no imaginário vitoriano e eduardiano, vem preencher uma lacuna deixada pela ainda que vasta bibliografia sobre o viajante britânico e o seu papel no desenvolvimento da chamada literatura de viagens ⁽¹⁾. Na verdade, os especialistas do género têm-se, sobretudo, debruçado sobre o Grand Tour ⁽²⁾ ou as tão citadas peregrinações românticas de figuras literárias como Beckford, Southey ou Byron ⁽³⁾. Pelo contrário, *The Mediterranean Passion* analisa o período compreendido entre 1830 e 1914, uma época pouco considerada pela crítica, talvez porque, pela sua progressiva divulgação, a viagem perdera aquele carácter quase mítico que anteriormente a caracterizara.

⁽¹⁾ A designação de literatura de viagens tem-se revelado polémica, não tendo até agora sido estabelecida uma tipologia precisa. Por esta razão adoptaremos a linha de pensamento seguida por Percy G. Adams, que considera estar incluído na literatura de viagens qualquer texto resultante de uma deslocação real ou fictícia, independentemente do seu grau de literalidade. A este respeito veja-se, do autor, *Travel Literature and the Evolution of the Novel*, Lexington, the University Press of Kentucky, 1983 e *Travellers and Travel Liars*, New York, Dover Publications, 1980.

⁽²⁾ Ver, por exemplo, William Edward Mead, *The Grand Tour in the Eighteenth Century*, Boston, Houghton Mifflin Century, 1914; G. B. Parks, «Travel as Education», in *The Seventeenth Century Studies in the History of English Thought and Literature from Bacon to Pope*, Stanford, California, 1951, pp. 266-290 ou, mais recentemente e baseado na série televisiva da BBC, Christopher Hibbert, *The Grand Tour*, London, Methuen, 1987.

⁽³⁾ Sobre o viajante romântico consultar a tese de doutoramento de Mary Sue Robinson Morrill, *The British Literary Traveller on the Continent 1795-1825*, facsimile printed by Microfilms International, Ann Arbor, Michigan, U.S.A.

The Mediterranean Passion começa onde a maioria dos outros estudos acaba. Começa quando a revolução nos meios de transporte alarga a viagem a um maior número de pessoas e os objectivos que haviam presidido ao Grand Tour são substituídos por princípios ditados por uma nova ordem económica e social (4). É então que John Pemble se propõe levar-nos a viajar pelos países mediterrânicos, primeiro ainda a cavalo, depois de barco a vapor e, finalmente, de comboio. Os locais visitados serão, fundamentalmente, a Itália, o Sul de França e o Egipto. O autor quase não se refere a países como a Grécia e a Espanha, destinos de somenos importância para o viajante da época, o mesmo acontecendo com a Argélia e a Palestina. Quanto a Portugal, é mencionado apenas uma vez, a propósito das viagens motivadas por razões de saúde:

«Madeira and Lisbon, much in vogue during the war years, when the Continent was closed to British visitors, had already dropped out of favour with the return of peace and the reopening of the Mediterranean countries.» (p. 85)

Esta afirmação refere-se ao período das Guerras Napoleónicas que, dados os perigos que apresentava ao viajante e conseqüente redução do fluxo de deslocamentos ao Continente, é geralmente considerado como o fim do tradicional Grand Tour. Seria, porém, nessa época que Portugal se abriria a um outro tipo de viajante, aquele que não se deslocava por razões que hoje em dia seriam consideradas turísticas, mas que, de uma forma ou de outra, fazia parte do teatro de guerra (5). O mesmo aconteceria por ocasião da Guerra Civil (6). John Pemble parece não conhecer os relatos sobre Portugal e mesmo sobre a Espanha, afirmando acerca desta última:

«Spain, until quite late in the nineteenth century, still seemed as remote as it had seemed in the eighteenth.» (p. 48)

(4) Embora o Grand Tour tivesse as suas origens na época isabelina, é no século XVIII que ele se expande, tornando-se quase uma instituição. A essa deslocação ao Continente, que tinha uma duração média de três anos, estava associado o lema «pleasure and instruction» perpetuado no prefácio de Fielding a *The Journal of a Voyage to Lisbon*. A viagem enquadrava-se, assim, no espírito iluminista, aliando à vertente lúdica o seu carácter didáctico. Tal viria a modificar-se com o Romantismo e, posteriormente, com o desenvolvimento dos meios de transporte.

(5) O número de relatos de viagem escritos por ingleses sobre o período das invasões francesas é vastíssimo. Destacamos: Andrew Halliday, *The Presente State of Portugal and of the Portuguese Army: with an Epitome of the Ancient History of that Kingdom a Sketch of the Campaigns of the Marquis of Wellington for the Last Four Years: and Observations on the Manners, Customs of the People, Agriculture, Commerce, Arts, Sciences and Literature*, Edinburgh and London 1812; George Landmann, *Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal, Illustrated by Seventy-five Coloured Plates, Including Authentic Plans of the Sieges and Battles Fought in the Peninsula During the Late War*, 2 vols, London, 1818, ou William Francis Patrick Napier, *English Battles and Sieges in the Peninsula*. Extracted from his «History of the Peninsular War», London, 1855.

(6) O conflito entre liberais e absolutistas é também largamente retratado pelos viajantes britânicos, desde a tomada do poder por D. Miguel até à derrota das forças absolutistas. Veja-se, por exemplo, G. Lloyd Hodges, *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832*, 2 vols, London, 1833; James Edward Alexander, *Sketches in Portugal During the Civil War of 1834. With Observations on the Present State and Future Prospects of Portugal*, London, 1835; Charles Napier, *An Account of the War in Portugal Between Don Pedro and Don Miguel*, 2 vols, London, 1836.

Basta-nos consultar as bibliografias da especialidade (?) para ver que a partir de meados do século XVIII se intensificam as viagens de cidadãos britânicos à Península, no caso de Portugal sobretudo após o Terramoto. Embora não fizesse parte do tradicional Grand Tour, Portugal torna-se, a partir de então, alvo da curiosidade e satisfação da necessidade de exotismo do viajante britânico (?). Este movimento não mais iria parar, passando pela fase dos românticos, das já mencionadas invasões francesas e da guerra civil e estendendo-se mesmo para além de 1830, a data limite escolhida por John Pemble como início da sua investigação. Na segunda metade do século XIX ainda há vários ingleses que se deslocam a Portugal e publicam as suas impressões. É, por exemplo, o caso de William Henry Giles Kingston, Terence MacMohan Hughes ou Oswald Crawford (?).

Porém, não se poderá comparar o peso da literatura de viagens sobre Portugal com a vasta produção escrita dedicada à Itália, quer na época estudada pelo autor, quer anteriormente. De facto, *The Mediterranean Passion* centra-se primordialmente no fascínio que a Itália desde sempre exerceu no viajante britânico. Embora haja referências à Riviera Francesa e ao Egipto, estes países ocupam um lugar secundário na investigação de John Pemble, já que só tardiamente se converteria em objecto da curiosidade britânica. O Egipto tornar-se-ia popular no final do século, especialmente a partir de 1882, quando se tornou um protectorado da Grã-Bretanha. Quanto às estâncias da Riviera Francesa, apenas ultrapassariam a Itália a partir dos finais da década de 60.

É, na verdade, especialmente para Roma, Florença e Veneza, cidades que já na época do Grand Tour constituem os principais pólos de atracção, que confluem os viajantes vitorianos e eduardianos. Serão eles os nossos companheiros de viagem ao longo de *The Mediterranean Passion*. Trata-se, como explica John Pemble, de um grupo sócio-cultural específico constituído por membros da alta burguesia e da aristocracia, representantes do mundo literário e artístico, intelectuais e académicos, os quais deixaram registadas imagens que durante muito tempo povoaram a imaginação dos seus leitores e muito contribuíram para a construção do mito do Sul.

O autor utiliza uma vasta e interessante bibliografia, que compreende não só relatos de viagem, mas ainda cartas, autobiografias, livros de memórias e romances. É através de todos estes subgéneros da literatura de viagens que percorreremos os caminhos seguidos por escritores, pintores, historiadores, filósofos, jornalistas, sociólogos, médicos e veremos como a viagem ao Sul influencia a literatura da época e está ligada à própria vida pessoal de figuras

(?) Ver o terceiro volume de Arturo Farinelli, *Studie Documenti... Viajes por España y Portugal. Desde la Edad Media hasta el siglo XX. Nuevas y Antiguas Divagaciones Bibliograficas*, Firenze, 1944.

(?) Para uma visão geral da história dos viajantes britânicos em Portugal, poderá consultar-se Rose Macaulay, *They Went to Portugal*, London, Jonathan Cape, 1946 e Félix Walter, *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'époque romantique*, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.

(?) Respectivamente: *Lusitanian Sketches of the Pen and Pencil*, 2 vols, London, 1845; *An Overland Journey to Lisbon at the Close of 1846; with a Picture of the Actual State of Spain and Portugal*, 2 vols, London 1847 e de Crawford, *Portugal Old and New*, London, 1882 e *Round the Calendar in Portugal*, London, 1890.

como Oscar Wilde, George Eliot, o casal Browning, Foster, Dickens, D.H. Lawrence, entre outros.

Poderíamos pensar à primeira vista que se trataria de uma apresentação de livros e autores, um levantamento de locais, um enumerar das opiniões expressas com a ironia e o distanciamento a que os viajantes ingleses nos habituaram. Porém, rapidamente nos apercebemos de que se trata de algo muito diferente. *The Mediterranean Passion* não é apenas um registo do que os ingleses achavam do Sul, uma catalogação de atitudes face ao universo de chegada do viajante, mas um meio de compreensão da sociedade vitoriana e eduardiana. Como anuncia o autor na Introdução:

«No understanding of the lives of the Victorian and Edwardian leisured and literary classes can be complete without some knowledge of how they travelled to the South, where they went in the South, why they went, how their experiences shaped their attitude, and how their attitudes shaped their experience.» (p. 14)

Assim, não é tanto a viagem do Outro que o autor pretende descobrir na literatura de viagens da época mas em que medida a visão do Outro é espelho do mundo do Eu.

Já em *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte*, publicado em 1982, Michael Harbsmeier apontara as vantagens de tal metodologia, indicando um novo caminho no estudo de testemunhos de viagem, que até então eram apenas vistos como fontes de estudo dos países a que se referem:

«In Anbetracht dieser Schlage muß man sich eigentlich wundern, warum bisher so wenige auf den Gedanken gekommen sind, die eingangserwähnte Eigenart der Reisebeschreibungen als eigentliches Erkenntnisobjekt auszusehen, d.h. die Reiseberichte nicht als Quellen zu den beschriebenen Ländern oder der literarischen Phantasie ihrer Autoren, sondern ganz einfach als Zeugnisse für die Mentalität seines Heimatlandes anzusehen.»⁽¹⁰⁾

Tal perspectiva, raramente adoptada, é duplamente reveladora: não só permite, através do olhar crítico de quem observa, conhecer os hábitos e costumes dos países visitados mas também as razões pelas quais tais costumes são vistos segundo uma óptica específica. Assim, depois dos capítulos iniciais que nos dão a conhecer *como e para onde* se viajava, o autor apresenta os motivos que condicionaram, limitaram e desfiguraram a imagem dos países mediterrânicos pelo grupo sócio-cultural que constitui o *corpus* da investigação.

A ascendência do Evangelismo a partir da década de 30 é apontada pelo autor como um dos factores explicativos de muitas das reacções perante os

⁽¹⁰⁾ *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte*, Wolfenbüttel, Hekners Verlag, 1982, p. 1.

países visitados, assim como da atitude face à viagem em si. Ao defender a disciplina moral e a auto-mortificação e ao olhar com desconfiança o prazer estético e o deleite dos sentidos, o Evangelismo enfatiza o valor do trabalho e negligencia as distrações mundanas. A diversão é, pois, moralmente condenável, como afirma Walter E. Houghton ao caracterizar a mentalidade vitoriana:

«Only by realising what a desperate struggle the moral life entailed, both to resist temptation and to train the will, can we do justice to the Victorian taboos, so often and so easily ridiculed: the prohibition of dancing, cards, and the theater; of reading various works of literature.»⁽¹¹⁾

Numa época em que Deus e trabalho, salvação e respeitabilidade, seriedade moral e ambição social são conceitos-chave, o acto de viajar corria o risco de ser interpretado como um sinónimo de diversão e, portanto, uma ameaça aos valores morais e sócio-económicos que regiam o comportamento do viajante. Viajar era quase que anti-patriótico:

«The Victorians, it seems, found it almost better to travel purposefully than to arrive. This was because they were conditioned to regard absence abroad — especially prolonged absence — as something suspect and subversive. Abandoning Britain meant abandoning home. It therefore threatened all the cherished values that Home implied — fidelity, obedience, connubial affection, and a stable and rooted existence. [...] Furthermore, going abroad subtracted strength from the national fight against spiritual and material destitution.» (p. 53)

A viagem deveria, portanto, ser encarada e empreendida com um duplo objectivo moral e cultural, constituindo não só um meio de aprendizagem como também uma fonte de aperfeiçoamento espiritual. Como afirma F. M. L. Thompson:

«They took their holidays very seriously indeed, and expected to return home mentally, spiritually, and physically refreshed and enriched.»⁽¹²⁾

Subjacentes à viagem encontram-se, assim, atitudes falaciosas, já que a deslocação ao Sul esconde motivos muitas vezes não confessados porque considerados indignos, pecaminosos ou impuros segundo os códigos sociais e morais interiorizados pelo viajante. São esses códigos que o autor vai decifrar:

«This bias towards disapproval influenced the language in

⁽¹¹⁾ *The Victorian Frame of Mind, 1830-1870*, Yale University Press, 1957, p. 236.

⁽¹²⁾ *The Rise of Respectable Society*, London, Fontana Press, 1988, p. 263.

which Victorians and Edwardians wrote about their travels to the Mediterranean. They adopted a defensive posture and exculpated themselves by invoking solemn purposes. Only with the arrival of the rebels of the Auden generation did it become a British literary fashion to advocate travel for its own sake and to proclaim the awfulness of Home as the justification for going Abroad. Before the Great War, leisured and literary Britons did not write in such iconoclastic terms. They used a different language of justification.» (p. 54)

Entre as justificações apresentadas e aceites como plausíveis para a deslocação ao estrangeiro contam-se razões de saúde, objectivos culturais e motivos de ordem religiosa, estes últimos no que diz respeito às visitas à Terra Santa. Porém, a viagem surge frequentemente como exílio para relações amorosas não aprovadas pela sociedade e para esconder problemas financeiros. Estas são algumas das intenções não reveladas. No primeiro caso estão em cheque valores morais e sexuais, as noções de *home*, casamento, família, princípios tão caros à sociedade vitoriana. No segundo caso é posto em questão todo um conjunto de valores que estão na base de uma sociedade que alia o sucesso pessoal e financeiro ao temor a Deus.

Vemos, portanto, que quer os motivos declarados, quer as intenções secretas fazem parte de um código de dissimulação que espelha uma sociedade reprimida por padrões de comportamento demasiado rígidos. A viagem ao Mediterrâneo é, assim, interpretada por John Pemble como uma forma de evasão, uma possibilidade de entrega à diversão, a libertação de um sentimento de culpa incutido pela religião, um contraponto para uma mentalidade pessimista e negativa que descrê da Humanidade e desconfia de tudo o que possa constituir paradigma de recreação.

O autor cita exemplos da literatura oitocentista que comprovam o aproveitamento da viagem como símbolo de libertação no sentido do quebrar a barreira dos preconceitos sociais. São prova disso as heroínas dos romances *Middlemarch* de George Eliot, *The Emancipated* de George Gissing e *A Room with a View* de Foster. Dorothea, Miriam Blake e Lucy Honeychurch, respectivamente, são exemplos de mulheres que, por acção da viagem, se libertaram das convenções rígidas da sociedade britânica. Segundo John Pemble, nos três romances mencionados os autores «detect in the rich art and emotional life of the South an invitation to relationships based on sympathy, and sincerity rather than on rules of conduct.» (p. 157)

Porém, a imagem do Sul não é apenas uma imagem positiva. É uma imagem ambivalente, já que o viajante nunca se liberta de um sentimento de culpa, do sentido mórbido do pecado e da necessidade de transformar a viagem num instrumento de elevação moral. John Pemble apresenta-nos vários casos ilustrativos, desde a forma como a viajante vitoriano encara a arte (não como um objecto de prazer estético mas, na linha de Ruskin e, de acordo com o espírito evangélico, um meio de aperfeiçoamento moral) até à tendência para ver nos grandes impérios do Sul símbolos do colapso político resultante da degeneração moral. Estes exemplos mostram como os viajantes contam mais o que esperam ver do que aquilo que realmente encontram, justificando a visão deturpada da realidade com razões extraídas dos valores que regem a sua própria sociedade. Como nos diz o autor:

«British historians and British travellers approached the South expecting to encounter turpitude; and, predictably enough, what they expected to find, they did find.

Historians found it in the public crimes and private vices associated with the later Roman Empire, the Borgias and the Medicis, the Renaissance Papacy, and the Republic of Venice.» (p. 236)

Um dos aspectos mais focados pelos viajantes e que constitui alvo de críticas acerbas é a religião. Mais uma vez, como explica o autor, a posição face à Igreja Católica também só poderá ser compreendida se tivermos em conta o universo mental do viajante:

«So British visitors to the South brought much of their sense of sacrilege with them. They arrived already deeply hostile to the Roman Church and constructed an image of her from the ingredients of old prejudice.» (p. 226)

Nos seus escritos os viajantes criticam o ritual das missas católicas, a idolatria, a mendicância, os conventos. Uma constante nas queixas britânicas contra a liturgia católica é o seu carácter de espectáculo, que a aproxima do teatral. Segundo John Pemble:

«To the Protestant mentality [...] Papal symbolism was a meretricious pretence which usurped, in a ineffably preposterous way, the reverence due only to the ultimate Reality. It linked Christianity with the theatre; and the theatre, as a simulacrum, an illusion, was by implication the antithesis of truth.» (p. 214)

Estas observações sobre a religião não poderão deixar de nos fazer lembrar outras tantas opiniões extravasadas nos relatos sobre Portugal saídos da pena de viajantes ingleses ao longo dos séculos XVIII e XIX. Por todos eles perpassa, invariavelmente, uma atitude de estranheza e desprezo pelas manifestações da Igreja Católica. Os viajantes descrevem pormenorizadamente festividades religiosas, como o Natal ou a Páscoa, e cerimónias como funerais, casamentos ou baptizados, para além de tecerem comentários não isentos de ironia cada vez que encontram padres pelas ruas de Lisboa ou cenas do culto Mariano. A sua atitude assemelha-se à dos viajantes vitorianos estudados em *The Mediterranean Passion*, e uma das explicações fornecidas pelo autor poderá aplicar-se também no caso dos relatos de viagem sobre Portugal. Diz John Pemble:

«Because they were conditioned by their education and their literature to associate Catholic clergy with the Inquisition, martyrs, cunning sophistry, and stifled lights of science, whenever they encountered priests Victorian travellers saw images of evil, dredged from the depths of Protestant prejudice.» (p. 215)

Também a forma como os viajantes vitorianos e eduardinos vêem os povos dos países visitados encontra paralelo nos livros de viagens sobre Portugal. De acordo com John Pemble:

«Victorian and Edwardian travellers, like censorious school-teachers, peppered their reports with animadversions on the Mediterranean character. The Greeks were mendacious and perfidious; the Arabs were idle, abject and sensual; town Italians were frivolous, vicious and scheming; Italian peasants were shifty, cunning, and shameless.» (p. 237)

Quanto aos Portugueses, são geralmente classificados de indolentes, mandriões, incivilizados, ignorantes e supersticiosos, entre outros epítetos. É a superioridade do inglês face ao homem do Sul, de uma sociedade industrial face a sociedades agrárias. No caso de Portugal, este sentimento de superioridade justifica-se ainda por razões históricas, nomeadamente pelas vicissitudes da Aliança luso-britânica. O inglês vê-se como o protector e libertador de Portugal, primeiramente no caso das invasões francesas e depois quando da Guerra Civil. Os relatos destas épocas caracterizam-se pelo culto do herói, Wellington e Charles Napier, respectivamente. Este aspecto está ligado a uma determinada forma de imperialismo, também detectado por John Pemble, uma vez que irá acentuar-se a partir de meados do século XIX:

«It was very difficult for a visitor to the Mediterranean not to be reminded of Britain's economic and military might. The English flag flying over the fortifications of Gibraltar, and the appurtenances of trade and empire in Malta, Cyprus, and Egypt, all recalled to the itinerant Victorian the weight of the British ledger and the power of the British sword.» (p. 269)

A noção da supremacia britânica é grandemente responsável pela quase que ausência de relações com os povos visitados. Os viajantes recriam no estrangeiro a insularidade que os caracteriza geograficamente. Os ingleses no Sul não são mais do que ilhas da sua Ilha, mantendo-se isolados das comunidades mediterrânicas e unidos nos seus grupos nacionais, o que não permite o verdadeiro conhecimento e compreensão de outras formas de viver. Também esta atitude é justificada pelas características do seu mundo de origem:

«If the British touched Southern life too lightly to receive its imprint or extract its essence, this was due partly at least to omission and evasion on the Mediterranean side. Southern society offered nothing equivalent to the professional, financial, and industrial bourgeoisie of Victorian Britain, so it was difficult for middle-class travellers to find abroad a social group with whom they could readily identify and associate.» (p. 263)

Separatismo religioso, maior desenvolvimento industrial e económico, sentimento de superioridade, tudo contribuiu para a formação de uma imagem distorcida dos países mediterrânicos e justifica, em grande parte, a subjectividade dos testemunhos de viagem. Os viajantes criam um mundo mítico, que não é mais do que uma resposta às suas próprias necessidades. É esta a tese

defendida por John Pemble. A paixão pelo Mediterrâneo revela-nos mais sobre os viajantes do que sobre os países visitados:

«But if their visits contributed little to an understanding of the Mediterranean, they have contributed much to an understanding of the Victorians. Although the South did not reveal itself to them, they revealed themselves to the South.» (p. 274)

Poderemos dizer que a imagem dos países mediterrânicos se converte em estereótipo, já que encontramos nela temas e motivos recorrentes. Como vimos, a imagem de Portugal integra-se, em grande parte, neste grande estereótipo do Sul. Seria interessante estudar detalhadamente os pontos de contacto presentes nesta relação. Para tal seria necessário ter em conta quer a realidade portuguesa, quer a evolução da sociedade inglesa. Como mostra John Pemble, trata-se de um estudo complexo, já que por detrás de uma aparente linearidade se encontram atitudes ambivalentes justificadas pelo horizonte de expectativas do viajante.

É este o grande mérito de *The Mediterranean Passion*. O autor nunca perde de vista o universo moral, religioso e sócio-cultural do viajante e, para além de nos levar pelo Mediterrâneo, transporta-nos até à Inglaterra vitoriana e eduardina, apresentando-nos uma história mental da viagem, onde se entrecruza um leque de disciplinas que se estende da história à arqueologia, da literatura à pintura, da medicina à filosofia. É com paixão que o acompanhamos.

PREÇO: 750\$00

Instituto Nacional de Investigação Científica